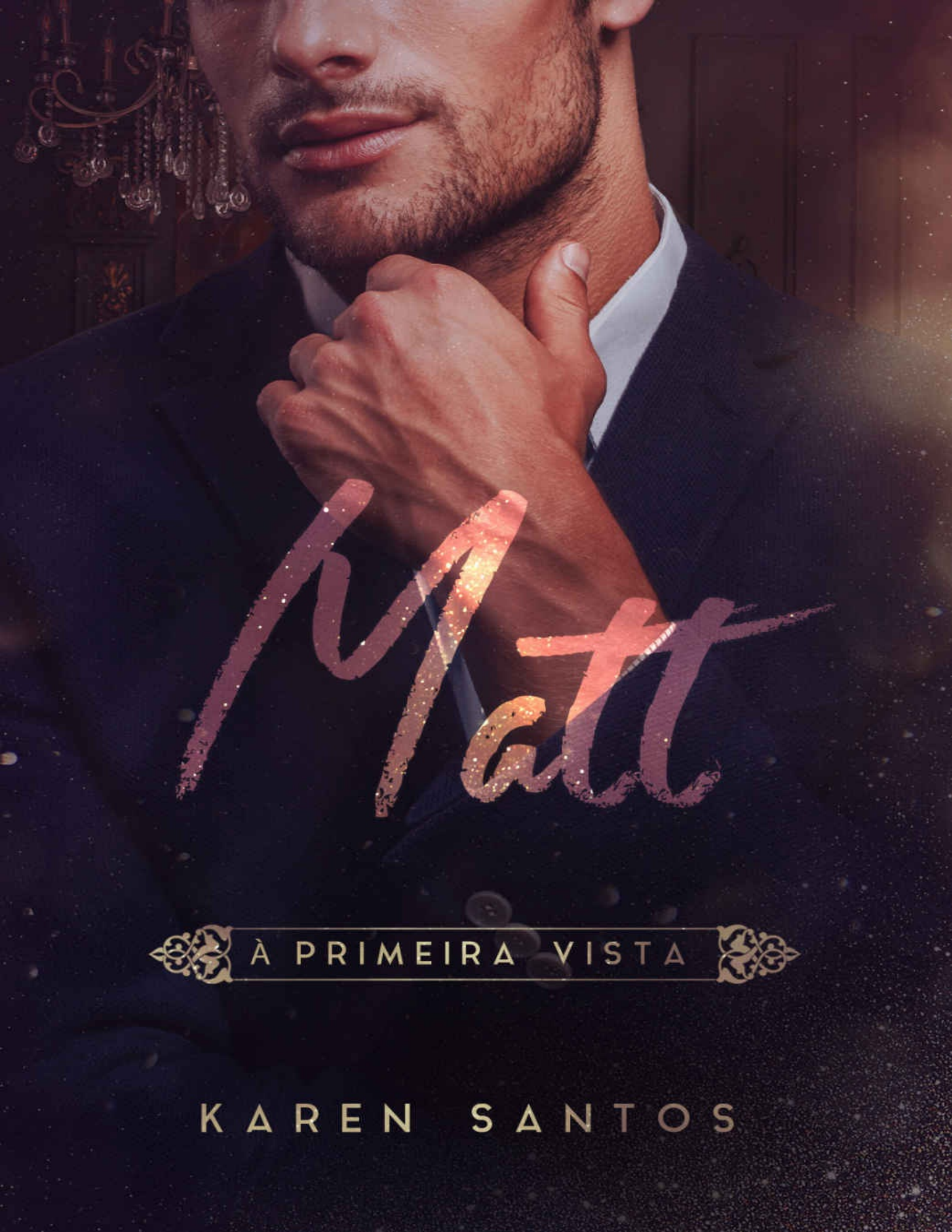




Matt

À PRIMEIRA VISTA

KAREN SANTOS



Matt

À PRIMEIRA VISTA

KAREN SANTOS

Matt: À Primeira Vista @ 2021. Todos os direitos reservados.

Obra protegida pela Lei 9.610 de 1998 (Lei de Direitos Autorais)

É proibida a reprodução gratuita ou comercial dessa obra sem a autorização da autora. É proibida a reprodução parcial da obra, mesmo que de forma gratuita, sem os devidos créditos. Á Primeira Vista é uma obra de ficção, qualquer semelhança com pessoas ou fatos reais é mera coincidência.

Apaixonada por um desconhecido? Sarah Hamilton tem uma fixação: espiar o lindo estranho que todos os dias pega o elevador no mesmo horário que ela. Sarah sabe que ele é bem-sucedido demais para observar os olhares de uma simples secretária.

Ela não poderia estar mais enganada. Matthew Hunt é o diretor comercial da Hunt Enterprise e adquiriu uma nova obsessão: descobrir quem é a loira do elevador. Depois de dois meses lutando contra sua curiosidade, ele arma um plano que o fará trabalhar lado a lado com a mulher misteriosa. Uma nova relação que pode ir muito além do escritório e fazer Matthew quebrar sua única regra: nunca se apaixonar.

Conheça a primeira história de amor dos irmãos Hunt e se apaixone pela família de homens morenos e sensuais.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

Epílogo

CAPÍTULO 1

Sarah

Eu tenho um segredo: sou obcecada por um desconhecido. Nos encontramos pela primeira vez há seis meses, mais ou menos. “Ele” é alguém acima de mim na Hunt Enterprise, o lugar em que trabalho. Terno caro, gestos de confiança e um olhar que poderia dominar o mundo, mas ainda assim, não o conheço.

Aos 25 anos, achei que já teria um bom emprego, talvez um apartamento decente, um bom guarda-roupa e um monte de outras coisas que não

aconteceram. O que aprendi nesses últimos anos depois da universidade? A fazer café, ir para a lavanderia e ter minhas ideias descartadas porque era uma simples secretária. “Ele” era de outro tipo, muito diferente de mim. Não parecia ir até a lavanderia por alguém ou fazer café. Seria a pessoa do outro lado, aquela que espera suas vontades serem satisfeitas.

Minha obsessão começou na primeira semana na Hunt Enterprise, ainda nos dias incertos do começo de um novo trabalho. Não eram nem mesmo oito da manhã, o saguão do prédio estava vazio e vi as portas do elevador se fecharem a poucos metros de distância. Sem hesitar, corri e gritei – apesar de não estar atrasada ou algo parecido. Não deveria ter gritado, eu sei, mas toda a cena já era chamativa demais para a novata naquela empresa.

— Segure o elevador, por favor! — pedi enquanto me aproximava a passos rápidos.

A primeira coisa que vi foram as mãos segurando a porta. *Tenho delirado sobre suas mãos grandes e dedos finos.*

Quando entrei na pequena caixa metálica, tive um impacto ainda maior.

Ele era alto, mais de vinte centímetros de diferença entre meus 1,65m. De algum jeito, sabia que, se chegasse perto, eu me encaixaria perfeitamente em seu pescoço. *Eu apenas sabia.* Sua face era angulosa, com as maçãs do rosto marcadas e a barba por fazer. O mais belo par de olhos que já vi, um verde

meio oliva, que combinava com sua pele morena e o cabelo castanho-escuro.

O desconhecido vestia um terno escuro de corte perfeito e me olhou profundamente por alguns segundos antes de afastar a vista, centrando sua atenção no relógio enquanto eu não conseguia desviar o olhar. Estávamos apenas nós dois dentro do elevador. Ele e seu cheiro que dominava meus sentidos, exalando um campo de força que me atraía como um ímã, eu reparava em cada pequeno detalhe daquele homem. Com meu olhar preso a ele, me aproximava passos diminutos a cada novo andar.

Percebi o que estava fazendo e encarei meus sapatos constrangida e esperando que ele não tenha notado minha observação insistente, minha respiração acelerada e meu choque pela aura sexual que o desconhecido exalava.

Foram 30 segundos torturantes até chegar ao 10º andar, meu destino. Saí murmurando um “obrigada” e com vergonha de encará-lo.

Ele permaneceu até os andares executivos.

O homem tornou-se meu companheiro de elevador nos dias seguintes – não por sorte, mas porque insistia em estar no saguão do prédio todas as manhãs, no mesmo horário, muito antes do meu expediente, como um horário marcado para meus poucos instantes roubados com ele. Era meu show particular, polidos “bom dia” murmurados em poucos segundos e pequenas

visões do desconhecido. Dia após dia, absorvendo pequenas coisas sem nunca ouvir mais do que um simples cumprimento.

Fiquei obcecada, reconhecia com vergonha. Ele era todo um macho alfa, exalando poder, enquanto eu era uma simples secretária. Um clichê pronto para explodir na minha cara a qualquer momento.

Meu coração batia forte, minhas pernas viravam gelatina e minha calcinha ficava molhada cada vez que dividia o elevador com “Ele”. Não precisava de muito mais do que me tocar para chegar ao orgasmo ou ter sonhos eróticos protagonizados pelo desconhecido. Tudo por manhãs divididas, alguns “bom dia” e segundos dentro do elevador. Era toda a vida romântica que tive em muitos meses. Ellie, minha melhor amiga, achava uma grande besteira e queria que eu conseguisse um cara de verdade. “*Sua imaginação não vai fazer sua teia de aranha ir embora, Sarah, não importa quantas vezes você use o vibrador pensando nele*”, ela repetiu várias vezes como se fosse um mantra.

Mas o que fazer quando nenhum homem real conseguia superar o desejo que eu sentia pelo desconhecido? *Era um caso perdido.*

— Alguma ideia de como pegar o gostoso do elevador? – Ellie questionou, trazendo-me de volta para a realidade. Minha melhor amiga me encarou com uma pergunta nos olhos enquanto tomava mais um gole de seu Sex in the Beach.

Não soube como respondê-la, e percebi que Ellie não entendia completamente meus sentimentos por algo tão banal. Para minha amiga, era questão de conseguir um homem verdadeiro para superar minhas fantasias, mas o que ela não entendia é que a lembrança do desconhecido era mais forte do que qualquer sentimento que pessoas reais me despertaram nos últimos meses. Acho que contei para Ellie a respeito “dele” porque, apesar dos julgamentos, isso transformava meus encontros matinais em algo palpável. *Real.*

Como minha amiga queria provar um argumento, ela me convidava para bares depois do trabalho, disposta a me fazer conhecer um homem real. Para Ellie, ou era isso ou fazer um movimento para atrair a atenção do desconhecido. A maioria das empresas tinha regras sobre relacionamentos de funcionários, e eu não queria colocar meu emprego à prova para construir um relacionamento, por mais bonito que o desconhecido fosse.

Sentada neste bar, remexendo meu Cosmopolitan desconfortavelmente, procurei uma resposta para Ellie. *Alguma “ideia” para o moreno engravatado do 29º Andar...*

Sim, eu sabia qual era o destino do desconhecido todas as manhãs. Tentei investigá-lo sem chamar atenção e entre outras coisas, fiquei parada na porta do elevador fechado enquanto acompanhava o mostrador e esperava que o homem chegasse a seu andar. Certifiquei-me de fazer isso três vezes para ter

certeza. *Patético, eu sei.* Ele ia ao 29º andar, onde os executivos e o CEO da empresa ficavam. Fui até lá com uma desculpa, mas não o encontrei, então procurei por todos os nomes que encontrei nas mesas. Nenhum deles era meu moreno. “*Meu*”. Tive que rir do quão idiota eu era.

— Não vou fazer nada, Ellie. Não posso colocar meu emprego em risco. Deus sabe quando Marisa vai me deixar na mão e vou perder o apartamento. Qualquer dinheiro conta.

— Você pode morar comigo, amiga. Meu sofá estará sempre lá e sente saudades suas — Ellie respondeu sorridente.

— Eu sei.... É que foi tão difícil arranjar um lugar. Fiquei tanto tempo com você.... Não quero incomodar. Você também precisa lidar com suas teias de aranha, e sua amiga no sofá não vai ajudar — expliquei, minha amiga deixando seu sorriso murchar conforme ouvia minhas palavras.

Ellie não gostava de se prender a ninguém, e os seis meses que passei em seu apartamento depois da faculdade não fizeram maravilhas para sua vida sexual. Era sobre algo que ela não quis me contar, mas eu sabia que estava ali: Ellie nunca quis ter relacionamentos e parecia que essa decisão influenciava cada ponto da sua vida. Eu a conheci na universidade e ficamos amigas. Ela foi o motivo de eu ficar em Los Angeles depois de me formar.

Quer dizer... Ela e a proposta do banco, meu maior erro da carreira.

Formei-me em negócios e fui atrás do meu sonho, pensando em ser assistente de alguém até aprender a ter minha própria empresa ou um cargo de confiança. Minha mãe foi uma assistente, uma daquelas que não dá para viver sem. Nunca me envergonhei de ter ido pelo mesmo caminho tentando algo maior. Precisava decidir se voltava para Massachusetts ou não e saber o que fazer da minha vida, mas nenhum emprego me chamava depois de entrevistas. A perspectiva de sair do estado não me animava, mas era a única que eu tinha... Até que o banco me ligou.

Eles pagavam ridiculamente mal e não tinha mais a bolsa para me manter. Ellie morava sozinha em um apartamento universitário que estava sempre vazio, porque ela passava seu dia na biblioteca ou trancada no quarto rodeada livros de direito. Foi dessa forma que terminei no sofá de Ellie, dividindo o pequeno espaço enquanto ficava cada vez mais infeliz com meu trabalho. Sabia que tinha feito a escolha errada: as pessoas eram más gratuitamente, gritavam, diziam que nada que eu fazia era do jeito que deveria ser feito e me mandavam o tempo todo fazer coisas que não eram minha responsabilidade: café, correio, lavanderia, entrega... Foram mais meses de entrevistas, nenhuma ligação e ainda querendo sair do banco, mas sem poder me dar ao luxo de jogar o emprego ruim para o alto.

Quando finalmente consegui uma nova oportunidade em uma empresa de contabilidade, pude conseguir um apartamento só meu e caí no encanto de

Marisa. Ela era uma aspirante a atriz que parecia muito legal, mas terminou sendo o demônio em forma de gente depois que assinei o contrato de aluguel. Sem uma renda fixa, ela não conseguia um lugar para morar. Sem ludibriar uma pessoa inocente, Marisa não poderia manter seu estilo de vida. Festas, barulho, bagunça e um monte de outras coisas planejadas para me fazer sair e ela ficar com o apartamento inteiro apesar do meu nome estar no contrato. *Não sei o que pensei quando decidi dividir um apartamento com uma desconhecida.*

Eu tinha um compromisso: se saísse, pagaria multa, se ficasse e Marisa não honrasse sua parte do apartamento, seríamos postas na rua. Rezava todos os dias para que ela continuasse fazendo comerciais de hemorroidas ou qualquer coisa idiota que conseguia. Conformei-me com toda a merda de Marisa e passei a economizar todo o dinheiro possível para comprar uma casa. Meus pertences também não eram lá grandes coisas: tinha apenas o necessário para enfiar em uma mala e conseguir sair rápido se precisasse. Minha mobília de segunda mão poderia ficar para trás se houvesse necessidade, e não me animava ter coisas novas, não quando corria o risco de que algum amigo de Marisa quebrasse o item durante uma das festas.

O emprego na empresa de contabilidade era estável, com um salário que me deixava pagar meu aluguel, mas tinha um problema: o chefe achava que eu estava no menu e aproveitava todo o momento para se esfregar ou passar a

mão nas funcionárias. Viver assim era uma merda, eu estava entregando meus pontos quando me candidatei a uma vaga na Hunt Enterprise. Uma posição pior do que a do escritório contábil, porém infinitamente melhor para mim, eu era assistente geral de vários setores, uma espécie de faz-tudo para quem não era executivo. O salário era praticamente o mesmo, mas teria mais experiência e me livraria do chefe assediador.

Foi como tudo começou com o desconhecido no elevador. Tinha uma rotina ocupada com diversas atividades e com meus poucos minutos no elevador todas as manhãs. Poderia mentir para mim mesma e dizer que chegar cedo fazia parte da minha organização, mas eu sabia: estaria lá para vê-lo, senti-lo, criar sonhos e depois ser jogada à realidade da minha mesa no décimo andar.

— Parece que alguém está interessado em tirar suas teias de aranha. — Ellie apontou para a minha esquerda, indicando-me um homem loiro parado a poucos metros. Eu continuava a perder meus pensamentos para o desconhecido enquanto minha amiga persistia em conseguir um novo flerte para mim. *Quanto tempo isso duraria?* Olhei em direção ao homem, que me cumprimentou com a cabeça, sondando para ver se poderia se aproximar ou não.

— Ele não é moreno — declarei e Ellie me encarou confusa, como se não tivesse entendido minhas palavras. Era ridículo, eu sabia. Repetir em voz alta

fazia tudo ainda pior.

— Ele não é o quê?

— Moreno.

— Precisa fazer algo sobre isso, Sarah. Esse cara lindo e gostoso quer sua atenção e você não vai dar a ele. A atenção e outras coisas — ela zombou em uma pausa dramática — porque está atraída pelo cara do elevador. Acabou de dizer que não vai fazer nada a respeito sobre o tal moreno misterioso. Que diabos!

— Tudo bem, tudo bem... — falei. Levantei-me da mesa com meu copo de Cosmopolitan quase no fim e minha bolsa pendurada no ombro.

Fui na direção do homem, desviei de sua mesa enquanto deixava minha taça em uma das mesas vazias e acenei para Ellie. Ela sorriu e murmurou um “*você não tem jeito*” ao mesmo tempo que eu caminhava para a saída.

Saí do bar e pedi um Uber, preparando-me psicologicamente para uma sexta-feira à noite em meu apartamento. Era bom sair e ter algumas horas de risada com Ellie, mas era irritante encontrar meu apartamento como um território de guerra. Era mais de meia-noite quando coloquei a chave na porta e sabia que a “pequena festa” de Marisa acabava de começar.

Girei a fechadura e fui recepcionada pelo ambiente enfumaçado e o cheiro de cigarro da minha colega de quarto e seus amigos. *Mais uma noite sem*

dormir pela música alta. Passei pela sala em uma linha reta, ultrapassando cerca de dez pessoas conversando ao redor do sofá da sala. Marisa acompanhava meus movimentos, acenando-me com um copo de vinho e um sorriso meio maldoso. *Graças a Deus eu tinha uma suíte.*

Abri meu quarto – que ficava trancado com a chave, algo que aprendi no primeiro final de semana dividindo o apartamento – e o fechei atrás de mim, ouvindo o barulho entrar abafado através das frestas da porta. Coloquei uma música leve no celular e tomei um banho relaxante, ignorando o mundo exterior às paredes do cômodo que estava. Sabendo o que me esperava, jantei com Ellie antes de ir ao bar e guardava pequenos lanches no meu quarto caso ficasse com fome ou sede. *Viver desse jeito era um inferno e já não aguentava mais.* Meia hora depois, vestindo um pijama leve, deitei na minha cama e coloquei um fone antirruído, que ajudou a abafar o som de fora. *Será por pouco tempo,* pensei comigo mesma, *preciso de um novo lugar, rápido.*

Antes de pegar no sono, pensei nele, no meu desconhecido, e nas palavras de Ellie. Não teria coragem de fazer nada e, ao mesmo tempo, nenhum outro homem parecia superar meu desejo por ele. *Deus... estava ferrada.*

Na manhã seguinte, tinha o apartamento novamente para mim. Passei o final de semana tranquila, aproveitando que Marisa estava dormindo praticamente todo o tempo. Caminhei pela praia, fui ao mercado, vi um pouco de televisão e era novamente segunda-feira. Estava sozinha nesta

cidade e não tinha amigos além de Ellie. Às vezes pensava na possibilidade de procurar emprego em outro estado, mas minha chegada à Costa Oeste já foi tumultuosa demais ao ponto de eu terminar com uma colega de quarto como Marisa, achava que não tinha mais idade para repetir isso mais uma vez. Talvez conhecesse gente decente em outros lugares, mas ao mesmo tempo poderia ser a repetição da minha colega de quarto.

Talvez minha melhor amiga estivesse certa, eu precisava sair, conhecer gente, perder minha obsessão com o desconhecido do elevador. Eu era tímida, difícil com pessoas novas, e como filha única de um casal muito ocupado, quase não tive amizades enquanto crescia. Começar a sair parecia antinatural para mim, mas ficar animada com meu ritual de todas as manhãs no trabalho parecia tão julgável quanto.

Não eram nem mesmo oito da manhã de segunda-feira e ele estava parado à frente do elevador, esperando as portas se abrirem. Aproximei-me devagar e parei à sua direita, esperando-o me notar. O homem me dá um “bom dia” murmurado e volta seu olhar para a tela de seu celular, muito interessado no que quer que estivesse lendo até o aviso sonoro tocar e nós dois entrarmos na caixa metálica. Retorci minhas mãos na alça da minha bolsa, vendo o meu reflexo no espelho do fundo do elevador. Eu parecia composta, com o conjunto cinza e meus cabelos loiros presos em um coque, quase com um negativo do homem ao meu lado. Eu era baixa onde ele era alto, loira e ele

moreno, pequena em vez de forte...

Estava divagando enquanto o desconhecido nem mesmo notava minha ansiedade ao seu lado. *Era tão ridículo*. Absorvi nossos segundos e desci no meu andar, animava para mais um começo de dia.

O salão vazio me saldou e imediatamente analisei as tarefas sobre minha mesa, resultado do final do expediente de sexta-feira. Tinha tanto trabalho que me distraí com os papéis até o telefone tocar por volta de onze horas, assustando-me com seu barulho alto. *Isso era incomum*. Na maioria das vezes, meu trabalho era simples, mas o volume dependia de como as coisas aconteciam em outros setores da Hunt Enterprises. Éramos cinco secretárias chefiadas por Camille, e dependendo do dia as coisas poderiam ficar um pouco insanas. Meu telefone raramente tocava, porque Camille costumava nos passar o trabalho. Era ela que recebia os telefonemas, não eu.

— Senhorita Hamilton? Diana White falando, sou secretária do senhor Hunt. Precisamos da senhorita urgentemente no 29º andar — a pessoa do outro lado da linha de telefone anunciou sem nem mesmo falar “alô”.

— O quê? Por quê? Preciso terminar algumas coisas... — respondi de um jeito atropelado, olhando para as notas à minha frente e para a pilha de papéis sob minha responsabilidade esta manhã. A pessoa disse urgente. *Quem é Diana? Por que me querem no 29º?* É o andar mais importante da empresa, onde fica toda a direção e os executivos mais importantes.

— É uma questão urgente na presidência. Pode passar sua tarefa para alguma das outras assistentes? Suba imediatamente. Camille já foi avisada.

A ligação foi cortada antes que pudesse responder algo, deixando-me desconsertada. Mesmo acreditando que poderia ser um engano, coloquei-me em movimento para não deixar quem quer que tenha pedido minha presença esperando. Caminhei até a mesa de Camille, a coordenadora das assistentes, e expliquei rapidamente a situação, deixando também o bolo de papéis que precisaria lidar se não tivesse sido chamada. Ela me explicou que já tinha sido avisada e segui meu caminho. Com um bloco e caneta na mão, entrei no elevador e fiz uma curta viagem. 29º andar.

Também era o andar dele.

Talvez descobrisse finalmente quem ele era e terminasse de vez com esse mistério.

Assim que as portas do elevador se abriram no andar da diretoria, vi uma senhora, de talvez 60 anos e muitos cabelos brancos, que se apresentou como Diana. Ela sorriu de modo amigável, puxando-me pelo corredor. Eu segui a mulher, observando-a falar de forma energética, com mais ânimo em seu dedo mindinho do que em todo o meu corpo:

— Em seu currículo diz que fala alemão fluente. Para seu bem, é melhor que seja verdade — Diana advertiu e levantou sua sobrancelha, como se

esperasse alguma correção. *Eu realmente era fluente.* — Senhor Hunt está em uma videoconferência urgente e ficamos sem intérprete. Você só precisa ficar atenta porque acabamos de descobrir que o executivo alemão não fala inglês muito bem. Não será muito complicado.

Enquanto falava, Diana me conduzia por corredores do 29º andar. Sem avisar, ela abriu uma porta e me empurrou para dentro da sala, fechando-a atrás de si. Estava um pouco escuro, então pisquei meus olhos, acostumando-me com a pouca iluminação ao mesmo tempo que percebi que não estava sozinha. Diana disse que a reunião era com o senhor Hunt... Então isso significava que...

Bem, isso não era justo.

Sentado em um dos extremos da sala estava o dono de todos os meus sonhos molhados nos últimos meses. “Ele”, meu estranho do elevador, era ninguém menos do que um dos Hunt, os donos daquele negócio. Ele era tão bonito que fiquei desnorteada por alguns segundos. Essa energia que sempre sentia ao encará-lo me deixou sem voz e fiz a única coisa que costumo fazer em nossos segundos compartilhados: encarei-o. Senti minha pele ficar vermelha como um tomate e decidi que precisava fazer algo a respeito enquanto seus olhos se demoravam sobre mim, observando-me afiados.

— O... Olá... Sou Sarah Hamilton — disse engasgando as palavras e tentando me apresentar para o “meu” desconhecido.

CAPÍTULO 2

Sarah

Eu o encarei desconcertada e sem reação, observando-o de pé enquanto ele fazia um sinal para que eu me acomodasse. Estava tão lindo como todos os dias, seu olhar em mim e o terno cortado na medida certa, como se ele fosse o rei daquela sala de reunião. *Ele realmente é*, meu cérebro me lembrou. *Deus, preciso me mover e parar de ser desajeitada em frente ao meu chefe.*

— Sente-se, Senhorita Hamilton. Como espero que saiba, somos uma empresa de publicidade de vários formatos e estamos tentando fazer mais

negócios internacionais. Lukas Ledermueller é dono de uma agência de RP na Alemanha e conversaremos sobre algumas parcerias. Temos uma chance de negócio inesperada e por isso esta reunião urgente. Eu faço perguntas, você as traduz, assim como a resposta. Não precisa de mais nada, ok?

Concordei levemente com a cabeça, ainda um pouco zozza pela mudança de rumo da minha manhã. Sua voz era profunda, fazendo-me sentir um estremecimento involuntário. Ele mexe no computador à sua frente, projetando na tela o que parecia ser uma chamada de reunião. Observei as paredes, mantendo-me em silêncio, até que a ligação do Skype surgiu. *Definitivamente estava em choque.* Segundos depois, o executivo alemão apareceu na tela e Hunt explicou em inglês o motivo da minha presença para Lukas. Pelo sotaque carregado, notei que era necessária nessa conversa.

A reunião continuou por alguns minutos, sem grandes decisões. Ao que parecia, por mais que meu chefe tentasse negociar com o empresário estrangeiro, nada aconteceria naquele dia. Ledermueller queria ser o dono da ideia e a pessoa que capitanearia o negócio, e Hunt não renunciaria à propriedade da parceria. Não tirava sua razão, era um negócio em território dos Estados Unidos, com parceria da Hunt Enterprise, era o nome de sua empresa em risco, não a de Lukas. Ele me lembrou minha vó falando sobre como alemães gostavam de segurança, de fatos, e claramente o empresário estava duvidando da eficiência da Hunt Enterprise. *Americanos falam muito e*

fazem pouco, era o que minha avó adorava falar, ela continuou a implicar sobre aquele norte-americano que foi lá e fez: meu pai.

Peguei um papel e, ao mesmo tempo que traduzia do alemão para o inglês, rabisquei rapidamente “*preciso de uma proposta real, números, dados, segurança, qualquer coisa*”. Ele aproveitou meu palpite e começou a falar sobre o que precisava, como e quando necessitava, do dinheiro envolvido e das experiências passadas. Ledermueller relaxou a ponto de pedir para fechar os detalhes com sua assistente, para enviar um contrato. Foi mais de meia hora de diálogo em que senti as coisas se acalmarem dentro de mim enquanto fazia algo que sonhava fazer: estar entre os grandes e trabalhar com coisas interessantes.

Antes de terminar, Ledermueller sorriu e me perguntou de que região de Munique eu era. Expliquei que era dos Estados Unidos, mas minha avó havia nascido na cidade, então ele elogiou meu sotaque antes de desligar. Hunt percebeu a pequena troca de palavras sem tradução e olhou confuso para a tela e para mim ao mesmo tempo que o alemão sumia na tela.

— Bem, isso foi impressionante — ele disse simplesmente e levantou-se, saindo da sala sem dizer mais nada. *Também deveria sair?* Olhei ao redor confusa e sem saber o que fazer, mas segundos depois Hunt voltou com duas embalagens de papel, organizando comida na mesa. Reparei que já passava do meio-dia e minha barriga agitou-se de fome pelo cheiro delicioso das

entregas. — Espero que goste de comida chinesa. Já é tarde, pedi para Diana enquanto estávamos na reunião.

— Tudo bem, eu gosto... bastante, aliás — respondi ao pegar uma das caixinhas, então sorri meio nervosa. Frango xadrez, um dos meus pratos favoritos.

— Sirva-se — ele pediu com um movimento com as mãos. — Precisamos discutir algumas coisas antes de voltar para seu posto. É difícil achar alguém que fale alemão fluente em tão curto prazo. Você impressionou Ledermueller. Sem você, esse negócio não sairia hoje.

— Minha mãe é alemã e só fala alemão comigo, tem um inglês com sotaque fortíssimo, prefere manter a língua fresca na cabeça. Minha avó liga todas as semanas para conversar e também só fala alemão. É natural... Foi isso que ele perguntou antes de encerrarmos, de que parte da Alemanha eu era.

— Faz sentido. Não traduziu isso e fiquei curioso. Sua mãe também vive aqui?

— Sim. Ela conheceu meu pai em um intercâmbio na faculdade e nunca mais voltou. Fomos algumas vezes para a Alemanha, mas ela atualmente está mais acostumada a viver em Massachusetts do que em Munique. Eles trabalham na universidade, respiram a vida do campus e estão confortáveis

— respondi. Ele confirmou com a cabeça, parecendo sério ao mudar de assunto enquanto pegava um pouco mais de comida.

— Sobre essa reunião, não preciso lhe avisar do sigilo, certo? Necessito das anotações sobre o que aconteceu aqui e gostaria que ajudasse Diana com a condução desse negócio quando ela precisar.

— Vou precisar voltar aqui?

— Não, nós temos tradutores, mas é interessante que acompanhe o processo. Fez um excelente trabalho, senhorita Hamilton.

— Obrigada.

— Nós nos cruzamos todos os dias pela manhã, não é?

— O quê?! — perguntei, engasgando com a comida.

— No elevador. É você todas as manhãs.

— Acho que sim, mas não sabia que você era você... quer dizer...

— Pouca gente chega tão cedo — ele explicou, amigável. — Não tínhamos nos falado até então.

— É um prazer, senhor Hunt.

— Vamos nos ver mais vezes, senhorita Hamilton — ele respondeu com um sorriso franco nos lábios, passando para assunto mais amenos depois disso.

Trocamos impressões casuais sobre a reunião – entre muitos espaços silenciosos – até terminarmos de comer. Queria saber tantas coisas, se ele sentia o mesmo efeito que eu dos nossos encontros no elevador, se tinha a mesma curiosidade, mas evitei o tema, com medo dele me achar louca.

Quando tudo estava vazio e já passava das duas da tarde, levantei-me e arrumei as coisas sobre a mesa ao mesmo tempo que ele estendeu sua mão, como um cumprimento. Retribui o gesto sem pensar, e, assim que o toquei, senti um choque em meus dedos. Ele pareceu sentir o mesmo, olhando desconcertado para minha mão caída ao longo do meu corpo. *Este silêncio não é tão confortável como o outro.* Ele não fez movimento algum para tocar minha mão novamente, encarou-me contido, fez um aceno leve de cabeça e saiu da sala, deixando-me sozinha. Fixei a mirada na porta fechada por alguns segundos, com esperanças de que ele voltaria. *Você é uma boba, Sarah.* Quando saí da minha neblina de confusão, terminei de colocar as coisas em um lixo lateral e voltei para o meu lugar. Cumprimentei Diana e entrei no elevador, fui diretamente para minha mesa sem prestar muita atenção ao meu redor, transformando o resto do meu dia em um borrão. Camille deixou novos materiais para mim, e me concentrei em terminá-los antes de ir para casa.

Minha cabeça continuava indo para “Ele”.

O desconhecido que, como aprendi em poucos minutos de pesquisa na

internet quando voltei à minha mesa, se chamava Matthew Hunt, um dos fundadores da Hunt Enterprise. Comandava a área comercial de vendas e publicidade. Jason, o irmão mais velho, tratava dos negócios gerais e era o CEO. Logan, o mais novo, era advogado e cuidava da área jurídica. Todos estavam na casa dos 30 anos e montaram o negócio com a ajuda do padrasto, um empresário atualmente aposentado que trabalhou com ações durante toda a vida.

Além de executivo de sucesso, Matthew também gostava de mulheres. Loiras e pequenas como eu, porém muito mais exuberantes. Todas elas se vestiam muito bem, tinham peitos enormes e essa cara sedutora de quem está sempre se divertindo. Sua vida inteira estava a alguns cliques de distância, e mergulhei nas pesquisas de forma desavergonhada, absorvendo tudo que achava. Ele e os irmãos apareciam aqui e ali em matérias, mas nada vencia Matthew Hunt e as mulheres em seu braços, uma diferente da outra e todas maravilhosas e muito distantes de mim. Tinha contas a pagar e estava permanentemente aflita em ser despejada. Nunca conseguiria ser assim, aparentando não ter preocupações.

No dia seguinte, não o encontrei no elevador. É como se nossa apresentação tivesse quebrado a magia daqueles momentos fortuitos e, agora que sabíamos o nome um do outro, não pudéssemos mais ter aqueles poucos segundos. Assim como no dia anterior, no momento que sentei na minha

mesa, uma ligação de Diana me chamou para o 29º andar. Dessa vez, não o vi e passei meu expediente inteiro trabalhando com a secretária no material da reunião anterior. As coisas se mantiveram desse jeito pelo mês seguinte, me dividindo entre o 10º e o 29º andar, sem nunca voltar a vê-lo e trabalhando no contrato com o executivo alemão e outras atividades que Diana desejava me passar.

Era cansativo, mas motivador. E me fez tirar a cabeça dos encontros com Matthew Hunt pelas manhãs. Parei de chegar cedo na esperança de encontrá-lo, lutei contra meu hábito e passei a entrar no prédio pontualmente às oito da manhã, dividida entre a vergonha e a esperança, compartilhando o elevador com muito mais pessoas do que gostaria.

Em uma dessas manhãs, ajeitei-me na minha mesa, liguei o computador e poucos minutos depois uma sombra se projetou sobre mim. Sem precisar olhar, sabia que era Matthew Hunt me encarando profundamente, parado e esperando alguma reação minha. Era uma espécie de sexto sentido misturado com formigamento de antecipação que não queria explicar para mim mesma.

— Senhorita Hamilton, preciso falar com você, me siga por favor — ele anunciou e saiu andando sem ao menos dizer “*bom dia*”, como se esperasse que o seguisse como uma ordem.

Eu encarei suas costas, ainda confusa por suas palavras, enquanto ele nem mesmo olhou para trás. Depois de alguns segundos para reagir, peguei minha

bolsa e celular de cima da mesa e o segui em direção aos elevadores, fazendo pequenos acenos para Camille, que apenas respondeu com um movimento leve de cabeça. Era raro um Hunt ir até ali, e eu duvidava que Camille o impediria.

— Algum problema, senhor Hunt? — perguntei quase gritando pela distância entre nós. *Tenho pernas curtas e não consigo correr de salto, droga.*

Ele não me respondeu e entrou no elevador, segurando a porta para mim. Era quase como um *déjà vu*, seus dedos longos seguravam a entrada, então tentei manter a dignidade, caminhando na direção dele. Matthew analisou cada mínimo detalhe meu. Parei ao seu lado ao mesmo tempo que a caixa metálica começou a nos levar ao 29º andar. Suspirei, por fim, sentindo seu cheiro pela primeira vez em semanas. *Deus, eu poderia parar de ter essa reação tão louca pelo meu chefe?* Quando o elevador apitou e as portas se abriram no andar executivo, Matthew Hunt se virou para mim, finalmente revelando o motivo de sua visita ao local das secretárias.

— Diana teve um problema. Seu marido, Larry, teve um derrame ontem à noite. Ela está com ele no hospital e pediu para se afastar por algumas semanas. Não queria falar isso abertamente porque não sei se Diana gostaria que a história se espalhasse.

— Ele está bem?

— Está. Diana disse que ele está falando, mas está com o lado esquerdo paralisado e a fala está um pouco comprometida. Vai precisar de acompanhamento nas próximas semanas, e por isso te chamei aqui.

— Como assim? — perguntei confusa enquanto ele me mostrava o caminho até o local de trabalho de Diana, uma mesa de madeira imponente, estantes, armários e a poucos metros de uma sala com a placa “Matthew Hunt”.

— Não sei se percebeu, mas Diana treinou você para ser minha nova assistente.

— O quê?

— Sim, senhorita Hamilton. É por isso que ela não tem só pedido ajuda com Ledermueller, mas também com outras coisas. Tenho feito vista grossa sobre essa relação das duas, mas, no final, Diana tinha razão. Você sabe onde está tudo, os contatos e tudo o mais.

— Sim, eu sei, mas...

— Não se aterrorize — ele me interrompeu com um tom apaziguador. — Vai ocupar a mesa dela. Já conversei com o departamento de Recursos Humanos, está tudo acertado, inclusive uma gratificação por esse período que ficar como minha assistente.

— Vou trabalhar com você a partir de agora? Não volto mais para o 10º

andar?

— Sim. Até Larry se restabelecer, é minha, senhorita Hamilton. Se tiver alguma dúvida, pergunte. Mas acredito que Diana já tenha treinado você sem que tenha notado. Ela é mestre nesse tipo de coisa — Matthew respondeu e me arrepiou com seu uso do termo “minha”.

— Não entendo, por que ela fez isso?

— Porque estava preparando você para a aposentadoria dela. Não faço ideia por que foi a escolhida, mas ela planejava sair ano que vem e viajar com o marido — ele falou e fez uma pausa, encarando-me com um sorriso leve.

— Seja bem-vinda e me pergunte se tiver dúvida sobre algo. Peço perdão pela rapidez, mas as coisas aconteceram muito rápido.

— Estou um pouco zozza com tanta informação — revelei, olhando meu redor e sentindo o misto de desafio e desespero por estar em uma posição tão importante para os negócios.

— Vai se dar bem, acredito nisso — ele disse e pegou em minha mão, dando um aperto amigável.

Aconteceu como da outra vez.

O choque, minha mudança de respiração... Nos encaramos confusos pela eletricidade correndo entre nossos dedos. Tudo foi muito rápido e ao mesmo tempo como se estivesse acontecendo em câmera lenta. Matthew Hunt soltou

minha mão como se ela o queimasse e me olhou confuso. Sem responder, ele acenou brevemente e entrou em sua sala, deixando-me sozinha no novo posto de trabalho.

Meia hora depois, enquanto tentava me entender com as coisas de Diana, Logan parou à frente do pequeno espaço. Eu o reconheci das minhas pesquisas na internet. Eles eram parecidos, mas o mais novo dos Hunt não me atraía como meu chefe. Igualmente alto, moreno, de ombros largos e olhos de cores diferentes.

— Bem, Diana, parabéns ao cirurgião... — Logan brincou, fazendo-me gargalhar em resposta. Ele tinha esse ar brincalhão que dificilmente associaria ao meu chefe. Logan era uma lufada de ar fresco comparado ao tratamento quente e frio de Matthew Hunt, sua seriedade com os negócios. Porém, nas duas vezes que o toquei foi como... *foco, Sarah! Preste atenção no seu trabalho.*

— Bom dia para você. É o irmão engraçado? — questionei ainda tentando controlar o sorriso e o caminho de meus pensamentos. Logan me deu um olhar profundo de apreciação que não me afetou no mais mínimo.

— Sim. Sou o engraçado, Matt é o irresponsável e Jason é o sério. Temos medalhas sobre isso, não estou brincando — ele disse e esticou a mão como um cumprimento. — Logan Hunt, um prazer conhecê-la, senhorita...

— Sou Sarah Hamilton, vou substituir Diana enquanto ela fica com o marido — apresentei-me, cumprimentando-o de volta. Como desconfiava, não sentia nada. Minha “coisa” era com o irmão do meio.

— Alguma notícia do hospital?

— Seu irmão só me disse que ele está acordado, mas com o lado esquerdo paralisado.

— Preciso ligar para Diana, ela é querida por todos daqui. Mantenha seu castelo em ordem, ok? — Logan pediu e apontou para a porta do escritório de Matthew, perguntando em seguida: — A fera está aqui dentro?

— Hunt está.

— Também sou Hunt, você precisa arranjar um bom apelido para ele. Diana o chamava de idiota o tempo todo, esse pode pegar — Logan respondeu com um levantar de sobrancelha. Eu ri com gosto. Eles eram tão parecidos e tão diferentes. Apostava que se fosse Logan no elevador, ele teria feito uma piada ou algo assim.

A porta se abriu de repente, fazendo o som da madeira rangendo quebrar o clima amigável entre Logan e eu. Matthew saiu do escritório e olhou zangado para nós dois, deixando minhas bochechas vermelhas e um sentimento de culpa que não sabia explicar.

— Precisa de algo, senhor Hunt? — perguntei, levantando-me e encarando

os irmãos.

— Sendo engraçado, irmão? — Matthew questionou, ignorando minha pergunta e olhando para o irmão com ar desafiador.

— Me apresentando para sua nova assistente.

— Isso inclui flertar com ela?

— É uma garota bonita, Matt. Não é? Todos achamos isso — Logan falou alto e piscou para mim. Matthew reagiu à sugestão fechando o punho, e consegui notar que ele estava com a veia pulsando no pescoço. *O que está havendo entre esses dois?*

— Venha até a minha sala e feche a porta — Matthew ordenou para o irmão, ainda me ignorando. Logan acenou levemente para mim e entrou na sala, fechando a porta às suas costas. Observei-os sumir da minha vista, tentando entender o que acabou de acontecer.

Sentei na cadeira e fechei os olhos em busca de alguma calmaria, mas um barulho chamou minha atenção. Uma mulher loira veio correndo em minha direção, parando esbaforida em frente à mesa assim que as portas do elevador se abriram.

— Logan está com Matt? — ela perguntou sem fôlego, suas palavras quase incompreensíveis. Ela ajustou os óculos esperando minha resposta, colocou as palmas das mãos na mesa e tentou respirar profundamente.

— Desculpe, o quê?

— Logan está no escritório com Matt? — ela perguntou de novo, dessa vez falando mais alto, como se o coração tivesse calmo o suficiente para as palavras saírem direito.

— Estão em reunião, se eu puder ajudá-la, senhorita...

— Merda, me desculpe, pareço uma louca querendo invadir o escritório dos outros. Me chamo Emma, preciso entregar uma coisa para Logan, você me ajudaria? — ela pediu com uma voz doce, e simpatizei com a mulher só de vê-la. Ela parecia atrapalhada com sua bolsa, os óculos e sua respiração errante como se não tivesse corrido por um corredor, mas sim uma maratona.

— Claro.

— O idiota esqueceu o celular na minha casa — ela anunciou e colocou um telefone sobre a minha mesa. — Fico impressionada por ele não perder a cabeça por ser tão distraído. Entrega para ele? Preciso ir para o trabalho e já estou atrasada.

— Sem problemas — respondi, sorrindo para o jeito da garota. Emma parecia uma namorada muito normal de Logan, muito longe do resultado das pesquisas que encontrei sobre os irmãos Hunt. Apesar de loira, ela tinha um tom mais escuro e natural. De óculos e com um chamativo vestido vermelho, mostrava suas curvas ao mesmo tempo que parecia profissional, se destacava

com um salto altíssimo que deixava a mulher mais ou menos do meu tamanho. Ela deveria ser muito baixa. *Era legal e diferente das loiras peitudas de Matt.*

— Ei, conheço essa expressão, sem esse sorrisinho... — Emma retrucou apontando para mim e me deixando com vergonha. Minha manhã estava sendo uma montanha-russa entre essa família. — Já sei o que está pensando, e não sou a namorada desse idiota, ok?

— Quem é idiota, dentuça? — Logan indagou ao sair da sala de Matthew com o irmão à tiracolo.

— Você, nariz de batata. A garota bonita acha que sou sua namorada, como se você tivesse essa sorte! Ela está com seu celular, esqueceu de novo comigo — Emma anunciou e virou-se para mim, parecendo novamente esbaforida. *Era impressão minha ou essa garota estava sempre correndo?* — Desculpe, esqueci de perguntar seu nome.

— Sarah, meu nome é Sarah.

— Ok, Sarah, foi um prazer conhecê-la. Preciso ir, estou atrasada — ela falou, sorrindo antes de gritar: — Adeus, Matt! Tchau, Logan!

— Tchau, Ems — Logan respondeu sorrindo para a amiga. Acompanhei a loira sumir da nossa visão com um sorriso no rosto. Isso que é uma pessoa com energia.

— Ela é sempre assim? — deixei a pergunta escapar.

— Emma é uma bola de energia — Logan confessou com um sorriso afetuoso, virando-se para o irmão que até então acompanhava a cena em silêncio. — Agora... Até Emma acha a Sarah uma garota bonita. Faça alguma coisa!

O irmão mais novo dos Hunt caminhou tranquilamente em direção à sua sala, piscando para mim com um sorriso cínico. O que diabos estava acontecendo ali? Matthew me olhou profundamente, os olhos vidrados e pensativos, nos prendendo em um silêncio desconfortável.

CAPÍTULO 3

Sarah

Depois do choque inicial, me senti à vontade em meu novo posto de trabalho. Como Matthew Hunt destacou, Diana me preparou para assumir seu cargo sem que tivesse percebido. Conhecia sua organização de cor, onde ficava cada item de seu armário, para quem enviar o que e muitos outros processos que ela me ensinou despretensiosamente nas últimas semanas.

Meu chefe e eu nos tornamos uma dupla afiada, eu conseguia atender as necessidades dele antes mesmo de Matthew pedir, apenas por acompanhar

suas trocas de e-mail e telefonemas. O trabalho era tudo o que sonhei durante a faculdade e o motivo de continuar nessa cidade mesmo passando pelos meus últimos trabalhos horríveis. Era interessante e gratificante acompanhá-lo nas reuniões, preparar materiais, falar com pessoas. Tinha uma oportunidade enorme na Hunt Enterprise.

Se no campo profissional eu me sentia maravilhada, não podia dizer o mesmo do emocional. Depois do nosso aperto de mão no primeiro dia, não nos tocar era uma regra não dita. Trabalhava muito e por muitas horas e percebia que mesmo com todo o nosso esforço em conjunto, Matthew fazia de tudo para não nos falarmos pessoalmente. Pelas manhãs, eu me sentava em seu escritório, discutíamos a agenda do dia e as pendências urgentes e nos organizávamos para atendê-las. Era o único momento do dia que lidávamos um com o outro por mais do que cinco minutos sem outras pessoas ao redor. De resto, eram muitos silêncios, olhares trocados e muitos pensamentos enquanto me perdia em seu olhar.

Ele sentia o mesmo, dava para perceber. Cada vez que era envolvida em seu magnetismo e ficava perdida a seu redor, Matthew me devolvia os olhares acendidos de desejo e pitadas de negação sobre o que quase estava acontecendo entre nós dois.

Já fazia mais de um mês.

Nos dias normais, eram e-mails e telefonemas entre nós em vez de uma

conversa real, mesmo ele estando a cinco metros e uma porta de distância. Eu o acompanhava para todo lado, mas nunca ficávamos sozinhos no mesmo ambiente, a não ser nos minutos da manhã dedicados às atividades diárias. Quando a coisa estava ruim, eram reuniões e videoconferências como a de Ledermueller, juntos em uma sala, muitos centímetros afastados um do outro, como se Matthew não conseguisse se sentar ao meu lado mesmo que sua vida dependesse disso.

Em dias piores, nós precisávamos lidar um com o outro e com o trabalho depois do horário. Era a única exceção à regra do meu chefe. Eu amava odiar esses dias, porque trabalhávamos ombro a ombro, nos debruçando sobre dados, planilhas, ligações e caixas de pizza. Era incrível realizar algo, conquistar coisas e conhecer mais sobre Matthew, que ainda me tratava como senhorita Hamilton enquanto eu o chamava de senhor Hunt. Caía em seu encanto a cada dia, mesmo não tendo mais os poucos minutos compartilhados no elevador.

Apesar de distante, ele era educado, interessado e agradável de conviver. Seria muito mais fácil me afastar se ele fosse um chefe tirano, mas a minha reticência com Matthew Hunt se devia muito mais aos meus sentimentos conflituosos do que se ele era ou não um bom patrão. Desconfiava que estava me apaixonando pelo meu chefe e não conseguia evitar. Uma atração sem explicação que me puxava para seu lado mesmo que fingíssemos que nada

estava acontecendo.

Refletia sobre tudo isso enquanto encarava Matthew pela fresta da porta semiaberta do escritório. A janela do prédio me mostrava o quão escuro estava do lado de fora. Era mais um dos nossos piores dias. Espantoso, na verdade. Já passava da meia-noite e desisti de olhar para o relógio, aflita sobre como chegaria em casa. Um táxi era caro e sei que, ao chegar ao apartamento, Marisa estaria dando uma festa que atrapalhará meu sono. Era sexta à noite, e ela não ignorava nenhum final de semana. Dizia: *“Somos atores, é o nosso momento de descontração depois do nosso trabalho”*. Desconfiava que fosse a senha para beber e usar qualquer tipo de droga que os amigos traziam, porque Marisa raramente trabalhava, e quando conseguia, sempre eram trabalhos pequenos e mal pagos.

Matthew e eu estávamos tão estressados que deixamos a formalidade de lado, meu penteado impecável se tornou um coque e o terno dele estava largado sobre uma das cadeiras de seu escritório. Era a terceira vez em todas essas semanas que precisávamos ficar além da hora resolvendo coisas, mas nunca até tão tarde. Os parceiros locais sempre pediam modificações em cima do prazo, Diana já tinha me alertado desse problema, e era o motivo de Jason estar vivendo em Nova York nos últimos seis meses, para corrigir e renegociar os serviços. A secretária contou que a Hunt Enterprise costumava ter esse tipo de problema quase todo dia e alguns foram resolvidos pelo mais

velho da família e CEO, mas ainda aconteciam.

— Precisamos dos dados de mídia de Nova York. Vamos terminar essa merda e enviar. Eles estão três horas à frente, vão resolver o resto de lá e repassar para os parceiros locais. Vamos terminar esses contratos e ir para casa — Matthew declarou, saindo de sua sala e me encarando. — Mandei algumas informações por e-mail.

Confirmei com a cabeça, dando minha atenção para o material e avisando para Logan – que também acompanhava a questão de forma remota – que ele deveria avaliar os documentos. O irmão mais novo dos Hunt já tinha saído da empresa quando o problema aconteceu, mas continuou trabalhando de casa conosco, tentando resolver a questão.

Quando Logan deu o aval e Matthew fez uma segunda análise, tudo foi enviado, e meia hora depois estávamos prontos para finalmente encerrar o dia. Organizei a bagunça da mesa, mexendo nos armários atrás de mim, e ajeitei o notebook, fechando-o. Quando me virei para pegar a bolsa, pisei em falso, desequilibrando e tombando para trás, sem conseguir controlar meus passos pelo salto alto.

Seria uma queda feia, direto sobre o carpete, de testa no chão duro da Hunt Enterprise. Seria. Senti os braços de Matthew me puxando para cima antes de atingir o chão e me ajeitando novamente antes mesmo de vê-lo, ele estava muito próximo a mim.

— Droga de sapato! — resmunguei olhando para baixo, ainda com Matthew me segurando em um abraço desajeitado enquanto tentava ficar de pé.

— Está bem?

— Estou, prendi o sapato... — respondi e olhei para frente, percebendo que estava perto demais do meu objeto de desejo. Peito a peito, centímetros de sua boca. Minha respiração disparou, aquela traidora, e meu olhar desceu para sua boca. Fiquei sem reação, sabendo que deveria me afastar, mas sem conseguir me mover para longe de Matthew.

— Você sente, não é? — ele sussurrou a pergunta. Podia me fazer de desentendida, mas sabia do que Matthew estava falando. Eu sentia em mim há semanas, há meses.

— Sim... — murmurei a resposta quase como um sopro, sem fôlego, enquanto me sentia hipnotizada por meu chefe.

Sem avisar, Matthew grudou os lábios com os meus, gentis, como se estivesse descobrindo os contornos. Estava surpresa demais e me deixei levar, com os braços me fechando ao meu redor e me atraindo para mais perto.

Foi o que bastou para me deixar exigente, participativa, querendo mais e aprofundando nosso beijo. Seus lábios me devoravam como se existíssemos

apenas nós dois no mundo e precisássemos daquilo para viver. *Nunca me senti daquele jeito*. Matthew me empurrou em direção à sua sala, batendo a porta desajeitadamente atrás de nós dois enquanto caminhava comigo sem nunca deixar minha boca. De repente, ele levantou-me, apoiando-me na mesa de sua sala e se colocando entre minhas pernas.

Ele se separou da minha boca e começou uma exploração por meu pescoço ao mesmo tempo que passava sua mão em minhas costas e braços. Estava rendida por meu chefe, refém de minhas sensações. Respondi de forma febril, trazendo-o mais para perto, arranhando minha mão em suas costas e passeando com meus dedos por seu corpo. Matthew voltou a dar atenção para minha boca e desceu sua mão insinuante, desabotoando minha blusa, dando um puxão forte para fora da saia e deixando meu sutiã à mostra.

Empurrando a lingerie para cima, ele começou a massagear meu seio ainda me beijando desesperado. Era visceral, selvagem, como se estivéssemos presos às sensações um do outro depois de tantos dias resistindo à tentação. Sentia a mesma fome que ele e aproveitei sua atenção em meu peito para abrir sua camisa desajeitadamente, ouvindo o barulho de botões voando pela sala.

Matthew trilhou um caminho de beijos até o meu seio esquerdo e começou a lambê-lo e chupá-lo, fazendo-me gemer em resposta.

— Tão bonita... — ele declarou com a boca ainda encostada em meus

peitos, sua respiração fazendo minha pele se arrepiar. Matthew fazia carícias suaves com as mãos e revezava entre dar atenção aos meus dois seios, arrepiando a pele e a tornando hipersensível. Estava derretendo e sentindo um fogo dentro de mim que gritava por meu chefe.

Puxei minha blusa de manga para fora e abri meu sutiã por trás, fazendo a peça cair sobre Matthew, que a jogou longe. Trouxe-o para mais perto do meu corpo, enrolando minhas pernas em seu quadril e passando minhas mãos em seu cabelo. Seu pau inchado encostava em mim, fazendo um delicioso movimento de fricção que me deixava cada vez mais molhada. Estávamos frenéticos um pelo outro, como se toda a frustração sexual dos últimos meses estivesse sendo liberada no mesmo momento.

Empurrei sua camisa para longe e, aproveitando que ele ainda brincava com meus seios, comecei a espalhar mordidas e lambidas em seu pescoço e clavícula, fazendo-o gemer. Minhas mãos desceram por seu torço nu em busca de seu cinto. Matthew me olhou nos olhos, as pupilas dilatadas gritando por desejo contido e acompanhando cada movimento meu. Quando consegui liberar o fecho de sua calça, sua ereção saltou em minhas mãos, dura e pronta. Sabia que iríamos juntos até o fim.

Eu precisava tê-lo, precisava tentar me curar dessa loucura febril que me tomava pouco a pouco desde a primeira vez que vi Matthew no elevador da Hunt Enterprise. Não queria me apaixonar, mas talvez fosse tarde demais

para voltar atrás, estava total e completamente à mercê do meu desconhecido, meu chefe, e queria dar e sentir tudo.

Tomei seu pau em minhas mãos, sentindo a umidade na ponta enquanto tocava-o. Ele respirava com dificuldade, um gemido baixo e masculino enquanto meus dedos tocavam seu eixo. Suas mãos subiram até meu rosto, obrigando-me a encará-lo para ver sua boca sussurrar um “tem certeza?”, que respondi com um aceno de cabeça. Não tinha volta. Estava perdida, com fome do corpo dele, e sabia o que queria, como nunca quis tanto algo em minha vida.

Seus dedos se insinuaram em minha perna, puxando o tecido da saia para cima até minha cintura, deixando apenas minha calcinha como barreira. Matthew procurou minha abertura, puxando a peça íntima para o lado e enfiando dois dedos dentro de mim, deslizando facilmente em minha boceta.

— Molhada... — ele sussurrou em meu ouvido, arrepiando-me com sua respiração tão perto do ponto sensível de meu pescoço. Quando sua língua encostou em minha pele, meu coração disparou de necessidade, abrindo-me ainda mais para seu toque.

— Preciso...

— Eu sei, amor... goza... — Matthew pediu ao mesmo tempo que fazia carícias circulares no meu clitóris. Ele entrava e saía de meu corpo com seus

dedos, adicionando um terceiro. Sua boca nunca deixou a minha, a temperatura da pequena sala subindo vários graus enquanto estávamos semivestidos sobre aquela mesa.

Eu estava perto, mas não queria que fosse assim na primeira vez.

— Não... — respondi em uma espécie de gemido. Minha mão buscou às cegas sua cueca, empurrando a peça para baixo. Agarrei sua ereção, trazendo-a para perto no mesmo instante que Matthew tirou seus dedos da minha entrada e passou a segurar minhas coxas, deixando-me aberta para ele. Coloquei seu pau em minha entrada, jogando meu quadril para frente, fazendo-o entrar em mim.

— Porra... — Matthew gemeu em meu pescoço ao mesmo tempo que segurou meu corpo colado ao seu, afundando-se.

Não precisava de mais incentivo do que seu coração batendo forte contra mim, seu membro pulsando entre minhas pernas enquanto eu estava inchada e pronta para ele. Fechei minhas pernas em seu quadril e nos entregamos junto ao movimentos tão antigos quanto o mundo. Eu precisava gozar. Matthew empurrava contra mim, rápido e me segurando pelos braços com tanta força que minha bunda saía da mesa a cada nova estocada, seu pau se movendo mais e mais rápido enquanto gemíamos juntos, em uma sinfonia suada de prazer. Aconteceu de repente. Senti desabar, como se o chão estivesse quebrando ao meu redor e gritei alto sem me importar. O prazer saía

dos meus poros de um jeito que nunca tinha experimentado, fazendo-se insana. *Nunca foi desse jeito.*

Meu coração ameaçou sair pela boca e tudo o que precisava era de mais e mais. Matthew tomava-me com força, balançando a mesa ao me apertar contra seus dedos. Era puro instinto enquanto os quadris iam e vinham com velocidade, meu corpo se dissolvendo entre os cuidados dele. O orgasmo veio uma segunda vez, estourando minha visão e deixando meus membros dormentes e moles, como se não tivesse ossos.

Senti o calor quente entre minhas pernas, o gemido rouco de Matthew e seu gozo dentro de mim, enchendo-me e me fazendo ter pequenos choques pós-orgasmo. Estava suada, exausta e satisfeita e já não conseguia manter meu corpo de pé.

Desabei de costas na mesa de Matthew, com ele sobre mim, ainda de pé e com a calça e a cueca enroladas nos tornozelos.

Ele descansou sua testa no meu ombro, tentando voltar ao normal enquanto nossos corações estavam acelerados pelo esforço e batendo insanamente. *Nada voltaria ao normal depois daquilo*, pensei. Nós ficamos na mesma posição por vários minutos, cada um lidando com a adrenalina depois do sexo.

Matthew levantou o rosto e encarou-me profundamente, lutando com as

palavras. Podia senti-lo ainda meio ereto dentro de mim e isso me fazia ficar excitada novamente. *Será que nunca vou ser capaz de tirá-lo do meu sistema?*

— O que faremos agora, Sarah?

— Não sei — respondi em um fio de voz.

De verdade, eu não sabia. Estava com ele dentro de mim com uma semiereção e isso não me deixava pensar além. Tudo sobre Matthew Hunt era uma loucura para mim, e nunca me senti desse jeito com outra pessoa. *Ele era meu chefe, pelo amor de Deus. No que fui me meter?* Transar com o meu chefe só ameaçaria tudo o que batalhei para conseguir: meu emprego, meu salário, o jeito frágil que mantenho minhas contas e minha vida em Los Angeles. Não era o que desejava, mas o que eu queria era uma estupidez. Já tinha cometido uma insanidade nesta noite com Matthew Hunt, não deveria persistir no erro.

O problema era que não queria dizer não, precisava de mais. Ele era como um vício que foi se esgueirando em minha vida. Tudo começou naquela vez no elevador e foi crescendo em intensidade até chegar a este momento. Era idiotice me envolver com meu chefe, mas ao mesmo tempo não conseguia mandar em meus instintos. Na atração que sentia por Matt. Precisava vê-lo todos os dias pela manhã. No último mês, ficava arrepiada a cada vez que sua voz invadia meu espaço. *Matt era minha droga e não sabia como resistir a*

ele.

— Eu... Eu preciso de mais — ele disse como se tivesse angustiado sobre fazer essa confissão. Matthew afastou-se meio atrapalhado, como se precisasse de espaço, e ajeitou-se, colocando a calça e a cueca, então virou-se fugindo do meu olhar. Eu me sentei tentando fazer o mesmo com minha saia com dignidade, esperando o que viria em seguida. *Arrependimento?*

— Senhor Hunt, eu...

— Matt, me chame de Matt. Te chamo de Sarah às vezes quando não consigo resistir. Me chame pelo nome. Isso que aconteceu não deixa espaço para formalidades.

— Não posso, é meu chefe... É uma loucura.

— Sarah...

— Preciso ir embora. Sei o que eu sinto, mas isso é insanidade. Não consigo pensar perto de você — confessei. *Deus... eu transei com meu chefe, sem camisinha, no trabalho... Eu... Eu...* Ia entrar em pânico a qualquer momento.

— Nem eu — ele disse dando de ombros e completou de forma prática, como se não estivesse afetado pelo que acabava de acontecer: — Venha para casa comigo. Passe o final de semana.

Fechei os olhos ao ouvir o seu pedido, dividida pela urgência de partir e o

sentimento oprimindo meu peito com suas palavras. *Era tentador.*

— Eu não posso, senhor Hunt... Desculpa... — respondi aos tropeções, levantando-me da mesa de qualquer jeito e corri para a porta, querendo sair antes de me arrepender por negar o convite.

— Sarah, não vai!

— É o melhor para todo mundo — falei com urgência, virando-me para ele e colocando alguns centímetros de distância. Ele tinha um vinco em sua testa, observando cada movimento meu, parecendo querer julgar todos os meus pensamentos.

— É o que você quer? Que finjamos que nada disso aconteceu? Porque não consigo, Sarah. Quero tanto você que dói.

— Eu preciso ir — anunciei novamente, ignorando as palavras de Matt. Dei as costas para ele e peguei minhas coisas sobre a mesa, ainda ouvindo seus sons na sala onde estávamos juntos até minutos atrás.

Não posso continuar ali. A tentação era grande demais.

Minutos depois, estava dentro de um Uber caríssimo e pensava no que acabara de acontecer ao observar as luzes de Los Angeles. Minha vida sexual não era grandes coisas até meia hora atrás e tinha certeza de que o que sentimos não era normal. Ele balançou meu mundo do jeito que eu balancei o dele, como se só nós dois juntos conseguíssemos aquele nível de perfeição

suada e visceral, como duas peças de um quebra-cabeça unidos finalmente.

Eu sentia medo.

Acabei de complicar tudo e não sei se me arrependeria daqueles momentos roubados com Matt. Talvez eu só os tivesse no futuro. Talvez na segunda-feira ele estivesse esquecido... Mas não eu. Não com ele.

CAPÍTULO 4

Matt

Observei Sarah sair da sala sabendo que tudo mudaria a partir dali. Ela tinha sido meu grande segredo nos últimos meses, mudou tudo apenas com um olhar de poucos segundos naquele elevador. Nunca fui santo, saio com mulheres o tempo todo, dou a elas uma boa diversão e depois vamos cada um para um lado, rápido, prazeroso e único. Mas Sarah Hamilton me levava além disso desde a primeira vez, como nada fosse o suficiente e eu sempre precisasse de mais. Mas eu nunca a tive efetivamente, ela era apenas minha secretária, a funcionária da minha empresa, mas mesmo assim, a sensação

esteve sempre lá, prestes a explodir.

Eu e meus irmãos tínhamos uma corporação, que era nosso orgulho. Diversos funcionários e tanto o que fazer que passava muitas horas no escritório, dormia pouco, trabalhava muito e não podia pensar em alguma vida pessoal além das poucas horas de prazer nos braços de mulheres semidesconhecidas. Tudo estava bem até que vi aquela beleza loira de longe, correndo e gritando “segure o elevador”, e foi como se um interruptor ligasse dentro de mim. Estendi a mão para parar a porta – contra todas as medidas de segurança que a empresa pregava – e ela murmurou um “obrigada” sem fôlego ao entrar. Estava esperando o momento que ia me encarar, descobrir quem eu era e pedir desculpas pela cena no saguão do prédio. Mas tudo foi eclipsado pela primeira vez que a olhei profundamente em poucos segundos.

Uma corporação, diversos funcionários e todos os dias esperava para ver apenas uma. Foi assim que começou essa merda toda. Não fazia ideia de quem ela era, o que me irritava. Sabia apenas que era pequena, loira, com um cheiro que me enlouquecia e que se encaixaria como uma luva na curva do meu pescoço. Gostava de saber quem era cada uma das pessoas que trabalhava comigo, mas não sabia quem ela era e precisava saber. Não porque era minha funcionária, mas porque era “ela”. Era como se um ímã invisível me puxasse até a desconhecida e nada me fizesse parar de encará-la, seu cheiro floral deixando meu pau duro instantaneamente a cada novo dia. Era

uma loucura que se repetia todas as manhãs, uma reação que nunca tive com mulher nenhuma, principalmente em tão poucos segundos, e que me fazia fingir indiferenças todos os dias.

Precisava tê-la, mas não sabia como.

O apito do elevador me tirou da neblina sensual naquele primeiro dia, fazendo a desconhecida quebrar o contato visual e descer no 10º andar balançando a cabeça levemente, como se quisesse acabar com o estupor do nosso encontro.

Eu me esforcei para estar lá todos os dias depois disso, a vontade cega de vê-la mais e mais e apenas um “bom dia” sussurrado entre os poucos segundos de solidão na caixa metálica. Estava para ficar louco. Só sabia que ela trabalhava na Hunt Enterprise, que chegava cedo e que trabalhava no 10º andar. Cada novo dia me enlouquecendo mais do que o anterior. Minha ética me segurando para saber mais até que percebi que enlouquecia os outros ao meu redor. Foi Jason quem interveio pela primeira vez.

— *Matt, está me ouvindo?* — a voz de Jason do telefone no viva voz indagou com irritação. Era mais um dia que tinha me distraído com o pensamento na loira desconhecida em uma reunião de trabalho.

— Tudo bem, Jason, continue...

— *Matt, não está concentrado, o que está te preocupando?*

— Não consegui reconhecer uma funcionária e fiquei com isso na cabeça.

— *Bonita?*

— Esse não é o ponto — respondi com um tom irritado, não entendendo por que Jason falar sobre “ela” me tirava do sério. — Gosto de saber quem são as pessoas.

— *Vou fingir que acredito em sua resposta.* — Meu irmão deu uma risada seca. — *Procure no RH, fim de história, você é o dono dessa empresa, precisa usar suas armas! Podemos nos concentrar na renovação desses contratos? Isso está sendo uma dor de cabeça ridícula, vou matar os advogados que fecharam os documentos desse jeito!*

Eu fiz o que Jason sugeriu depois que terminamos a ligação. Liguei para a chefe do departamento pessoal e perguntei sobre novos funcionários, sendo informado que tínhamos contratado três pessoas no último mês. Ouvi pacientemente sobre um homem de 35 anos para a contabilidade, uma mulher de 40 para a área de projetos e uma jovem para o secretariado. *Bingo*. Me sentia um maldito stalker, mas consegui o nome e o currículo da desconhecida do elevador minutos depois.

A senhorita Sarah Hamilton tinha 25 anos, formada em negócios, atualmente assistente geral e fluente em alemão. *Maldito Jason e suas ideias*. Todo dia eu me debatia entre deixar para lá e imaginar 300 jeitos de aparecer

no 10º andar e fazê-la passar um tempo comigo. Em todos os cenários que conseguia pensar, eu seria um idiota e ela diria “não”. *Porra, por que estou me sentindo como um colegial sem jeito com essa mulher?*

Guardei a informação comigo até que Lukas Ledermueller me mandou mais um de seus longos e-mails sobre representação de negócios norte-americanos na Alemanha em colaboração com as filiais atendidas por sua agência. Essa questão nunca passou disso, mas era como se a cada seis meses ele tentasse reavivar a chama da parceria não existente e fizesse esses contatos formais para lembrar das nossas conversas. Ledermueller não confiava em nosso trabalho e nunca deixaria a Hunt Enterprise ir pela primeira vez para o mercado internacional sem nossa cobertura total. Tínhamos estudos, dados, planejamento, mas nada adiantava para ele. O alemão não mandaria em nossas negócios dentro ou fora dos Estados Unidos independente de quão vantajosa fosse a parceria.

Conversar com Lukas era uma enorme perda de tempo, mas era bom fazer pelas regras de boa vizinhança. Além de ter uma empresa lucrativa de publicidade e relações públicas, Ledermueller era dono do pior sotaque que já ouvi, e várias vezes precisamos de intérpretes para conversar, o que era um outro grande desperdício de dinheiro, porque eu sabia que no final ele não concordaria com nada, sumiria durante meses e voltaria com uma versão atualizada do projeto anterior sem ceder um milímetro em seus pedidos. O

currículo da senhorita Hamilton veio à minha cabeça naquele exato momento e decidi dar um voto de confiança em um negócio tão simplório que não iria a parte alguma. No máximo, ela passaria vergonha por ter mentido no currículo por não ser exatamente “fluente” e manteríamos uma negociação em alemão simples para que a senhorita Hamilton traduzisse. *Depois eu me veria com a pequena mentirosa.*

Pedi para Diana fazer o contato e marquei as coisas com Lukas Ledermueller. Na hora indicada, Sarah apareceu na sala de reunião e fiquei ofuscado por ela como em todas as manhãs. Percebi o choque em seus olhos e notei sua discussão mental entre encarar-me, sentar-se à mesa ou correr. *Ela não fazia ideia de quem eu era?*

Sarah Hamilton era boa de se olhar e meu pau já mostrava sinais de reconhecimento. Isso era ridículo. Nas últimas semanas não transei com nenhuma mulher, e todas as vezes que me masturbei, a pequena loira estava em meus pensamentos.

Ela estava completamente vermelha e sentia como se ela conseguisse ler minha mente suja.

— O... Olá... Sou Sarah Hamilton — ela disse em uma voz engasgada.

— Sente-se, senhorita Hamilton. Como espero que saiba, somos uma empresa de publicidade de vários formatos e estamos tentando fazer mais

negócios internacionais. Lukas Ledermueller era dono de uma agência de RP na Alemanha e conversaremos sobre algumas parcerias. Temos uma chance de negócio inesperada e por isso essa reunião urgente. Eu faço perguntas, você as traduz e a resposta. Não precisa de mais nada, ok?

Ela se ajeitou à minha frente e comecei a chamada. Lukas Ledermueller apareceu na tela e rapidamente apresentei Sarah como nossa tradutora e minha funcionária. Ela mesma fez sua introdução, aparentemente dizendo o mesmo que eu em alemão, o que era impressionante e um pouco excitante. Começamos a mesma conversa mole de Ledermueller com a sua proposta, trazendo dúvidas que respondíamos para ter uma resposta incerta e uma decisão de esperar mais tempo. Era a droga de um jogo de poder e ele achava que poderia nos vencer pelo cansaço.

Era tudo tão desestimulante que me desliguei por alguns segundos para pedir um almoço para mim e Sarah para Diana através de uma mensagem de texto. Ledermueller continuava e a senhorita Hamilton olhou-me insistentemente, traduzindo mais uma questão até que me entregou um papel rabiscado pedindo algum tipo de proposta. A garota era uma profissional de mão cheia que percebeu o que Lukas queria em 20 minutos. Isso tinha começado sobre meu desejo sexual, mas estava impressionado porque ela não só traduziu, como absorveu informação e trouxe uma ajuda necessária.

Agarrei a deixa para falar com firmeza pela primeira vez, dando atenção

total ao negócio e tratando como uma possibilidade. Disse concretamente o que precisávamos dele, nossas datas, verba e tudo o mais de factual que conseguia lembrar de cabeça. Adicionei algumas experiências para mostrar nossa posição. Um milagre aconteceu e nós conseguimos avançar com um projeto que era empurrado em banho-maria há mais de dois anos. Sarah teve uma reunião de 30 minutos e fez Ledermueller concordar com o nosso plano para oficialmente entrarmos na fase contratual. Era um negócio quase todo feito graças a ela, seu sotaque alemão e sua competência.

Ainda tentando absorver a nova negociação, vi Sarah falando e sorrindo com Lukas sem traduzir. *Merda*. Tentei segurar meu mau humor com o alemão dando em cima da minha garota e me despedi com a voz séria, aproveitando para elogiá-la logo em seguida. Diana me mandou uma mensagem avisando que estava tudo pronto e saí para buscar a comida.

— Você precisa ter um horário de almoço real, Matt.

— Eu sei, Diana. Mas, por enquanto, é isso o que tenho. Almoço e reunião na mesma sala. — Pisquei para ela e voltei para a sala, onde encontrei uma Sarah confusa me encarando.

Ela se soltou um pouco durante o almoço, contando sobre sua família e o porquê de ser fluente em alemão. *Merda, ela era uma ótima profissional que merecia essa oportunidade*. Ela foi chamada às pressas para algo e conseguiu fechar um contrato. Sarah precisava de uma chance.

— Sobre essa reunião, não preciso avisá-la do sigilo, certo? Preciso de anotações sobre o que aconteceu aqui e gostaria que ajudasse Diana com a condução desse negócio quando ela precisar.

— Vou precisar voltar aqui?

— Não, temos tradutores, mas é interessante que acompanhe o processo. Fez um excelente trabalho, Sarah.

— Obrigada.

— Nós nos cruzamos todos os dias pela manhã, não é? — perguntei sem resistir, observei Sarah ficar vermelha e fugir do meu olhar. *Ela fingiria que nossos encontros nunca aconteceram!?*

— O quê?!

— No elevador. É você todas as manhãs.

— Acho que sim, mas não sabia que você era você... Quer dizer...

— Pouca gente chega tão cedo. Não tínhamos nos falado até então.

— É um prazer, senhor Hunt.

— Vamos nos ver mais vezes, Sarah. — Senti o sorriso brotar em meus lábios e tentei controlar meu lado predador.

Estava a um passo de flertar abertamente com minha funcionária. Uma profissional muito competente que me despertou de jeitos impossíveis, mas ainda assim, alguém que merecia uma chance. Era melhor encerrar nosso

almoço ali antes que fizesse alguma loucura. Ela era boa, não a levaria para cama somente para depois perder uma funcionária de talento. Meu corpo, por outro lado, não entendia isso, e ao apertar sua mão, meu mundo foi abaixo. Aquelas coisas idiotas sobre choque e sentir uma energia por todo o corpo... Bem, isso aconteceu e me deixou sem ação. Nos separamos ainda surpresos por aquela energia e afastei-me, olhando-a nos olhos e fazendo um aceno com a cabeça.

Na noite daquele mesmo dia, transei com uma mulher. Loira e pequena como ela. Era o tipo de mulher com quem mais saí durante a vida, isso por alguma coincidência idiota do destino, talvez porque a maioria das modelos fossem loiras, magras e peitudas, mas dessa vez foi uma escolha específica. Precisava tirá-la da minha cabeça.

Então, quando gozei, chamei por Sarah.

Faça chuva ou faça sol, acordava às seis da manhã para correr. Precisava me manter saudável e tinha esse hábito há anos. Já fazia algumas semanas desde a reunião com Lukas Ledermueller e tinha feito vista grossa para a presença constante da senhorita Hamilton no andar executivo para falar com

Diana. Parei de chegar no horário que costumávamos nos encontrar no elevador e tentava evitá-la a todo custo, para não fazer esse sentimento insano crescer ainda mais. Tomei um banho para acalmar os músculos e preparei meu café, aproveitando o silêncio de viver sozinho enquanto observava a vista de Los Angeles. O líquido preto descia quente na garganta, fazendo-me gemer de tão bom. Detestava ter dependências, mais um café bem-feito era meu fraco.

No meio de uma leitura de e-mail, o telefone tocou e vi o nome de Diana. Ainda era cedo para minha secretária ligar. Como desconfiei, era uma emergência. Diana estava aflita e me contou sobre o acidente vascular cerebral do marido e como ela precisava ficar afastada por algumas semanas. Era óbvio que ela tinha que ficar com Larry e acalmei-a, explicando que tudo ficaria bem e que iria proteger seu forte até sua volta. Diana tinha a aparência de uma avó que fazia biscoitos, mas era um tubarão bem treinado. Nos dez anos como minha assistente, ela fazia o que queria comigo, uma pessoa insubstituível. Era engraçado entender como ela chegou até mim: tinha 22 anos, acabara de me formar e abrir uma empresa com meus irmãos e meu pai. Enquanto procurávamos secretárias, Diana apareceu. Todas as outras concorrentes tinham 20 e poucos, talvez 30. Ela passava dos 50.

Odiava dizer isso, mas era o babaca que a dispensaria por isso, porém ela foi mais rápida, como sempre, e disse assim que chegou: *“Olha, sei que sou*

velha e não serei contratada por isso, mas a questão é a seguinte, sei do negócio e você não, você tem dinheiro e o diploma, eu tenho a experiência. Seremos uma dupla e tanto”. Contratei-a em período de experiência pelos culhões de dizer isso a um possível empregador, e ela esteve comigo nos últimos dez anos. Estava preocupado em como seria sem meu braço direito, mas Diana sempre foi mais rápida do que eu e sugeriu:

— *Sarah tem me ajudado no último mês. Não sei como a garota consegue me acompanhar sem deixar as coisas de lado lá embaixo, mas ela faz. Além do contrato alemão, ela está fazendo outras coisas também.*

— Por que diabos ela tem trabalhado com você?

— *Minha aposentadoria, idiota. A moça é ótima e tem estado comigo no último mês. Avise ao RH que precisará dela e pronto, sem drama e o trabalho continuará. E, Matt, não se esqueça de dar um aumento para ela, ok?*

Fui buscar Sarah em seu andar no início da manhã, ignorando meus instintos e respeitando a decisão de Diana de tê-la como sucessora. Tinha evitado Sarah, mas ela também fez um ótimo trabalho em não me encontrar, o que significava que não a via desde a reunião com Ledermueller. A bolsa dela ainda estava sobre a mesa, demonstrando que Sarah tinha acabado de chegar, e me aproximei.

Ela era uma visão com seus cabelos loiros e lisos caídos sobre os ombros. Hoje Sarah usava vermelho, um vestido que delineava cada curva de seu corpo. Senti meu pau crescer nas calças, uma reação comum ao vê-la por aí ou pensar nela, e percebi que precisava me colocar em movimento. Tenho fantasiado e sonhado com Sarah e batido mais punhetas em sua homenagem do que posso contar. Depois que chamei por ela transando com outra, decidi eu mesmo me satisfazer, porque não era justo com as outras.

Tudo aconteceu muito rápido: ela se mudou para a mesa de Diana e começamos a trabalhar, me agradando por saber que ela era tão boa quanto minha secretária achava que era. Éramos uma ótima dupla, Sarah sabia tudo o que eu precisava, como se ainda estivesse com uma versão de Diana que me deixasse duro o tempo todo. Enquanto não a tocasse, conseguiria me controlar, mantendo a imagem de uma relação de trabalho tranquila.

O problema era minha cabeça.

Ficava irado com qualquer homem que chegasse perto dela, incluindo Logan. Quando a ouvi gargalhar para meu irmão, quis socá-lo para depois pensar o quão baixo caí por uma mulher. Passava minutos inteiros pensando no sabor que ela teria ao lambar seus peitos ou se ela se incomodaria se a comesse na minha mesa.

As coisas foram acontecendo por longas semanas até explodir em pedaços. De repente, vi-me enterrado em Sarah, sabendo que ela me queria tanto

quanto eu. Foi a transa mais louca que tive, a melhor, o melhor orgasmo, a melhor mulher. Não abriria mão de Sarah, não agora que sei seu gosto, o jeito que me beijava, o jeito que tremia em minhas mãos. Mas ela pensava diferente. Queria um final de semana inteiro para superar minha fixação por ela e voltar à vida normal, para tentar ter uma vida em que não pensasse em Sarah todo o tempo.

Sarah foi embora sem olhar para trás.

Na manhã seguinte, saí para espairecer. Pensava que estaria com ela em minha cama, mas em vez disso passei mais uma noite com minha mão. Saí para correr e, depois de um café rápido, tirei minha moto da garagem. Era algo que adorava fazer, mas quase não tinha tempo para isso. Minha mãe ficava enlouquecida com a possibilidade de um acidente, mas sempre a lembrava de que minha vida esteve em jogo por tantas vezes em meus 30 anos que merecia aquele prazer.

Ser sobrevivente de um câncer tão jovem não fez grandes maravilhas para mim. O Linfoma de Hodgkin apareceu quando tinha 20 anos, tirou minhas estruturas e me deu outra perspectiva de vida. Às vezes minha família dizia que eu parecia ter medo de criar laços depois daquilo, mas para mim era algo maior: o mundo era grande demais para ter apenas uma coisa, uma pessoa, um sabor, uma emoção. Tudo poderia acabar de repente e não teria experimentado meus desejos e sonhos. Ele me deixou marcas depois do

tratamento, impossibilitando tantas coisas em minha vida, como filhos. Em uma tentativa frustrada de tentar manter algum futuro, deixei amostras em um banco de sêmen. Quando um acidente aconteceu e tudo foi perdido, foi como um sinal para mim. Deveria aproveitar minha vida enquanto houvesse tempo.

Parei em um mirante em Santa Monica, observando o sol escaldante de Los Angeles e pensando em minha situação. Sarah era a primeira pessoa que me fazia pensar sobre o jeito que vivia meus relacionamentos. Uma vez sempre foi o suficiente, mas como ela não era. Uma coisa, uma pessoa, um sabor, uma emoção, mas eu queria apenas o dela.

Sarah disse não.

A temporada de caça estava prestes a começar.

CAPÍTULO 5

Sarah

Desta vez não foi Marisa que me fez passar a noite em claro. Era só fechar os olhos que voltava para aqueles minutos na sala de Matt, nós dois, pele contra pele, sedentos um pelo outro. Criei diversos cenários em que eu dizia “sim” para sua proposta e passava o final de semana em sua cama, satisfazendo-me dessa reação louca que sentia por meu chefe. Estava mortificada por ter transado com ele no escritório, mas não arrependida do que tínhamos feito. Discutia comigo mesma quão estúpido era ter ido até o final com ele ao mesmo tempo que lembrava dos malditos orgasmos

múltiplos que ele me deu naquela mesa.

Chefe.

Essa palavrinha de cinco letras brilhava em minha cabeça como um holofote cada vez que pensava em Matthew Hunt. Tinha estragado tudo de um jeito ou de outro: ao transar com ele no escritório, acabei com todas as minhas chances de ter alguma carreira na Hunt Enterprise. Não tinha coragem de encará-lo e diversas vezes pensei se Matt fazia isso com suas empregadas. Ele sentia desejo e as mandava embora quando se cansava? Isso tudo seria um desastre para as políticas da empresa, um caso entre secretária e chefe... Caso. Talvez para Matthew fosse algo de apenas uma vez, uma oportunidade depois de um dia estressante. Uma mulher disponível compartilhando o mesmo desejo que ele.

Ah... Coloquei meu travesseiro sob minha cabeça e gritei, percebendo os sons serem abafados pelo algodão enquanto me debatia na cama. Minha vida sexual era mais parada que uma estátua de museu, de repente tinha estragado tudo, dormindo com meu chefe e colocando em perigo meu plano de sair deste apartamento, de parar de me sentir ameaçada pelas atividades de Marisa, de conseguir alguma estabilidade na carreira. Sarah Hamilton, você arruinou tudo!

O dia amanheceu e a casa estava cheia de copos por todas as superfícies possíveis. Alguém dormia no sofá da sala e caixas de pizza estavam

espalhadas por toda a cozinha. Arrastei-me pelos corredores, bocejando e notando marcas brancas sobre a mesa da sala que não queria investigar em detalhes. Dormi poucas horas e desejava passar o resto do dia lambendo minhas feridas, pensando no que escreveria na carta de demissão na segunda-feira. Devia tanto para Diana e estava abandonando seu forte antes de seu retorno...

Em finais de semana normais, terminaria arrumando a confusão de Marisa, fazendo compras e vendo um pouco de televisão, mas, desta vez, estava confusa e nervosa demais para ficar trancada em meu quarto. Tomei um banho rápido e saí em busca de um café, onde passei parte da manhã observando as pessoas caminhando pela área de Venice Beach e esperando que alguma epifania me mostrasse o que fazer entre Matt e meu emprego. Quando cansei de pensar por mim mesma, fui até Ellie em busca de respostas.

— Ei... Por que tão cedo? — ela me perguntou bocejando enquanto abria a porta de seu apartamento para mim.

— Fiz uma merda muito, muito grande — respondi e me joguei em seu sofá, escondendo meu rosto com as mãos ao mesmo tempo que percebia os passos sonolentos da minha amiga até senti-la se sentar a meu lado.

— Vamos, Sarah... Você é uma santa, não pode ter feito nada errado.

— Eu transei com o meu chefe — revelei e a olhei preocupada, mordendo meus lábios em aflição.

— É, você fez merda — ela confirmou com um apertão reconfortante no meu joelho. — Este é o chefe que era o gostoso do elevador ou é um dos irmãos da sua obsessão?

— Quê!?

— Todos eles são bonitos, não julgaria — ela respondeu rindo e encarei-a irritada. Ellie sabia tudo sobre Matthew, desde o nosso primeiro encontro até o choque ao vê-lo na reunião meses atrás. *Eu precisava de conselhos!* — Tudo bem... Você finalmente caiu no encanto de Matt Hunt.

— Ellie...

— Como se sente com isso? — ela questionou.

— Você quer a verdade ou o que ando pensando realmente?

— Você deve ter pensado muito, amiga. O que você mais faz é pensar, e isso pode sempre te atrapalhar.

— É bom saber o que é certo e errado — protestei.

— E também é bom seguir seus instintos. O que eles estão te dizendo sobre ontem?

— Que foi bom... Que foi ótimo — respondi, olhando-a com vergonha. — E foi rápido, no meio do escritório... Imagina em uma cama...

— Sem detalhes a menos que você queira contar a história inteira, e eu sei que você é envergonhada demais para isso — Ellie me interrompeu com uma risada.

— Matt pediu para eu passar o final de semana com ele.

— Matt!? Por onde anda o senhor Hunt?

— Depois de nós... Do que aconteceu... Ele disse que não fazia sentido chamá-lo assim.

— Ele tem um ponto. O pau dele estava enfiado em você, não há motivos para formalidades.

— Ellie! — gritei envergonhada e ela riu de mim, dando-me um leve tapinha na perna.

— Muito bem. O que você está em dúvida?

— Queria ter passado o final de semana com ele. Queria mais, como se tivesse me viciado em poucos segundos. Faz sentido?

— Claro que faz. E o que vai fazer a respeito? Sabe onde ele mora?

— Não! E aparecer lá como uma perseguidora... Não posso? — argumentei incerta, o pensamento de aparecer na casa de Matt de surpresa brilhando na minha cabeça. *Oi, poderíamos começar de onde paramos ontem?*

— Sarah, você era uma perseguidora. Você seguiu um desconhecido por

elevadores.

— É diferente!

— Ok! Então segunda-feira, o que vai fazer?

— Bem... Pensei em preencher minha carta de demissão e...

— Você ficou maluca? — Ellie exclamou alto, interrompendo-me.

— Depois do que aconteceu, não consigo trabalhar com ele, amiga, não consigo.

— Trabalhar na Hunt é seu sonho. Você estava adorando tudo que estava fazendo lá, não deixe nenhum homem te tirar isso.

— Mas ele não está! Sou eu que estou...

— Espere ele te demitir, então — ela falou, cortando-me novamente. — O que você pode fazer?

— Fingir que nada aconteceu? — sugeri.

— Você quer esse homem, Sarah? Então vá pegá-lo.

— E se não for algo além de uma noite? Ellie... Foi tudo tão rápido... Nós nem usamos camisinha! Não sei onde eu estava com a cabeça!

— Você acha que pode... — Ellie perguntou sem terminar a frase.

— Tomo anticoncepcional, mas mesmo assim... É idiota transar com um desconhecido sem proteção, por mais tesão que tivesse!

— Ele não é um desconhecido, é seu chefe — ela respondeu com um tom provocador.

— Ahhh... — resmunguei sem resposta, jogando-me sobre o sofá, suspirando alto enquanto minha amiga me dava um olhar cômico.

— Vá pegá-lo para saber! — ela insistiu.

— É tão fácil para você... Você é tão linda e decidida e...

— Querida, não há tempo como o presente. Aproveite enquanto vocês dois estão na mesma página e querem a mesma coisa. Ele pediu para você passar o final de semana com ele. Se você se expor e ele não tiver mais interesse, ao menos você tem sua resposta. É melhor do que ficar para sempre com a dúvida.

— Ellie, como você é tão inteligente? — sussurrei com um sorriso.

— Já vivi muito, querida. Agora, você não tem o telefone nem sabe onde ele mora. Que tal apenas passar o final de semana comendo algumas besteiras e se armando de coragem para segunda-feira?

— Você é especial, Ellie Bracey. Um dia alguém vai roubar o seu chão e serei eu a ter essa conversa.

— Isso nunca vai acontecer, mas é bom ter uma melhor amiga — ela respondeu piscando para mim e me dando um abraço.

Eu fiz um bom trabalho em evitar o tema “Matt e meu emprego” depois da conversa com Ellie. Nós saímos, vimos televisão, nos divertimos juntas e de repente a segunda-feira chegou. Não sabia o que esperar do meu chefe depois do nosso encontro anterior, mas como minha amiga sugeriu, deveria deixar claro o que sentia por ele. Talvez não estivesse pronta para ir para sua casa, mas só de saber o que ele gostaria já ajudaria a acabar com minha angústia. A transa de sexta-feira era uma coisa de duas pessoas, não apenas minha, e precisávamos lidar com as consequências.

Às oito da manhã, sentei-me na mesa e comecei a verificar a agenda do dia. O elevador apitou e Matt Hunt entrou no andar em mais um de seus ternos bem cortados, o cabelo escuro caindo sobre seus olhos verdes-oliva e seu cheiro de perfume masculino tomando todo o ambiente. Eu tremi por sua visão e olhei para meus pés, ajeitando pequenos amassados invisíveis de meu vestido apenas para não o encarar durante aqueles segundos.

— Bom dia, Ma... senhor Hunt — murmurei.

— Bom dia, senhorita Hamilton. Seja rápida, temos uma reunião que não estava prevista.

— Com quem? Não está na sua agenda.

— Marie Martin. Uma investidora de Nova York que está na cidade esta manhã e pediu para me ver. Ela já tem conversado com Jason, mas queria entender mais da área comercial.

— Muito bem... Vou preparar a sala.

— Farei em meu escritório, ela já deve estar para chegar.

— Então do que precisa?

— Que fique alerta com os meus pedidos, será o suficiente.

— Não participo? — perguntei um pouco frustrada. Desde minha vinda para o 29º andar, tenho participado das reuniões da diretoria com frequência.

— Será rápido. Chamo se precisar de algo. Obrigada, senhorita Hamilton — ele agradeceu com um sorriso torto, como se achasse graça de pronunciar meu sobrenome. Seus olhos se demoraram alguns segundos sobre mim antes de entrar em seu escritório e fechar a porta atrás de si.

Nada mudou. Ainda éramos nós dois, uma aura sensual não declarada e Matt trancado em sua sala. Era irritante e reconfortante da mesma maneira. Assim que meu chefe bateu a porta, uma mulher saiu do elevador caminhando lentamente para mim. Ela era linda, do tipo clássico, magra, alta, loira e exalando seu status financeiro e social.

Eu sabia que era Marie Martin, a mulher que Matt queria encontrar sem mim. Ao vê-la, entendi o motivo e imediatamente senti antipatia pela

investidora. *Ah, Deus... Apenas uma noite*, pensei irritada comigo mesma.

— Bom dia, em que posso ajudá-la?

— Matthew Hunt me espera para uma reunião. Sou Marie Martin — ela disse ao estender um cartão enquanto parecia distraída com o celular. Ela não agia arrogante ou irônica, apenas ocupada. *Você está com ciúmes, Sarah...*

— Só um minuto — respondi e comuniquei sua chegada para Matt, que pareceu empolgado em receber a mulher em seu escritório na segunda-feira pela manhã, abrindo a porta com um cumprimento.

Observei-a de perto, caminhando para ele no momento que Matt a recepcionou, dando um sorriso íntimo destacado por seu batom vermelho.

Quando a porta se fechou, isolando-os de meu olhar curioso, permaneci encarando a porta por alguns segundos, pensando se o sentimento que Matt parecia corresponder na verdade era o desejo genérico por mulheres loiras. Estava com raiva de ter pensado tanto nele quando Matt se preocupava com outras coisas... E se ele... E se ele passou o final de semana com alguém? Com ela? Marie Martin... E se Matthew Hunt só precisava de um corpo quente para passar o sábado e o domingo e, quando neguei, ele escolheu outra mulher? *Você está com ciúmes, Sarah.*

— Ahhh...! — murmurei frustrada ao olhar para a porta fechada, girando sobre a cadeira, sabendo que conviver com Matt me deixaria louca depois do

que aconteceu entre nós.

— Tudo bem? — ouvi a pergunta atrás de mim. Girei a cadeira com vergonha e encontrei a mirada curiosa de um homem tão parecido com Matt, olhos azuis muito claros, parecendo confusos enquanto observava meus movimentos.

— Ahh, senhor Hunt. Peço desculpas... — balbucieei, tentando me desculpar pelo meu comportamento. — Estava, eu... Quer falar com seu irmão?

— Sim. Ele já está com Marie Martin?

— Ela acaba de chegar.

— Ótimo. Vou entrar, não precisa me anunciar — ele explicou e olhou para a pequena plaquinha em minha mesa, sorrindo levemente, como se tivesse um segredo que eu não soubesse. — Foi bom conhecê-la, senhorita Hamilton.

— Minhas desculpas novamente, pensei que estava sozinha e seu irmão... — respondi e coloquei a mão em minha boca, deixando escapar minha frustração com Matthew Hunt.

— Eu sei. — Jason Hunt riu. — não deixe ele saber que afeta a senhorita. Ou melhor... Escolha mostrar sua vulnerabilidade, se quiser.

— Ele não afeta! — retruquei rápido demais e Jason me olhou

profundamente.

— Senhorita Hamilton... Eu sou o irmão observador. Confie no meu diagnóstico — ele anunciou, pegando-me desprevenida. — Bom dia!

Eles permanecem na sala por mais de meia hora quando Marie Martin e seu cabelo brilhoso e jeito deslumbrante saíram da sala, ela foi muito afetuosa com Matt. Eles se abraçam e Jason se ofereceu para acompanhá-la até seu carro, conduzindo-a até o elevador. Observei todos os movimentos da mulher, atenta a cada palavra sua para Matt, o veneno do ciúme me tomando e me fazendo achá-la cada vez mais desagradável apenas por olhá-la.

— Posso perguntar de onde é o vestido, se você se interessa tanto — Matt falou perto do meu ouvido, acompanhando meu olhar até a porta do elevador, vendo-a se fechar atrás de Jason e Marie.

— O que disse?

— Você não tirou os olhos de Marie. Algum interesse?

— Nada demais. Foi tudo bem em sua reunião? Vocês pareciam amigáveis — respondi dando de ombros, mas deixando escapar uma pontada de malícia na voz.

— Está com ciúmes?

— De quem?

— De mim — ele explicou, cruzando os braços e me olhando mais de

perto, em um tom quase cômico. — Eu falei que não iria esquecer, Sarah. Não finja que nada aconteceu.

— Senhor Hunt... — sussurrei, levantando-me e dando alguns passos para trás, tentando colocar distância entre nós dois.

— Cada maldito homem que chega perto de você me faz sentir ciúmes. Eu não consigo confiar no meu próprio irmão quando ouço você rir com ele — Matt confessou em um murmúrio, aproximando-se de mim. — Um jantar... Eu e você, hoje, sem pensar demais.

— Matt...

— Nos tire dessa miséria, Sarah — Matt sussurrou baixo, colocando sua mão sob minha nuca e me atraindo para perto dele. Podia sentir sua respiração e o vai e vem de seu peito acelerado, como se estar perto de mim o afetasse da mesma forma que me sentia perto dele. — Você sente algo por mim ou não ficaria com ciúmes de Marie. Um jantar.

— Tudo bem — respondi, dando um passo para trás e afastando sua mão de minha pele. — Mas ninguém pode saber. Não quero que isso se torne uma fofoca... Pode ser? Não podemos fazer isso aqui.

— O que você quiser, amor. Mal posso esperar — Matt replicou ainda com um olhar faminto sobre mim quando o elevador apitou e nós dois nos afastamos como culpados, como se tivéssemos sido pegos.

Apesar da mesa de Diana ficar em um lugar discreto do andar, sua posição a transformava em uma guardiã: era a primeira coisa que as pessoas viam ao descer no 29º. Em situações comprometedoras, como a que acabava de acontecer, seria uma bomba relógio.

— Vejo que escolheu ser vulnerável — Jason comentou ao chegar mais perto, depois de sair da caixa metálica. Eu olhei para Matt culpado, que encarava o irmão zangado por suas palavras.

— Vamos falar sobre a reunião? — Matt perguntou, tentando fazer o irmão mais velho mudar de assunto.

— Muito bem — Jason disse e me deu um sorriso torcido, como se não estivesse acostumado a usar aqueles músculos de seu rosto. — E boa escolha, senhorita Hamilton... Matt estava passeando como um animal enjaulado há algumas semanas.

— Jason, por favor! Podemos entrar? — Matt implorou da porta, observando o irmão com uma súplica no olhar.

— Peço desculpas aos dois. É que às vezes a verdade é o melhor caminho. Deus sabe como existem pessoas traidoras e insensíveis com o sentimento dos outros — Jason disse, centrando seu olhar afiado sobre mim, mas parecendo com a cabeça longe, como se estivesse pensando em outra. Ele e meu chefe encararam-se por alguns segundos, como se existisse um

entendimento além de mim, antes de Jason Hunt balançar a cabeça, tentando clarear os pensamentos.

— Então falando de Nova York... — Matt começou, abriu o escritório e conduziu o irmão para dentro. Suas vozes foram abafadas pela grande porta de madeira e por meus pensamentos.

Eu tinha um encontro com Matt Hunt. *No que estava me metendo?*

CAPÍTULO 6

Sarah

— Está pronta? — Matt perguntou quando passava das seis da tarde. Nós trabalhamos o resto do dia como se o convite para o jantar não houvesse acontecido, e por mais que eu quisesse ligar para Ellie e pedir conselhos, deveria ser uma mulher adulta e lidar com minhas escolhas.

— Acho que as coisas melhoraram muito depois de sexta-feira.

— Com a reunião com Marie e Jason em Nova York acredito que nunca mais vamos ter noites no escritório... Não que eu precisasse reclamar sobre

este dia — Matt concluiu ao me encarar com um ar meio safado, deixando claro para onde estavam indo seus pensamentos.

— Matt, talvez...

— Pare de pensar.

— Não estava. — *Na verdade, estava.*

— Eu falei: um jantar apenas.

— Não é tão fácil — respondi sussurrando e olhando ao nosso redor, com medo de que alguém ouvisse uma conversa tão íntima. — Olha o que aconteceu apenas com um beijo!

— Venha, Sarah. Gosta de italiano?

— Sim, mas prefiro encontrar você lá, não quero que as pessoas pensem coisas.

— Não posso dar carona para você, é isso? Na tentativa de fingir que nada está acontecendo, nós vamos evitar um ao outro?

— Matt, fale mais baixo, por favor — supliquei olhando ao redor.

— Desce comigo naquele maldito elevador, Sarah. Por favor.

— Tudo bem — suspirei resignada em acompanhá-lo, recolhendo minhas coisas sobre a mesa. Matt balançou a cabeça afirmativamente e caminhou à minha frente, mantendo uma distância respeitável até entrarmos novamente na caixa metálica, deixando-nos sozinhos naquele espaço reduzido.

— Sarah, eu...

— Posso fazer uma pergunta? — dissemos os dois ao mesmo momento, olhando um para o outro enquanto o elevador fazia seu caminho até o térreo do prédio.

— Claro.

— Não, você primeiro.

— Sarah, o que quer saber?

— Por que aconteceu?

— Como assim por quê? — Matt questionou-me confuso enquanto eu escapava de seu olhar, mirando meus pés.

— Foi como se algo pegasse fogo em poucos segundos e eu, bem, nunca tive esse tipo de reação com ninguém. Foi incrível, louco e não sei como reagir a isso. Eu desejo você, mas ao mesmo tempo... — declarei até o momento que o barulho das portas se abrindo me fez parar. Matt encarava-me confuso, colocando sua mão na base da minha coluna e me conduzindo através da garagem do prédio. Seus dedos quentes em minhas costas eram comprometedores, mas não conseguia dizer palavra alguma a respeito.

— Você costuma falar pouco, mas quando fala... — ele respondeu com um sorriso ao mesmo tempo que acionava o controle de seu carro. As portas apitaram e ele abriu uma para mim, colocando-me no banco do passageiro

antes de dar a volta e ir para o banco do motorista.

— Nós... Eu disse que preferia ir sozinha — protestei, as palavras vazias em minha boca enquanto me ajeitava no banco de passageiros.

— Nós estamos tendo uma conversa, é mais fácil assim. O que você dizia?

— Me desculpe... Não sei como se sente. Com a mulher de hoje de manhã, eu percebo que talvez esteja parecendo uma louca.

— Sarah — Matt me interrompeu. — Você é a surpresa mais louca que aconteceu na minha vida. Te vi naquele elevador por cinco segundos e te queria. Eu te quero desde aquele instante e dane-se se minha sinceridade te assusta. Nunca me senti assim com outra mulher e não sou o tipo de homem que não corre atrás do que deseja. Estou confuso para caralho, mas não consigo deixar você em paz.

— Você ainda me quer em sua casa? — perguntei tímida, registrando suas palavras. Havia sentimentos difíceis de explicar, como os que senti pela primeira vez ao ver Matthew Hunt. Era mais do que desejo à primeira vista, como se apenas um toque seu fosse capaz de me incendiar.

— Tem certeza? Eu te convidei para um jantar e nada mais. Sarah, não quero forçar você a nada. A coisa começou confusa, com tanta necessidade que nós terminamos transando, mas não precisa ser assim.

— Matt, o que está propondo?

— Um dia de cada vez. O que tivermos que resolver, podemos conversar mais tarde ou amanhã. Eu sei que não vou me satisfazer apenas com uma noite, quero você pelo tempo que for, Sarah.

— A empresa tem suas políticas, e você como dono não deve se envolver com uma funcionária.

— Amor... Nós estávamos envolvidos desde a primeira vez que coloquei meus olhos em você. Certas coisas são inevitáveis, e uma delas era eu e você — ele disse com um olhar meio safado e estendeu sua mão para mim, pegando a minha palma e dando um beijo leve antes de deixá-la ir. O choque ainda estava lá, essa energia invisível, mas agora era diferente. A tensão construiu minhas reações aos pequenos toques, mas agora sabia o que sentiria. Tocar sua pele me excitava como nunca ninguém conseguiu fazer comigo.

— Eu sei — concordei baixinho, vendo seus olhos cor de oliva procurando os meus. — Sinto medo de ser inconsequente, de estar jogando minha vida para o alto por causa de um homem.

— Não importa para onde isso vai, eu te prometo que você permanece na empresa. Você é uma ótima funcionária e não vou deixá-la ir quando nosso caso acabar.

— É apenas isso?

— Um passo por vez, Sarah — ele respondeu frustrado, passando as mãos pelo cabelo castanho, parecendo impotente com a minha pergunta, enquanto se recostava no banco de couro do carro. — Droga. Eu nunca quis algo, nunca estive com ninguém. O que vai ser de nós dois? Restaurante?

— Nós podemos pedir da sua casa?

— Sim — ele respondeu simples, encarando-me profundamente. Eu fiz a escolha. Poderia estar sendo burra, mas não me arrependeria de estar com ele quando sentia essas coisas tão novas e loucas ao estar perto de Matt.

Ele deu a partida no carro, nos conduzindo por Los Angeles enquanto a cidade escurecia ao nosso redor. Matthew Hunt tinha uma casa ao leste da praia de Santa Monica, não perto da confusão de turistas, mas sim indo para o lado dos grandes, exclusivos e muito confidenciais lares das celebridades em direção à praia de Malibu. Ele liberou o portão com um código de segurança e nos levou até a garagem. Era uma casa enorme por fora, maior do que uma normal, mas felizmente menor do que as mansões opressivas de Los Angeles. Uma família poderia morar ali sem parecer algum personagem depressivo de *The O.C.*

Com teto alto e cômodos espaçosos, a casa era impressionante tanto por dentro quanto por fora, mas Matt parecia não ter tido tempo de decorar, com tudo tão vazio e pouco pessoal, como se ele ficasse pouco entre aquelas paredes.

— Tem uma bela casa — declarei olhando ao meu redor enquanto Matt sorria com o meu elogio vazio.

— Uma bela casa vazia, não é? Percebi pelo seu olhar.

— Sim, ela é grande. Deve ser difícil mobiliar.

— Não passo tanto tempo como eu gostaria aqui. Comprei a casa não por seu tamanho, mas pela vista. É impressionante. À noite é interessante pelas luzes da cidade, mas de dia é de ofuscar — Matt falou enquanto eu me aproximava das grandes janelas, constatando a beleza de tirar o fôlego. Não percebi ele se aproximar de mim como um gato atrás de sua presa, colocando suas mãos em meus braços e fazendo um carinho leve, marcando seu toque.

— Precisa de algo, uma bebida? — ele perguntou ao mesmo tempo que girei em seus braços, ficando frente a frente. Ele estava perto de mim, tão perto que poderia tocá-lo se quisesse. Esse conhecimento estava me deixando maluca.

— Preciso de você, só... — sussurrei, olhando-o nos olhos e atraindo sua boca na minha. Era um beijo suave. Com um suspiro, abri um pouco mais os lábios, dando acesso para a língua de Matt. Grudei meu corpo ao seu, sentindo sua ereção em meu estômago.

— Eu falei que não era para isso que estava te convidando — ele insistiu, sua boca ainda na minha.

— Você não pode aceitar que eu o quero, Matt?

— Ahhh, querida. Eu quero vê-la, toda você, nua só para mim — Matt falou, caminhando comigo até o sofá. Ele desabotoou minha camisa, tirando-a e jogando longe. Ele fez o mesmo com o sutiã, deixando meus seios livres para a exploração. Ele me deixou de joelhos sobre a mobília, de costas para ele.

Senti falta de seu toque assim que ele colocou distância entre nós, seu olhar quente deslizando sobre meu corpo. Ouvi o farfalhar de roupa e senti o peito de Matt grudado em minhas costas. Ele estava nu. Subindo no sofá atrás de mim, Matt encaixou a mão debaixo dos meus braços, cobrindo meus seios com a palma das mãos.

— Se incline para mim — Matt pediu e joguei meu corpo para frente, segurando-me no encosto do sofá. Ele começou a beijar minhas costas e pescoço, despertando sensações que não conhecia.

Seus lábios escorregaram por todo o meu corpo enquanto suas mãos caíram sobre minha saia, puxando-a para cima e invadindo minha calcinha. Segurando-me contra o encosto do sofá, podia sentir minha bunda descansando sobre seu pau, a sensação se apertando dentro de mim. Rebolei sobre seu membro sem perceber, tomada pelo instinto e pela vontade de me esfregar em sua ereção. Os toques de Matt eram como fogo me consumindo lentamente. Ele afundou dois dedos em mim, em uma repetição de

movimentos que estava me levando à loucura. Dentro e fora, dentro e fora.

— Vai gozar para mim, baby?

Sentia o pau de Matt cada vez maior, seu volume me animando por trás e criando uma doce fricção, suas mãos em mim e seus lábios em meu pescoço. Eram muitas sensações e tremi, gemendo alto e sentindo a luz através de meus olhos.

— Eu vou... Eu vou... — gritei alto, tendo meu orgasmo através das mãos de Matt, sem fôlego e atropelando minhas palavras.

— Boa garota — ele respondeu ao cair sem fôlego sobre a mobília.

Matt tirou a mão de dentro de mim, tentando me ajeitar o melhor possível ao mesmo tempo que baixava zíper da saia. Ele girou seu corpo, sentando-se no sofá e me deixando de pé em sua frente. Senti a saia cair do meu corpo e empurrei a calcinha, ficando nua, seu olhar de apreciação fazendo minha pele queimar.

— Você é linda, amor. Venha até aqui — Matt pediu, esticando-se sobre o braço do sofá e pegando uma camisinha no bolso de sua calça.

Assisti a um pequeno show particular enquanto ele descia a borracha sobre seu membro até segurar a base do seu pau, olhando-me com lascívia. Sentei-me em seu colo, unindo nossos corpos e sentindo seu membro se encaixar em mim. Matt puxo-me em seus braços, preenchendo e esticando como nunca

senti antes, enterrando-se em mim em um único movimento. Gememos juntos e começamos a nos mexer enquanto era invadida pela sensação de tê-lo dentro de mim.

Usando minhas pernas como alavanca, controlei o ritmo acelerado, tentando satisfazer minha necessidade, mas me perdia a cada gemido rouco de Matt. Estava muito perto de outro orgasmo, tendo espasmos e gritando a cada estocada. Éramos uma confusão suada de sexo selvagem. As mãos dele passeavam sobre meu corpo, apertando e acariciando cada parte da minha pele enquanto sua língua brincava com minha boca em um beijo profundo. Ele apertou minha bunda com força, abrindo-me mais sobre seu colo enquanto martelava seu membro duro dentro de mim com força, fazendo-me pular em seus braços. Um de seus dedos avançou sobre meu traseiro sem fazer força para dentro, apenas girando e rondando meu buraco enrugado sem fazer resistência. Estava enlouquecida e me dividia entre fazer força contra seu dedo, rebolando pela doce invasão, e levá-lo bem fundo em meu corpo.

— Quando tiver pronta, eu vou comer seu rabo, querida. Quero me afundar no seu buraco. Você quer isso, me diz.

— Eu... eu quero — confessei sem fôlego e sem deixar se me apertar contra ele. Matt tinha esse poder sobre mim. Era o dono dos meus desejos mais escondidos, as vontades que nunca falei em voz alta e que agora desavergonhadamente pedia por mais.

— E ninguém mais vai. Você é minha... — ele declarou ao afundar um pouco seu dedo no meu traseiro e fazendo movimentos de vai e vem. Cada movimento mais forte que o outro, seu pau bombeando enquanto suas mãos brincavam comigo.

— Matt...

— Minha, Sarah... Minha. Desde a maldita primeira vez — ele anunciou sem fôlego, lambendo meu pescoço.

Gritando pela chegada do êxtase, travei as coxas em seu quadril, e com meus movimentos internos comecei a ordenhar até a última gota de Matt, que gemia tão alto como eu, querendo cada pequeno arrepio para mim até cair exausta. Foi o melhor orgasmo que tive em minha vida, e meu coração batia acelerado como se houvesse corrido uma maratona. O peito de Matt subiu e desceu acelerado por alguns segundos antes de voltar aos poucos para a calma, acariciando minha cabeça caída sobre seu ombro.

Os leves movimentos de sua respiração e batida rítmica se tornaram uma canção de ninar para mim. Suada e exausta, dormi nos braços de Matthew Hunt.

CAPÍTULO 7

Matt

Olhei a respiração suave de Sarah tentando não surtar com meus pensamentos. Pela primeira vez na minha vida, percebi que estava perigosamente perto de alguém, tão vulnerável como quando se falava de paixão. Veja bem... Eu não estava apaixonado por Sarah, era algo mais visceral, forte, mas não conseguiria resumir apenas como tesão reprimido. Sentia-me como Jason e cada palavra sobre sua ex-noiva, a sensação de saber que Sarah se encaixava nos meus braços de forma única. Estava aterrorizado pela sensação de querer mais de alguém. Eu não podia tê-la, mas era egoísta o

suficiente para não a deixar em paz depois da cena do escritório.

Era um idiota manipulador. Quando surgiu a oportunidade de encontrar Marie para uma reunião tão rapidamente, eu pensei mais em Sarah do que nos negócios. Sabia que a investidora teria efeito sobre minha secretária, porque se ela sentisse um décimo dos meus sentimentos, teria esse mesmo senso de pertencimento, o ciúme de ter outra pessoa próxima. Era forma que me sentia sobre ela todo o tempo, fingindo não estar atraído, mas com um ciúme louco sobre qualquer pessoa que chegasse perto dela. Marie Martin foi uma negociação de Jason, cansado de todo o problema de Nova York. Como ele e a investidora estavam em Los Angeles no final de semana, meu irmão estendeu o encontro para o meu escritório – que tranquilamente poderia acontecer no dele na Hunt Enterprise. Eu desavergonhadamente usei uma questão de trabalho para fazer Sarah decidir me dar uma nova chance.

Quando ela quis voltar para casa comigo, tremi como um adolescente com a primeira namorada. Nós transamos até Sarah desmaiar em meus braços e eu ter os melhores orgasmos da minha vida. Porra, ela era boa e encaixava em mim de todos os jeitos, era tudo o que sempre quis e me deixava assustado para caralho. Eu peguei-a no colo, deposei-a em minha cama e deitei a seu lado, observando seus traços delicados entre as sombras da noite. Ela rolou para mim assim que nos deitamos, descansando a cabeça em meu peito e entrelaçando suas pernas nas minhas.

Era a primeira vez que queria que alguém ficasse. A possibilidade de ter um “para sempre” mesmo sabendo que ele duraria tão pouco. Como uma canção brega do Aerosmith, permaneci acordado só para vê-la dormir, os pensamentos loucos sobre nós dois e minha impossibilidade de ter um relacionamento. *Pela primeira vez, senti-me tentado a quebrar minhas regras, egoísta.* Seu sono plácido me atraiu para a inconsciência, como uma canção que me levou direto para os braços de Morfeu.

A próxima coisa a acontecer foi o alarme tocando às seis da manhã. O barulho familiar do meu despertador me desentrelaçando de Sarah para minha corrida matinal, meus passos pesados para fora da cama para começar a rotina que nunca desobedeci. Quando voltei, ela permanecia dormindo, e sorri ao vê-la espalhada pela minha cama, uma visão tão doméstica e fascinante, tão longe dos meus dias solitários.

— Hora de acordar, preguiçosa — anunciei beijando seu rosto e pescoço. Ela se contorceu um pouco antes de finalmente abrir os olhos sonolentos, dando um leve bocejo enquanto se acostumava com a luz.

— Sua cama é realmente muito boa. Que horas são?

— Quase oito.

— É de madrugada. Venha dormir de novo!

— Nós precisamos trabalhar.

— Eu sei, mas... — ela falou, suas mãos me abraçando e me puxando para seu lado.

— Estou suado, baby.

— Não importa — ela murmurou, encaixando-se no meu peito, mantendo um silêncio confortável por alguns segundos.

— Por que você está suado?

— Fui correr.

— Tentando manter seu abdômen?

— Não. Na verdade, tenho uma rotina um pouco rígida. Tive câncer quando tinha 20 anos.

— O quê? — ela indagou chocada, virando-se para mim, ficando frente a frente. Eu não deveria ter revelado isso, raramente contava para pessoas fora da minha família. Mas de algum jeito, a verdade só escorregou para fora.

— Tem mais de 10 anos, fiquei 11 meses em tratamento. Linfoma de Hodgkin, sabe o que é?

— Não. É grave?

— Todo câncer é grave, querida. Ele ataca o sistema linfático e prejudica a imunidade. É bem frequente em homens jovens, e fui um deles.

— Mas isso já passou, não é?

Percebi seu pensamento indo longe de mim. *Não sei se passou, mas gosto de acalmar as pessoas.* Tenho uma certa certeza de que vai voltar mais agressivo em algum momento, mas ninguém precisa saber disso.

— Estou bem agora. Esse linfoma é um dos que tem mais perspectivas de cura. Fui diagnosticado no início, fiz o tratamento, hoje levo uma vida normal e verifico a cada ano para saber se está de volta.

— E pode voltar ou é apenas uma preocupação?

— Pode, mas a probabilidade não joga contra mim. Sou saudável, faço exercício. Tenho tentado me manter regrado desde então, e mesmo assim, se for diagnosticado novamente, a chance de remissão é grande. E é por isso que nunca pulo as corridas matinais.

— Não quero que nada aconteça com você — ela confessou tímida, afastando os olhos de mim.

— Não vai acontecer, prometo. — Eu era um mentiroso de merda. *Não posso prometer nada, nunca.* Desviei meus olhos enquanto Sarah se movimentava preocupada em meus braços. Como chegamos a uma conversa tão séria?

— Você não pode prometer.

— Mas posso me cuidar — respondi com um suspiro, deixando um silêncio entre nós. Ele era confortável ao mesmo tempo que não era, como se

estivesse bem com o tema, mas não quisesse falar mais a respeito.

— Percebi uma coisa — ela murmurou, pigarreando. — Nós não usamos camisinha na primeira vez. Eu uso anticoncepcional, mas...

— Estou limpo, eu juro, mas se quiser, podemos fazer exames.

— Acabou de me falar que faz tudo para se manter saudável, posso confiar em você?

— Você pode confiar em mim para qualquer coisa.

— E para fazer sexo suado, você é confiável?

— Preciso te alimentar. Prometi um jantar e estamos aqui, horas depois. Nenhuma comida.

— Mas você me comeu... — ela murmurou tímida, com um sorriso safado nos lábios. — Nós podemos fazer isso, mas primeiro preciso matar a fome de outra coisa.

— Senhorita Hamilton, é uma depravada!

— Você aguça o pior de mim, senhor Hunt.

— Posso até ser bom em sexo suado, mas quero tentar uma outra coisa — anunciei, levantando sobrancelha e sorrindo.

— O quê?

— O chuveiro, limpar algumas coisas, fazer outras coisas sujas.

— Isso é um convite?

— Claro, preciso de alguém para esfregar minhas costas — disse ao me levantar e puxá-la para meu colo, onde nos arrastei para uma sessão quente no meu chuveiro.

Nós estávamos fingindo que aquele não era um dia de trabalho, como se não quiséssemos que a magia acabasse depois das horas de prazer. Já passava da hora que deveríamos estar na Hunt Enterprise, mesmo assim, decidimos por um banho quente e um café preguiçoso, sentados à mesa e conversando com tranquilidade. Minha cozinha era espaçosa, e era estranho ter alguém para dividi-la mesmo com tanto espaço vazio.

A casa era pequena para uma mansão: três quartos, uma sala maior, uma saleta, cozinha e banheiro, mas tinha um teto alto e vidros por todo o lado. Do lado de fora, uma piscina tomava uma pequena parte do ambiente e o resto era grama verde, projetando por volta de dez metros até chegar ao final do penhasco. Apesar da proteção não ser visível, ela estava ali para segurar quem pudesse ultrapassar os limites seguros. Não julgava quem chegava perigosamente perto da beira: a visão da praia de Santa Monica – a areia, o céu e a vegetação – era de tirar o fôlego. Foi o que me fez decidir morar aqui. Foi o que uma vez atraiu meu irmão para um casamento íntimo com a praia ao fundo. Jason raramente pisava na minha casa e não podia culpá-lo, porque representava tudo o que ele quis e não conseguiu.

Acompanhei Sarah até sua casa, e depois de uma troca de roupas rápida, dei carona até o trabalho. Ela insistiu para que eu a deixasse uma esquina antes da Hunt Enterprise, para não parecer que estávamos juntos — como se todos os meus olhares não entregassem meu sentimento por ela. Sarah era uma trabalhadora incansável que parecia ter um botão de ligar e desligar a vida pessoal, e na maioria do tempo conseguia se concentrar em suas tarefas. Eu tinha muito mais problemas em conseguir, principalmente porque vivia com uma ereção pronta para o momento que Sarah decidisse brincar no escritório. Agora que conhecia seu sabor, seria uma missão ainda mais complicada.

No final do dia, ela sorriu para mim e decidi que teria que convencê-la a mais encontros. Não estava mentindo sobre um jantar em um lugar calmo, nós dois em uma conversa à meia-luz. Eu queria todas essas coisas com ela, mesmo querendo lutar contra o que estava sentindo.

— O que vamos fazer hoje? — perguntei observando o salão vazio à nossa frente. Já passava das seis horas da tarde, e muitos funcionários já haviam ido para casa.

— Nós? — ela indagou confusa. — Estava indo para minha casa.

— Eu pensei que poderíamos finalmente conseguir nosso jantar — sugeri tentando evitar a expressão de um cachorro que caiu do caminhão da mudança. Não ficaria satisfeito com um “não”.

— Eu achei... — Sarah interrompeu-se, encarando-me confusa antes de perguntar. — Matt, o que nós somos?

— Não sei, isso é novo. É novo para mim também, você quer que diga que é minha namorada? Ok, mas eu não...

— Ei, você está se apressando. Não digo isso, mas achei que seríamos algo de uma noite, de repente virou duas e agora você está aqui?

— É confuso o que estamos fazendo? — cortei-a com um olhar avaliador.

— Diz sentimentalmente ou na cama? Na cama é perfeito — ela confessou com um sorriso — principalmente a parte dos orgasmos múltiplos.

— Quer que eu conte para as pessoas?

— O quê? — Sarah exclamou confusa enquanto eu fazia uma pausa dramática, colocando meu celular no ouvido.

— Ei, Logan, pode passar na minha sala agora?

— O que você está fazendo? — ela sussurrou ao mesmo tempo que eu fazia um movimento com as mãos para ela esperar.

— Anunciando para quem quiser saber... Logan é um fofoqueiro.

— Ei, eu ouvi essa! — A voz nos atraiu ao mesmo tempo que meu irmão mais novo surgiu em nossa linha de visão diretamente de sua sala. Ele encarou minha mão possessiva sobre Sarah e deu um sorriso leve ao exclamar: — Oh, merda, perdi a aposta! Odeio Diana, seriamente!

— O quê?

— Diana me ligou garantindo que vocês estariam juntos depois de duas semanas. Parabéns, perdi 100 dólares e um jantar completo para ela e Larry no restaurante do Robert De Niro.

— Ei... espera, havia uma aposta? — eu indaguei mais nervoso do que deveria.

— Calma, nervosinho, era só entre Diana e eu. E você sabe como os Hunt amam uma aposta.

— Prefiro que ela não saiba — Sarah suspirou um pouco derrotada. — Preferia que você não soubesse também, mas seu irmão é um apressado.

— Não vai reconhecer meu irmão e fazer dele um homem honrado? Esperava mais de você, Sarah.

— Só espero que a família saiba — eu confidenciei. — Conte para Jason, Emma... Já sei! Vamos todos sair no sábado. Jason deve estar por aqui no final de semana. Chame Ellie — disse para Sarah.

— Um comunicado oficial e familiar, irmãozinho? — Logan perguntou, levantando a sobrancelha em uma provocação.

— Organize isso, Logan.

— Muito bem... — ele disse com um sorriso grande para Sarah. — Bem-vinda à família!

— Não, Logan, você entendeu isso errado! Nós estamos apenas saindo — ela exclamou, me olhando entre irritada e confusa enquanto eu apenas a achava fofa em sua confusão.

— Deixa ele, meu amor. Agora vamos jantar, porque estou morrendo de fome.

— Mas, Matt, ele está achando que sou sua namorada!

— Não há razão para brigar sobre isso quando sabemos que vai acontecer, não é? — respondi dando de ombros enquanto Sarah me encarava boquiaberta.

Senti antes de acordar completamente. Meu pau inchado, os lábios suaves distribuindo uma trilha molhada pelo meu torço até chegar ao meu membro, um sorriso em sua boca quando viu meus olhos se abrirem ao mesmo tempo que meu quadril se impulsionou contra ela. Sarah era dona do meu corpo nesse momento, baixando sobre mim e me engolindo inteiro, seus estímulos me despertando com o dia ainda escuro do lado de fora. Ela passou mais uma noite, depois de finalmente levá-la para jantar em um italiano perto de minha casa, nós nos divertimos, conversamos e terminamos em minha cama mais

uma vez.

Sarah estava me chupando e lambendo como se sua vida dependesse disso. Segurando minhas bolas, ela apertava com delicadeza ao mesmo tempo que me tomava em seus lábios, indo e vindo enquanto passava sua língua pela cabeça do meu pau a cada novo movimento. *Merda... Ela sabia fazer um boquete.* Sarah gemia, sua boceta moendo contra minha coxa, seus movimentos ficando mais urgentes e me conduzindo para o orgasmo do século. Me tirando completamente de sua boca, ela passou os dentes delicadamente por meu membro, lambendo-me como um sorvete enquanto tirava meus quadris da cama. Sarah riu com minha reação, sentindo-se no comando. Eu queria dar isso a ela, mas estava próximo, muito próximo. Agarrei seu cabelo, controlando o movimento, e ouvi uma risadinha abafada.

— Sua provocadora! — urrei e ela riu mais forte ainda com meu pau em sua boca.

Controlando o movimento, comecei a bombear em sua boca em estocadas selvagens. Senti minhas terminações nervosas se apertarem e tentei tirar sua boca antes de gozar, mas ela permaneceu em sua posição, ainda me levando fundo em sua garganta. Gozei em sua boca e o homem das cavernas dentro de mim achou que a tinha marcado como propriedade. *Merda, foi um orgasmo ótimo.*

— Bom dia — Sarah disse com um sorriso.

— Bom dia, meu amor. Acordou cedo?

— Queria dar um estímulo antes da corrida.

— E quem vai estimular você? — eu indaguei-a, provocando.

— A soneca que vou tirar quando você sair? — ela respondeu com um sorriso.

— Acho que não.

— São 5h55, seu alarme toca em cinco minutos.

— Bem, isso é uma aposta contra o tempo — anunciei rolando o corpo e ficando sobre Sarah, o sorriso aberto enquanto ela se ajeitava embaixo de mim, abrindo as pernas e se encaixando em meu quadril.

Eu venci.

CAPÍTULO 8

Matt

Nós estabelecemos uma rotina depois desse primeiro dia: jantar juntos, transar até a exaustão como coelhos e acordar na manhã seguinte para fazer tudo de novo. Sarah continuava como minha secretária, e pelo que conversei com Diana, talvez fosse algo definitivo. Bem ao estilo direto de minha assistente, ela disse que havia decidido se aposentar e sua volta seria apenas de semanas, e não algo definitivo. Ela queria estar em uma praia do Havaí com Larry, tomando drinques tropicais, em vez de trabalhar para mim. Antes de terminar a ligação, ela me pediu para lembrar a Logan da aposta, e sorri ao

perceber que, sem uma palavra, Diana sabia o que estava acontecendo. *Maldita mulher, sentiria muita falta dela.*

Sarah passava a noite comigo durante vários dias na semana, e por mais que eu insistisse, ela ainda ia a seu apartamento durante mais noites do que eu achava necessário. Sarah começou a correr comigo depois da minha confissão sobre o câncer, e no final do primeiro mês do nosso relacionamento, ela já tinha parte do meu armário com roupas de trabalho e exercício para não precisar voltar à sua casa apenas para se trocar. Como prometido, Logan falou com todos, e no sábado seguinte estávamos em um pub jogando conversa fora, algo que voltou a acontecer alguns finais de semanas seguintes como uma rotina.

Parecia louca a forma que nós dois embarcamos em um relacionamento tão próximo apesar de tão novo, mas sentia que com Sarah não existia meio-termo para nada. Era como se minha casa e minha cama fossem seu lugar e ela sentisse o mesmo. Quando a pedi para redecorar minha casa, Sarah abraçou a ideia de encher os espaços vazios, escolhendo da mobília às cores da parede, até enfeites inúteis que ela me garantia que ficariam ótimos em minha cozinha.

— Você acha que fiz o certo? — perguntei para Logan, que me olhava confuso por ter invadido sua sala durante uma tarde, quando precisei extravasar meus sentimentos. — Sobre Sarah. Você acha que fiz o certo?

— Não entendo o que está perguntando, irmão — ele disse, se ajeitando na cadeira enquanto me via sentar à sua frente.

— Eu sei que as coisas parecem rápidas demais, mas não consigo não a ter em minha cama todas as noites. Não sei explicar o que está acontecendo. Nunca fui assim com outras mulheres.

— Deixa ver se estou entendendo... Você e Sarah se entendem bem na cama e fora dela, você está se sentindo feliz e acha que algo está errado.

— Logan, você sabe que não posso fazer isso. Estou vendo uma coisa simples se tornar algo sério de repente.

— Matt, você tem uma namorada. Grande coisa!

— Não com o meu histórico, e você sabe.

— E lá vamos nós com a sua perspectiva de vida, o câncer — ele suspirou irritado. — Não te via leve desse jeito há meses, anos, talvez. Não pode só levar um dia de cada vez?

— Eu a chamei de minha namorada, Logan. Tem noção do que é isso?

— Que o mulherengo dos Hunt foi pego com a bunda de fora e agora está com os quatro pneus arriados por uma mulher?

— Merda, Logan... É difícil conversar com você!

— Não é difícil, é que seu raciocínio é idiota — meu irmão censurou. — Você está feliz, continue assim. Mesmo que dure muito ou dure pouco, só

aproveite. É raro ter algo assim.

— Olha o que aconteceu com Jason. Como ele não consegue superar a traição.

— Pergunte a ele se ele se arrepende — Logan pediu.

— O quê?

— Se ele trocaria o tempo que esteve com Lizzie por não a conhecer. Eu acho que Jason foi magoado, mas foi muito feliz no tempo que esteve com ela. Você precisa escolher o que quer, Matt. Do contrário, Sarah vai escapar por seus dedos, e a culpa vai ser sua.

Com esses pensamentos em mente, só deixei as coisas acontecerem. Eu queria tudo e daria tudo de volta, como se não tivesse tempo para as coisas se desenvolverem calmas e tranquilas. Não existia calma sobre nós dois desde o primeiro segundo, quando trocamos um olhar intenso naquele elevador que me mudou para sempre. Apesar disso, ainda tinha um medo do caralho. Não era como se pudesse me afastar ou apenas dar um basta em nós dois, eu era incapaz, mas ao mesmo tempo era tomado por todo tipo de receio com um relacionamento como nunca tive em minha vida. Mas, pela primeira vez, queria tentar, e não estava disposto a perder Sarah tão facilmente. Eu faria o que Logan aconselhou, um dia por vez, sem dar um passo atrás.

Um mês depois, despertei com um susto. Um zumbido constante tocando na cabeceira, fazendo o som leve despertar. Estiquei o braço sobre o móvel, fechando os olhos com a luz forte vindo do celular. “Jason” brilhava na tela, meu coração foi a mil em preocupação por aquelas cinco letras. Sarah se revirou do meu lado, mas permaneceu dormindo com a cabeça afundada no travesseiro. *Por que diabos meu irmão estava me ligando às duas da manhã?*

— Alô... — sussurrei com medo de acordar Sarah.

— Matt, é Jason. Acabam de me ligar para avisar que Ashton morreu.

— Merda — murmurei. — Sabe o que aconteceu?

— Infarto ou coisa parecida. Aconteceu há algumas horas. A namorada dele me ligou e pediu para avisar que ele será enterrado amanhã de manhã.

— Nós vamos?

— Sim — disse Jason com decisão. — Ele não aparece há mais de dez anos, mas ainda é nosso pai biológico. Vou avisar para Logan. Passo as informações por mensagem.

— Tudo bem, vejo você amanhã — despedi-me do meu irmão, sentando-me na cama e colocando as mãos nos meus cabelos. Perdi o sono com a notícia, soltando um longo suspiro ao pensar em Ashton Hunt, meu pai

biológico.

Não era como se ele fosse um pai violento ou que quiséssemos apagar ele da memória por coisas que fez, ele simplesmente não esteve lá. Ashton tentou ter uma família com mamãe, mas depois de quatro anos de casado e três filhos, percebeu que não foi feito para aquilo. Então foi embora, deixando a esposa para cuidar de três crianças, sozinha e sem ajuda de ninguém. *Um ótimo cara*. Ele só reapareceu dez anos depois, quando, em um surto de consciência, veio nos ver e ofereceu ajuda para nossa manutenção.

Nesse intervalo de tempo, ele virou um redator famoso de Hollywood e finalmente tinha dinheiro para lembrar de três filhos e uma ex-mulher que poderiam estar em necessidade. Mamãe já estava casada com papai nessa época, James, nosso padrasto, que cuidou de nós três desde muito pequenos. Ele esteve sempre lá, tanto que Logan só conheceu James como pai, nunca teve a experiência com Ashton.

Com nosso pai garantindo que não precisávamos de nada, Ashton foi embora, ligando vez ou outra para saber se estava tudo bem. Na última vez que o vi, eu estava fazendo quimioterapia. Desconfiava que minha mãe havia avisado que essa era uma daquelas situações que era preciso “estar lá” para um filho, em vez de ligações com muitos meses de intervalo. Para minha vergonha, não pensava muito nele, nem com rancor ou qualquer outro sentimento. Era quase como um parente distante que ligava uma vez ao ano

para saber sobre mim. Meu pai se chamava James Larson, e nunca senti que ele me tratou de forma diferente disso em todos esses anos.

Ashton Hunt era metade do meu DNA, meu sobrenome, e apesar de nunca o ter chamado de pai, era assim que aparecia em todos os meus documentos. Ele estava morto... O que fazia pensar em mim mesmo, em quão perto estive e quanto sempre estaria. Eram duas da manhã e um péssimo momento para discutir minha mortalidade.

— Está tudo bem? — Sarah sussurrou com voz sonolenta ao meu lado, levantando-se da cama e me abraçando por trás, suas mãos descansando em meu peito. Entrelacei nossos dedos, sentindo o afeto de minha mulher enquanto fechava os olhos e tentava controlar minhas emoções. Não queria ser tão dependente dela, mas era como se algo em Sarah, em seu cheiro, seu toque e seu conforto conseguisse me acalmar como nada mais fazia.

— Jason ligou, meu pai teve um infarto fulminante. Ele morreu agora há pouco e sua namorada acabou de avisar.

— Namorada? Seu pai traía sua mãe? — ela perguntou preocupada, procurando meus olhos enquanto eu balançava a cabeça, tentando clarear minhas ideias.

— Não esse pai, baby — disse ao me virar e ficar frente a frente com Sarah. — Meu pai biológico. Não temos tanto contato, mas...

— Como você se sente? — ela indagou, colocando suas mãos em meu rosto e me acariciando com delicadeza.

— É esquisito — respondi com um dar de ombros e tentando ver os contornos do rosto de Sarah através da escuridão, sentindo seus dedos acariciarem minha bochecha com delicadeza. — Não o conhecia. Nunca tivemos conversas profundas, nunca tivemos nada em comum. James estava ali para mim sempre. Nunca o procurei, nunca quis saber. E então ele morreu e não sinto como se tivesse perdido meu pai, entende?

— Tudo bem você se sentir assim, amor. Ele quase não fez parte da sua vida.

— Eu sei, só... — Desisti de falar e abracei-a com força. Em silêncio, deitamos de novo na cama e ela continuou me abraçando, entrelaçados um no outro até o dia amanhecer.

As horas passam devagar conforme nos organizamos para ir ao enterro no Westwood Village Memorial Park. Sarah me perguntou se queria que ela me acompanhasse, sem pensar duas vezes respondi que precisava dela ao meu lado. Logan, Emma e Jason nos buscaram em meu apartamento, e fomos todos no carro do meu irmão mais velho para um bairro muito próximo do nosso. Era impressionante como Ashton viveu sua vida tão perto de nós e ao mesmo tempo nunca esteve inteiramente presente. Durante o serviço, uma mulher morena por volta dos 50 anos chorava enquanto era rodeada por

outras pessoas desconhecidas.

De onde estávamos, Jason contou que ela era Nancy, a companheira de Ashton pelos últimos dez anos e a pessoa que avisou de seu falecimento. Assim que o serviço foi encerrado, ela caminhou até nós cinco ainda com lágrimas nos olhos.

— Muito obrigada por terem vindo, isso significaria muito para Ash. Vocês são tão parecidos com ele!

— Sinto muito, Nancy — disse Jason, como um porta-voz. — Nós precisávamos vir. Era importante.

— Claro... Uma pena suas irmãs não poderem vir.

— Irmãs? — Logan interrompeu, sua voz mais estridente que o normal e me tirando da neblina pós-enterro. Pela primeira vez desde o início daquela conversa, dei minha atenção total ao diálogo, observando a expressão irritada do meu irmão mais novo. Ele era o mais resistente a vir aqui. — Que diabos está falando?

Realmente, que diabos? Irmãs?

— Achei que soubessem. — A mulher nos encarou confusa, não sabendo o que falar sobre as tais irmãs. — Ash falava tanto delas como de vocês, eu... Eu estou confusa.

— Quem são elas, Nancy? — perguntou Jason quase que pontuando cada

palavra em busca da resposta.

— Blair e Victória, são gêmeas muito bonitas. Acho que têm uns cinco anos a menos que vocês, mais ou menos. Não tenho detalhes sobre elas, seu pai não podia manter contato ou algo assim, mas ele acompanhava a carreira das duas. Não consegui falar com elas. A empresária de Victória deve ter desconfiado que era uma mulher maluca...

— QUE PORRA! — gritei e senti Sarah apertar minha mão enquanto ficava para o lado, irritado. Suspirei, tentando controlar minha voz antes de continuar: — Nunca soubemos de gêmea nenhuma, estamos surpresos. Precisamos digerir essa informação, tudo bem? Sinto muito... Estou indo. Espero vocês lá fora.

Ainda de mãos dadas com Sarah, disparei para fora, ouvindo o passo dos outros atrás de mim. *Irmãs*. Entramos no carro em silêncio, com Jason dirigindo, Logan no banco da frente e Emma, Sarah e eu no de trás. Meu irmão mais novo parecia estar resmungando uma série de impropérios enquanto Emma apertava seus ombros através do banco do carona. Conseguimos nos manter silenciosos por menos de cinco minutos, como se tentando tirar a irritação do meu peito, bati com minha mão na minha coxa, murmurando:

— Caralho!

— Matt, relaxe. Vamos saber disso direito. É impossível que ele tenha mantido um segredo desses.

— Precisamos descobrir quem elas são, vai que também não sabem sobre nós. Ashton não fez esforço para nos contar, não é?

— Bem, de acordo com a internet, vocês têm duas irmãs que eram atrizes mirins e hoje têm 25 anos — disse Emma segurando o celular.

— Podem ser as mesmas pessoas? — Jason perguntou.

— Elas não têm o sobrenome Hunt, mas têm o mesmo sorriso de vocês três, se essa é a pergunta. São as únicas Victoria e Blair de vinte e poucos anos em Los Angeles e que são atrizes, como Nancy disse.

— Puta que pariu — Logan resmungou.

— Se acalmem, esperem Nancy entregar o contato e liguem para elas, se forem essas mesmo. Vocês não sabiam delas, não dá para fazer nada pelo passado, mas podem se encontrar e decidir o futuro. É a família de vocês, bem ou mal — Sarah disse de forma calma, encarando cada uma das pessoas naquele carro.

— Como arranjou uma garota tão inteligente, hein, Matt? — Logan brincou, ainda com um brilho de irritação em seus olhos. Sarah sorriu para mim e apertou minha mão.

— Gente... — Emma alertou com uma voz baixa, quase soturna e muito

diferente da que ela costumava usar, dando um suspiro pesado. — Precisam saber de uma coisa.

— O que é? — Meu irmão mais novo se virou para ela, sabendo que algo estava errado. Emma estava esquisita.

— Jason, para o carro — ela pediu. Encarei Emma em confusão. O que quer que ela quisesse dizer precisava da nossa atenção?

— Por quê?

— Jason, por favor... Apenas pare o carro — ela implorou.

— Merda, Emma! Fale logo!

— O padrasto delas, ele... Ele...

— O que, Emma? — Jason perguntou irritado, seu maxilar trincado enquanto ele apertava o volante até seus dedos ficarem brancos.

— Ele estuprou uma delas e batia nas duas, muito. Ele está morto agora.

Jason jogou o carro para o acostamento e saiu do automóvel.

Olhei ao nosso redor, e cada pessoa naquele carro estava impactada pela informação. Se fossem elas... Eu odiava Ashton. Se antes era indiferente, agora, ao saber que ele nos afastou das duas e nos fez incapaz de parar uma injustiça daquelas... *Queria matá-lo independente de ser nosso pai biológico.*

Tirei meu cinto e desci do carro para encontrar Jason ajoelhado, socando coisas ao seu redor. Ele deu um grito irritado e levantou a cabeça, encarando-

me com os olhos vermelhos.

— Como ele foi capaz? Como ele soube disso e nunca nos falou nada? Como ele acompanhava a vida delas e deixou isso acontecer? Que tipo de merda de pessoa ele era? — ele perguntou com a voz embargada. Olhei para trás para ver Emma, Sarah e Logan atrás de mim, também incapazes de dar uma resposta sobre as ações de Ashton.

Nós ficamos vários minutos parados na estrada até que Sarah decidiu assumir o volante do carro, e com Emma no banco da frente nos guiou para a casa da minha mãe. Ela precisava saber sobre as irmãs perdidas e nós queríamos um conforto materno depois das emoções da manhã. Assim que entramos na casa, ela nos abraçou com força até olhar Sarah de cima a baixo por alguns segundos. Era palpável o nervosismo dela em conhecer minha mãe pela primeira vez, principalmente depois de uma situação tão complexa como aquela. Sarah agarrava minha mão com força enquanto mantinha um sorriso nervoso.

— Bem, eu sou Ava, mãe de Matt.

— Me chamo Sarah.

— Seja bem-vinda, querida. Um momento terrível para primeiros encontros, não é? Confiava que meu filho a chamaria para um almoço de domingo ou coisa parecida. — Minha mãe me olhou torto e tive vontade de

sorrir em retorno. — Esse bonitão comigo é James, meu marido.

— Um prazer, Sarah. De verdade — ele disse dando um sorriso amável para Sarah. — É a primeira de Matt, não?

Merda, não vi essa conversa vindo.

— Sim, tinha aquela menina, Jennifer qualquer coisa, mas ela só veio aqui para fazer dever de casa, não é?

— Mãe, por favor... — eu gemi. Eles queriam se divertir comigo.

— Não, senhora Larson, era Jacqueline. Matt fez poemas... — Emma explicou com um sorriso engraçado nos lábios.

— Você escreveu poemas para alguém? — Sarah perguntou. — Não sabia que era um romântico!

— Acho que ela também quer algumas rimas, irmão — Logan completou rindo.

— Ah, pelo amor de Deus! O romântico é Jason.

— Não, ele está aprendendo a ser romântico. Quantos DVDs você assistiu, Jason? — Emma questionou com uma risada enquanto recebia uma careta do meu irmão mais velho. Ela voltou a olhar Sarah, contando o motivo de sua pergunta: — Dei várias comédias românticas para ele de Natal, Jason precisava aprender com os filmes.

— Por que fez isso? — Sarah perguntou curiosa.

— Porque tentava de todos os jeitos fazer Logan namorar comigo, mas tinha as piores ideias românticas do mundo. E além do mais, Logan é como meu irmão, pelo amor de Deus.

— Isso, uma irmã bem gostosa, mas uma irmã — Logan explicou rindo e estendendo um *high-five* para Emma, que respondeu prontamente.

— Isso, vamos falar do estranho relacionamento de Emma e Logan — eu disse olhando para todos os membros da família. Pelos seus olhares, a missão era me fazer passar vergonha.

— Óbvio que não, quero saber sobre seus poemas! — Sarah falou, fazendo todos caírem em uma risada coletiva.

— Chega vocês todos! Vamos comer — eu gritei.

— Ah, Matt, é uma história ótima para contar aos netos! Você apresentou alguém depois de um enterro, só seria pior se o encontro tivesse sido lá — Logan brincou, seu sorriso murchando conforme ele percebeu o que disse. *Porra*. Ele percebeu o que falou e gesticulou um “me desculpe” silencioso.

Todos encararam meu irmão mais novo com algum tipo de choque. Desde o câncer, todas as piadas envolvendo morte foram banidas da nossa mesa, como se ficassem constrangidos demais pelo meu quase-falecimento, mas esse não era o problema. Eu era infértil desde o tratamento do linfoma e nunca teria “netos” para contar sobre qualquer coisa. Era algo delicado, que

aprendi a lidar, mas ainda me feria.

— O almoço está pronto — minha mãe anunciou sem o entusiasmo anterior enquanto Sarah nos olhava confusa, tentando entender o que acabara de acontecer.

Havia um silêncio pesado no cômodo que só se dissipou quando começamos a comer. Nós demos mais detalhes sobre a situação do enterro e das gêmeas, minha mãe chorou ao ouvir que elas tinham sido abusadas. *“Essas pobres meninas, por que ele nunca disse nada?”* Era a nossa dúvida também. Estava tão bravo por essa situação toda.

De volta à minha casa, passei o dia inquieto até receber notícias de Jason. Sarah insistiu em me fazer companhia, e estávamos vendo uma série sem importância quando meu irmão mais velho ligou e informou que Nancy tinha repassado informações sobre a identidade das gêmeas e sobre a herança deixada por Ashton, milhares de dólares economizados em seu trabalho de Hollywood e dividido entre seus cinco filhos e ela. Jason me contou que tentaria contato e que abriria mão da sua parte em favor da companheira do meu pai biológico, então decidi fazer o mesmo. Não era certo e nós já tínhamos um bom dinheiro da Hunt Enterprise, além do que, quando mais precisávamos, ele não estava lá. Esse dinheiro não fazia mais sentido para nenhum de nós três.

Quando encerrei a ligação, percebi que Sarah estava dormindo em meus

braços, tão confortável como no primeiro dia. Todo o dia me fez pensar sobre nós dois. Ela esteve ao meu lado em todos os momentos, me apoiando e me ajudando, e sabia que ela não teria isso em retorno. Mais cedo ou mais tarde, eu a deixaria desamparada, sozinha, sem filhos, cuidando de um doente. Eu não podia fazer nada disso com ela, precisava abrir mão de Sarah e deixá-la encontrar alguém que a fizesse feliz, que pudesse envelhecer ao seu lado, dar filhos e uma história longa.

Não podia deixá-la à mercê como minhas irmãs ficaram. Sarah precisava de alguém forte e saudável, precisava de outro homem, e não de mim. Peguei-a no colo, levando-a para nossa cama. Sarah despertou perguntando se eu estava bem, sua delicadeza e carinho brilhando em seus gestos, dando-me um beijo suave de consolo. Me confortei em seus braços, fazendo amor de forma lenta e tentando expressar o que não conseguia dizer em palavras.

Era meu adeus real, não a encenação que faria no dia seguinte.

CAPÍTULO 9

Sarah

Matt chegou como um rolo compressor em minha vida, derrubando todas as minhas resistências, levando tudo e modificando tudo ao redor. Nós não conversamos sobre nós e sabia que era muito maior do que muitos casais que estavam juntos há poucos meses. Era um sentimento forte, que nunca senti antes, que me deixava rendida ao seu lado e que me fazia querê-lo o tempo todo. Era algo especial, que via refletido em seus olhos a cada dia que passava com ele, cada pequeno momento compartilhado, os sentimentos crescendo sem controle dentro de mim.

Ellie tinha outra opinião. Ela achava temerária a forma como me lancei sobre esse relacionamento, sendo tão aberta e vulnerável quando Matt nunca disse palavra alguma. Não queria apressá-lo e não queria colocar tudo a perder apenas porque Matt não dizia que me amava. Desde que começamos essa qualquer-coisa-que-temos-juntos, praticamente me mudei para o apartamento dele, trazendo minhas coisas aos poucos e dormindo alguns dias pela semana. Não conseguia me afastar, e quando voltava para casa e encontrava a situação desagradável com Marisa, logo deixei as coisas acontecerem. Nossas vidas se entrelaçaram em pouco tempo como se fossem quebra-cabeças prontos para se encaixarem, e apesar de ele não dizer – e eu também não – sabia que aquilo era amor.

Era por isso que confiava sobre deixar rolar um relacionamento sem etiqueta. Estava feliz como nunca estive, e eu o amava, mesmo não querendo e não podendo dizer essas palavras. Em algum momento ficaria frustrada com Matt fazendo demonstrações abertas de afeto sem se declarar, mas não agora. Minha prioridade era estar feliz, mesmo que para isso tenha que ir a passos de tartaruga e não revelar meus verdadeiros sentimentos a este homem intenso, que invadiu cada pedaço do meu ser.

— Bom dia! — saudei Matt ainda com voz de sono.

Ele não estava ao meu lado quando acordei. Depois de ontem, entendia sua falta de sono. Foi um dia emocional e longo, com a morte de seu pai, o

enterro, a descoberta das irmãs e eu conhecendo sua mãe. Caminhei até ele, sentei na bancada da cozinha e dei um beijo suave em seu pescoço, dando minha atenção para a cafeteira. Usava uma de suas camisetas, um hábito que adquiri no último mês, no começo para economizar roupas e depois porque gostava de seu cheiro em mim.

Peguei minha xicara de café e olhei para Matt só com a calça de pijama e fitando suas mãos. Mesmo sendo fiel a suas corridas matinais, ele parecia ter tirado a folga de uma delas hoje, talvez efeito do dia anterior.

— Precisamos conversar — ele anunciou, levantando o rosto para mim pela primeira vez.

— Claro — respondi sentando-me à sua frente.

— Acho que o encontro com a minha família ontem possa ter dado a ideia errada, e preciso te dizer algo.

— Não precisa, cada família tem sua particularidade, Matt. A sua não é diferente de ninguém.

— Não, você não está entendendo — ele suspirou fundo. Olhando nos meus olhos, disse: — Apesar do que eles podem ter achado, nós não temos um relacionamento, ok? Eu sei que estivemos juntos no último mês, mas é só. Não quero ter uma família. Não vou casar com você ou ter filhos. Não vou envelhecer ao seu lado. Não vamos ter jantares de aniversário e nem uma data

especial. O que posso te dar é isso, e sei que é hora de acabar.

Senti como se o chão se abrisse ao meu redor e eu pudesse cair a qualquer momento. *O que era aquilo?* Nada do que ele fez no último mês levava a esse tipo de discurso. Ele me olhava com os olhos frios, senti vontade de chorar.

— Por quê? — consegui sussurrar.

— Porque você está ficando envolvida, e não quero te machucar. Você é muito especial para mim, Sarah. É uma amiga valiosa, uma funcionária ótima e não quero terminar isso com você me odiando.

— Matt, tem certeza? Isso não é sobre ontem, estávamos tão bem...

— É o melhor, Sarah — ele cortou-me com um tom de voz sem sentimentos. *Quem era aquela pessoa em minha frente?*

— Eu... eu... não posso ser sua amiga — expliquei fechando os olhos com força, como se isso pudesse me tirar dali o mais rápido possível. Centrei meus olhos na caneca de café esquecida entre minhas mãos, buscando algo para falar. Não poderia apenas terminar, não é? *Algo que não começou oficialmente não tem o que terminar, Sarah*, meu pensamento traidor me alertou.

— Entendo isso por agora.

— Não — disse com uma lágrima solitária correndo em meus olhos.

Levantei-me de supetão, dando a volta para ele não ver meu choro, suspirando antes de declarar. — Vou arrumar minhas coisas, tudo bem?

— Vou correr, fique à vontade.

Concordei com a cabeça ainda de costas. Fiquei parada no mesmo lugar, muitos minutos em pé no meio daquela maldita cozinha, até ouvi-lo sair. Segurando choro, voltei para o quarto e peguei cada peça que deixei pela casa: roupas, objetos de banheiro e sapatos e coloquei na mochila que sempre trazia para a casa de Matt. Troquei de roupa rapidamente e pedi um Uber, querendo sair o mais rápido possível. Assim que embarquei no carro, olhei para trás. Matt estava na calçada me encarando, como se tivesse esperado do lado de fora propositalmente. Por alguns segundos, quis correr até ele, gritar até fazê-lo confessar seus sentimentos verdadeiros.

Mas ele não queria isso. Era a verdade cruel. Ele queria que eu fosse embora enquanto eu construía castelos de areias em meus sonhos, me apaixonava pelo homem que ele demonstrava ser até não querer mais sê-lo. *Por que, Matt? Por quê?*

— Problemas no paraíso? — Marisa perguntou assim que entrei na sala

com minha mochila. Bufeí em resposta, sabendo que não estava com disposição para esse tipo de conversa e que ela poderia ver através da minha expressão que não gostaria de conversar. — O gato comeu sua língua?

Minha companheira de apartamento estava pintando a unha sentada no sofá e com o pé apoiado na mesa da sala. Tudo estava uma bagunça ao redor – reflexo da minha não-permanência no último mês. Eu dormi apenas algumas noites nesse apartamento e mantive minhas contas corretamente apesar da lixeira que Marisa criou sozinha.

— Marisa, não estou em um momento bom, ok? — Ela levantou as mãos, uma com o pincel e a outra com o esmalte, fazendo sinal de se render. Caminhei para o meu quarto, me jogando na pequena cama e querendo não chorar. Meu celular escolheu esse momento para vibrar.

— Hey, garota, algum plano para esse sábado? — Ellie perguntou animada do outro lado da ligação. Suspirei antes de responder:

— Eu levo a tequila e você compra o sorvete, ok?

— Sarah — ela falou em voz preocupada — por que estamos marcando uma festa de piedade?

— Porque acabo de tomar um pé na bunda essa manhã.

— Você o quê?

— Sim, estava tudo bem, mas essa manhã ele me disse que não queria me

machucar ao me fazer confundir as coisas, que não queria um relacionamento e que achava melhor terminar o que quer que nós tivéssemos.

— Esse babaca! — Ellie gritou irritada do outro lado da linha.

— Ele foi sincero, Ellie. Melhor do que realmente quebrar meu coração.

Ellie ficou em silêncio alguns segundos do outro lado da linha e disse baixo:

— Mas ele quebrou, não é?

— Sim. — *Não vou chorar, não vou chorar.*

— Venha, vou comprar algumas coisas. Vamos ver “Magic Mike”, em uma semana estará como nova, nem vai se lembrar de quem é esse babaca.

— Ele continua sendo meu chefe, Ellie.

— E vai ser só isso, confia em mim. E além do mais, Diana volta na segunda, não é? Não vai nem precisar lidar diretamente com o canalha. Venha logo para cá, almoçamos ou sei lá... Daqui a pouco Marisa começa a te irritar.

Droga... Diana. Ela estaria de volta na próxima semana, mas pediu para que eu permanecesse com ela trabalhando, como uma espécie de assistente da assistente. Deus sabe o que ela planejava, e com o meu término com Matt, as coisas seriam ainda mais complicadas.

Desfiz minha mochila, coloquei roupas limpas e fui até o banheiro tomar

banho. O apartamento estava nojento, mas Marisa que resolvesse isso, estava saindo de novo e aquela bagunça era toda culpa dela.

Debaixo da água quente, dei vazão às minhas lágrimas, permitindo-me chorar com vontade pela primeira vez. Eu ia superá-lo. Ia estar mais forte para segunda-feira. Ele não me faria abrir mão do meu sonho. Fortalecida por essa sessão de autopiedade, troquei de roupa e fui para a casa de Ellie. Eu amava minha amiga, mas a sua cara de enterro e o abraço apertado só me fizeram querer chorar mais.

— Ei... Tive uma ideia. Em vez de tequila, vamos almoçar e ir a um spa, cabelos, unhas, essas coisas. Que acha? — Ellie perguntou, percebendo minha reação.

— Podemos ter a tequila depois?

— Na verdade, estava pensando em sair e ter a tequila em um bar.

— Isso é bom, preciso mudar de ares, acho que um sorvete não faria isso direito.

— Minha garota! — ela comemorou feliz. — Vai para casa no Dia de Ação de Graças?

— Vou. Não vejo meus pais já faz alguns meses e eles vão viajar no Natal. É um bom momento para sair da cidade. Colocar distância entre Matt e eu parece uma boa ideia.

— Vou viajar no dia, mas vou para casa no Natal, quer conhecer Milwaukee?

— Está tudo bem, vou ver uns filmes, ficar bem bêbada, vai ser ótimo.

Eu ri de mim mesma. *Achei que estaríamos juntos*. E foi assim que eu vergonhosamente comecei a chorar em cima de minha amiga e só me acalmei mais de meia hora depois.

Ellie ficava repetindo coisas como “*é bom botar para fora*”, mas sentia que a estava incomodando. Depois de algumas respiradas profundas, me controlei o suficiente para dizer:

— Vamos fazer as unhas?

Sorri sabendo que Ellie poderia fazer com que as coisas melhorassem pelo menos um pouco. Nós passamos o dia fora fazendo todo tipo de massagem e máscara facial, e como minha amiga não quis me dar tempo para pensar, pagou-me um vestido e um penteado novos. Era parte do plano de conseguir a tequila.

A fila na frente do The Groud era gigantesca, mas Ellie acenou para alguém que nos colocou frente a frente com os seguranças. O clube era gigantesco, em uma espécie de antiga fábrica, que não tinha certeza se existiu ou se fazia parte do cenário do lugar. Nós duas maquiadas e com vestidos colados fazíamos uma dupla e tanto, e o segurança rapidamente nos colocou

para dentro. O som alto bateu em meu peito, fazendo meu coração vibrar. Misturados à decoração de tijolos aparentes e luzes baixas como de uma linha de produção, raios de luz atravessavam o ambiente, atraindo o olhar para a cabine do DJ.

À nossa esquerda um bar gigantesco tomava uma parede, com garrafas de bebidas do teto ao chão. Puxando-me pelo braço, Ellie gesticulou a palavra “bar” com os lábios e confirmei com a cabeça. Era impossível conversar qualquer coisa aqui. Minha amiga fez os pedidos e em alguns minutos me deu um drink laranja que conhecia muito bem.

— Sex on the beach, para você superar o pé na bunda transando com outro — ela brincou no meu ouvido e tive que gargalhar como resposta. Ellie me mostrou seu drink, o mesmo que o meu, e nós brindamos.

— Vamos dançar? — perguntei e foi a vez de Ellie concordar. Fazendo malabarismo com meu copo, entrei na pista tentando conseguir um espaço no lugar lotado. Eu não estava me divertindo ainda, e achei que precisava de mais coragem líquida para isso. Acenando para ela, voltamos até o bar, dessa vez tomei a iniciativa.

— Um shot de tequila, por favor.

— Sarah, tem certeza? — questionou a voz preocupada de Ellie em meu ouvido.

— Sim, você quer? Preciso de algo para aquecer.

— Hoje sou sua babá, querida.

— Tudo bem! Um shot para mim e mais dois Sex on the beach, por favor.

Rapidamente o barman colocou o pequeno copo com o líquido dourado na minha frente e se virou para fazer os drinks. Tomei de uma vez, sentindo minha garganta queimar. *Bem, eu queria sentir algo naquela noite, não queria?*

— Ellie! Como está? — uma voz masculina cumprimentou minha amiga enquanto eu esperava nossas bebidas.

— Spencer! Oi.

— Obrigada — disse enquanto pegava os drinks, estendendo um deles para Ellie e me virando para vê-la conversando com um homem. Spencer, ou qualquer que seja seu nome, era bonito. *Bonito e moreno como Matt.* Merda. Meu cérebro precisava parar de ir até ali.

— Sarah, esse é Spencer, está comigo nas aulas de direito. — Do mesmo jeito que o olhei cima a baixo, percebi que ele fez a mesma análise. Sabia que estava bonita, Ellie se esforçou para isso.

— Não sabia que Ellie tinha amigas tão bonitas.

— Muito galanteador.

— Quem usa a palavra galanteador?

— Eu uso — eu ri. — Pessoa velha, essas coisas.

— Quer se juntar a nós? — Spencer indagou apontando para um grupo de moças e rapazes em um dos sofás da boate em um canto. — Ellie? Sarah? Juro que não mordo, a menos que peça por isso.

Eu ri balançando a cabeça e olhei para Ellie procurando sua confirmação. Balançando a cabeça afirmativamente, seguimos para o sofá. Os colegas de Spencer eram divertidos, e depois de algumas horas éramos como amigos de infância, dançando e rindo. Ellie foi fiel à sua palavra e era a amiga consciente enquanto eu não parava de pedir tequilas. Ia passar mal até o final da noite, mas sentia que valeria a pena.

Em algum momento da noite, Spencer me chamou para dançar e eu aceitei. Ele me rodopiou pela pista até me trazer para mais perto. Dançando com os corpos colados, senti seu pau duro nas minhas costas e sei que, pela bebida, acabei um pouco mais ousada do que deveria, continuando a mexer como se não estivesse sentindo nada.

— Sarah, eu preciso saber se é isso que você quer mesmo — ele sussurrou no meu ouvido. Virei-me em seus braços, ficando com os rostos quase colados. Olhei para os lábios de Spencer e ele tomou iniciativa, beijando-me no meio da pista de dança. Ainda sobre a neblina do álcool, respondi timidamente, mas algo não se encaixava. *Ele não é Matt, sua idiota.* Meu cérebro gritava, fazendo-me afastar de Spencer completamente, dando alguns

passos para trás para ficar longe de seu alcance

— Desculpa... — sussurrei, deixando-o na pista e indo na direção de Ellie. Ela me viu chegando e veio em minha direção, preocupada com o meu semblante. Eu estava quase chorando por tudo o que aconteceu hoje e o excesso de bebida.

— Sarah, está bem? — ela tentou gritar entre a música alta.

— Podemos ir embora?

— Sim. Vou falar com o pessoal.

Como um robô, segui Ellie, que conseguiu um táxi e me levou até sua casa. Eu estava mais bêbada do que imaginava, e Ellie me ajudou a tirar a roupa. Antes que pudesse entrar no chuveiro, senti a primeira ânsia chegar no estômago e esvaziei tudo que estava dentro de mim no vaso sanitário. Depois de dez minutos esperando para ver se teria mais vômito ou não, tomei banho e coloquei a blusa que trouxe do meu apartamento.

— Está melhor?

— Sim, vomitei tudo. Posso estar sóbria, talvez — brinquei com um sorriso triste nos lábios.

— Eu acho que não, baby. Faça um quatro para mim — ela pediu e desajeitadamente eu tentei levantar a perna e cruzá-la, mas caí para o lado.

— Tudo bem, você ganha. Vou dormir. — Caminhei até o sofá sentindo o

olhar de Ellie sobre mim. Assim que deitei, ela veio sentar ao meu lado, segurando minha mão.

— Vai passar, Sarah.

— Eu sei, amanhã vou sentir muita dor de cabeça, mas é domingo.

— Não querida, ele. Talvez você nunca supere completamente, mas essa dor, essa coisa toda que está sentindo agora. Ela vai sumir, eu prometo.

— Ellie, quem quebrou seu coração?

— A vida, Sarah.

— Como assim?

— Ela levou a coisa que eu mais amei na minha vida.

— Sua mãe?

— Não, foi antes disso — ela suspirou. — Nunca contei, não é? Pronta para uma história depressiva?

— Ellie...

— Eu sou viúva, Sarah. Esse anel que nunca tiro era dele. Jake... Já tem sete anos, mas nunca sai completamente da minha lembrança.

— Espera, sete anos? Você tinha o quê? 19 anos?

— Nos apaixonamos no colégio e ficamos juntos cada maldito dia desde que tinha 15 anos. Então ele fez 18 e se alistou, como o pai dele. O pai de

Jake morreu na Guerra do Golfo e ele tinha colocado na cabeça que precisava seguir esses passos e defender os inocentes. Transferiram ele para San Diego e eu só poderia vir com ele e morar na base se estivéssemos casados. Não pensei duas vezes e larguei tudo.

— É por isso que você é mais velha que sua turma, não é?

— Sim. O plano era entrar na faculdade, ir para a escola de direito e ser uma profissional brilhante. Em vez disso, larguei tudo e decidi ficar fora da universidade até Jake ser chamado, e nós dois sabíamos que ele seria. Cada vez que enviavam uma equipe para o Afeganistão, eu surtava, mas só chamaram ele 10 meses depois que chegamos aqui. Assim que ele foi, comecei Berkeley porque precisava de algo para me distrair. Continuei a morar na base, então seis meses depois... — Ellie parou de falar, olhando para o alto, como se tentasse controlar sua respiração ao revelar sua história.

— Tudo bem, Ellie. Não precisa continuar.

— Não, tudo bem... Seis meses depois eles bateram em minha porta. Enterrei o amor da minha vida e antes que percebesse fui para casa. De verdade, dirigi quase dois dias vidrada até Milwaukee.

— Nossa, Ellie!

— Sim! Meu pai tinha ficado uma fera quando me casei e não tinha falado comigo por um ano, mas na hora que ele me viu ajoelhada chorando na porta

de casa, me pegou nos braços e me levou para dentro. Passei um ano meio fora do ar, e então voltei para a faculdade.

— Você é tão forte! Voltou para cá para ficar perto de Jake?

— Sim, cada lugar tem uma lembrança e é tudo muito agridoce. Lembro de tudo, de cada mínimo detalhe, mas prefiro ter os momentos doces a reviver a dor de perdê-lo.

— Estou envergonhada por estar chorando por um pé na bunda de um cara aleatório quando me contou tudo isso.

— Primeiro, ele não é aleatório, não sofreria assim se fosse. E eu contei isso para você saber que passa, de algum jeito que é diferente para cada um, mas passa. Agora vem cá — ela disse se aninhando em mim e me abraçando.

— Me promete que não vai vomitar mais?

— Sim, mãe!

— Tudo bem. Vou dormir.

Ellie me deixou sozinha com meus pensamentos e com a certeza que iria superar isso tudo mesmo que doesse mais um pouco.

CAPÍTULO 10

Matt

Na segunda-feira eu estava um lixo. Comecei a beber no sábado de manhã e apaguei em algum momento do final de semana. Eram coisas demais e queria ficar sozinho. Ao mesmo tempo, tudo o que queria era Sarah. *Por que doía tanto?* Não entendia meus sentimentos, nunca me envolvi com uma mulher como ela, nunca senti o que senti por ela, e agora tudo o que eu percebia era a falta dela na minha casa, cada canto com alguma coisa que ela decorou, ou fez, ou eu fiz... *Merda.*

Quando acordei, tinha um tambor na minha cabeça reverberando todo o álcool em minha corrente sanguínea. Mesmo assim, fui correr, esperando que o suor me ajudasse a superar o gosto metálico na boca e a dor insistente que parecia perfurar meu cérebro. Tomei um banho demorado, coloquei um óculos escuros e decidi enfrentar Sarah. Ela seria muito mais madura do que eu, mas apenas de imaginá-la perto, meu peito se apertava. Se Jason sentia mais do que eu sentia agora, não sei como meu irmão mais velho sobreviveu ao abandono de Elisabete. As portas do elevador da Hunt Enterprise se abriram e Diana sorriu, encarando-me de cima a baixo como se não quisesse fazer comentário algum sobre meu estado.

— Diana, como vai?

— Melhor que você, suponho — ela disse me encarando. — Nadou em um balde de uísque ou algo assim?

— Muito engraçado, Diana.

— Tem se comportado desse jeito no último mês? Pobre menina!

— Pare, tudo bem? Não tive o melhor dos finais de semana. Vamos subir em silêncio, sem fazer nenhum barulho, tudo bem?

Ela parou de falar mantendo um riso leve em sua boca. Ao chegarmos no 29º andar, já passava das nove da manhã e sabia que Sarah estaria ali, mas só de encará-la tão dolorosamente linda como no sábado de manhã senti minha

cabeça pulsar. Parecia que nada acontecera, ela usava um maldito vestido vermelho. *Merda*. Sarah passou os olhos por mim e sorriu para Diana.

— Olá, senhor Hunt. Diana, bem-vinda!

— Reunião daqui meia hora, sim? — disse para as duas e entrei no escritório. Ia ser difícil como previ que seria, teria que fazer algo sobre Sarah em sua posição de secretária. Diana me pediu semanas, mas não tinha condições de mantê-la ali com tudo que acontecia em minha mente naquele momento.

— Estamos uma merda hoje, hein... — Logan falou ao entrar sem bater, sentando-se na cadeira em frente à minha mesa. — Qual o motivo de ter bebido seu peso em álcool? Você fede, por acaso tomou um banho antes de vir até aqui?

— Pare, Logan, não estou com humor.

— Sarah não te ajudou com isso?

— Na verdade, Sarah e eu terminamos no sábado.

— Aí está o motivo. Por quê? — ele respondeu se inclinando para frente, parecendo genuinamente interessado.

— Não interessa.

— Ah, vamos, Matt. O que aconteceu?

— Ela estava muito envolvida.

— E beber até cair por isso não é sinal de envolvimento da sua parte?

— Sabe que não posso ter um relacionamento, Logan. Ela vai se machucar.

— A besteira de você morrer cedo de novo? Deveríamos ter parado de alimentar essa merda.

— Isso é um fato, não uma besteira. E você sabe que tem outras coisas...

— Precisa de terapia, irmão. Achei que já tinha superado essa merda. Tenho péssimos exemplos, você com isso da doença, Jason e Lizzie. Ainda me perguntam por que estou solteiro.

— Seu problema não é a gente, é Emma — respondi venenoso e Logan ficou sério de repente, como se não gostasse de falar daquele tema. — Do que precisa, Logan? Me deixe sozinho.

— Os contratos, preciso revisá-los.

— Aqui — disse entregando alguns papéis e um HD. Logan se levantou, parando por alguns segundos como se estivesse relutante sobre o quealaria em seguida.

— Não faça algo para se arrepender, irmão.

Minutos depois dele partir, Diana e Sarah invadiram minha sala sendo eficientes como o normal. Podia apostar que Diana farejava algo entre nós dois, mas Sarah estava tímida como não via desde as primeiras vezes que

trabalhávamos juntos. Nós passamos todo o dia assim até a hora de ir embora, quando Diana se despediu, deixando-nos sozinhos. Como um covarde, esperei parar de ouvir uma movimentação para sair da sala. Ela já teria ido embora? Poderia passar sem perigo de vê-la novamente ou ficar sozinho com Sarah?

Assim que abri a porta, percebi que havia me precipitado ao ouvir a voz de Sarah de sua mesa conversando com alguém:

— Claro, Spencer, quarta-feira seria ótimo. Às sete, pode ser?

Ela esperou a pessoa do outro lado da linha desligar e voltou a arrumar suas coisas. O ciúme me comeu vivo, apesar de não ter mais esse direito. Estava escondido, ouvindo uma conversa pessoal e me sentia no direito de reclamar com Sarah. *Eu era um idiota.*

— Marcando um encontro?

— Ma... Senhor Hunt! — ela disse, encarando-me. — Me deu um susto.

— Quem é ele, Sarah?

— Não é assunto seu. Precisa de mais alguma coisa?

— É assim então? Quarenta e oito horas, Sarah? Parabéns!

Eu não deveria estar irritado, mas estava. O ciúme queimava.

— Quer discutir mesmo? — ela suspirou olhando para cima e tentando se acalmar. — Se não tivesse terminado, eu ainda estaria com você, mas você

fez isso, você terminou essa coisa maravilhosa que tínhamos. Não tem o direito de me perguntar o que estou fazendo. Nem agora, nem quarenta e oito horas depois nem daqui a um ano. Quero que lembre disso. Você abriu mão de se importar no sábado, tudo bem?

— Mas me importo. Coisas... coisas me fazem não poder estar com você, mas eu me preocupo.

— Jura? Não dá para perceber isso com a sua babaquice.

— Mas eu faço — suspirei alto, desistindo de continuar. — Não vou perguntar mais, tudo bem? Mas tenha certeza sobre esse cara, peça para alguém checar, para Logan ou Jason olhar sua ficha, merda, ligue para a segurança da Hunt...

— Matt — interrompeu-me. — Pare, por favor.

— Não sei o que fazer. Vem aqui... — Ela pensou por alguns segundos, mas acabou vindo em minha direção. Em pé à minha frente, encurtei o caminho entre nós dois e a abracei forte, como se fosse a última vez. Sussurrei para ela: — Eu quero que seja feliz. Tanto que dói. Me promete que um dia você será?

Eu me afastei ainda segurando ela pelos ombros e a vi fechar os olhos com força antes de abrir e me mostrar seus olhos castanhos úmidos de lágrimas não derramadas. Ela confirmou com a cabeça e se soltou completamente dos

meus braços, recolhendo suas coisas apressadamente e indo em direção à porta.

Sarah saiu sem olhar para trás, me deixando sozinho. Meu coração martelando contra o peito com suas palavras. Fui eu que estraguei tudo, mas era por um bem maior: ela seria feliz e eu me encarregaria disso.

CAPÍTULO 11

Sarah

Passar pelo primeiro dia sem Matt foi uma prova de fogo. Ele cheirava a bebida quando chegou no trabalho, quase como se tivesse passado o final de semana inteiro enchendo a cara – comemoração pela liberdade, talvez?

Liberdade, bufei com meu pensamento. Nós não falamos sobre como seria o relacionamento, sobre ser exclusivos. Nunca desconfiei durante o tempo que estivemos juntos, e sei que isso me mataria como uma facada no coração, mas depois do jeito que ele terminou comigo, não consigo não enxergar nisso

uma confissão de que ele saiu com outras pessoas durante nosso tempo juntos. Ele era lindo, desejava sexo sem envolvimento, não queria o que eu podia dar, mas o que as loiras peitudas desalmadas ficariam animadas em dividir.

Assim que Matt se trancou no escritório, Diana me deu um abraço sem falar nada ou pedir explicações. Com ela grudada em mim, consegui atravessar o dia e me concentrar no meu trabalho. Como Ellie disse, era questão de tempo superá-lo, mas não conseguiria me manter muito mais tempo ali, lado a lado com o homem que quebrou meu coração. Precisava de outro emprego. Estava me preparando para sair quando o número ligou. Não reconheci, mas como minha família vivia fora do estado, sempre atendia, não importava o que fosse.

— *Alô, Sarah? É Spencer* — o homem me cumprimentou assim que atendi.

— Olá! Tudo bem?

— *Sim. Peguei seu telefone com Ellie.* Notei que no sábado nos adiantamos muito e percebi que devemos ir a um encontro — ele anunciou. *Devemos? Ele me ajudaria a esquecer?*

— Você percebeu? — Eu ri.

— *Sim. Tive uma imensa vontade de te levar ao Alfredo's na sexta, que*

acha?

— Nessa...? É muito cedo.

— *E na da outra semana?*

— Não posso. É feriado, lembra? — Eu percebi que estava dando desculpas demais. *Matt, saia da minha cabeça!*

— *Verdade, quarta então? Bom para mim que vou poder vê-la mais cedo!*

Me encontra lá?

— Claro, Spencer, quarta-feira seria ótimo. Às sete, pode ser? — sugeri.

— *Combinado, não posso esperar! Adeus.*

— Adeus!

— Marcando um encontro? — Matt disse da porta de seu escritório, me dando um susto. *Ele estava ouvindo toda a conversa?*

Se pela manhã achava que a situação de Matt se devia ao nosso término, depois da conversa surreal que tivemos, era uma certeza. No sábado, suas palavras foram secas e ele parecia decidido a se afastar, mas agora parecia frágil e chateado por eu ter um encontro poucos dias depois dele me dar um fora. Quando ele me pediu para chegar mais perto, não consegui dizer não, e minhas pernas se aproximaram automaticamente. Quando ele sussurrou: “*Eu quero que seja feliz. Tanto que dói. Me promete que um dia você será?*” Algo se quebrou em mim e tive que correr para longe. Suas palavras ficariam

grudadas na minha cabeça muitas horas depois disso.

Dormi pouco depois da conversa com Matt e na manhã seguinte estava destruída pelas poucas horas de sono. Estava tentando disfarçar um bocejo quando saí de casa e vi o homem baixinho e de bigode do lado de fora do apartamento, então um arrepio surgiu na espinha. Leonard, meu senhorio, estava parado, como se me esperando sair. *Droga, o que você fez agora, Marisa?*

Nós tínhamos um acordo confuso com Leonard graças à ex-esposa do senhorio e minha colega de quarto. Não sabia de que forma foi negociada, mas eu pagava diretamente para ele da mesma forma que Marisa. Gostava disso, porque se precisasse confiar na atriz para pagar a conta completamente, talvez meu dinheiro nunca visse o destino correto. Como ele nunca apareceu para cobrar antes, torcia para que tudo estivesse certo com as contas do apartamento.

— Bom dia, Sarah, tudo bem?

— Olá, Leonard, algum problema?

— Detesto fazer isso, Sarah, mas preciso que saia do apartamento. Marisa

não me paga há mais de seis meses. Você é comprometida e tem me pagado sua metade corretamente, mas não posso continuar com isso. — *Merda, merda, merda.* Era o que eu mais temia. Finalmente o dia chegou e estava sendo expulsa do apartamento. *O que eu iria fazer?*

— Quanto tempo eu tenho?

— Seis horas.

— O quê?

— Quero trocar a fechadura e vi quando Marisa saiu. Ela me cumprimentou e falou de um teste que duraria horas. Como cumpriu seu contrato, você pode ter suas coisas, mas é o que consigo fazer. Posso devolver também sua metade dos últimos dois meses, mas é isso. Desculpe por isso, mas preciso pensar em mim.

— Ok, Leonard. Estou desnorteada. Que vou fazer?

Fingindo não ouvir minha pergunta, o homem depositou um bolo de dinheiro em minhas mãos e virou as costas, deixando-me parada no mesmo lugar, minha bolsa do trabalho nas mãos enquanto tentava pensar rapidamente no que fazer em seis horas. Finalmente tinha perdido minha casa. *Casa*, esse apartamento nunca foi um lar verdadeiro, e finalmente aconteceu o que eu estava pronta para fazer. Voltei para dentro, troquei por uma roupa confortável, joguei algumas malas sobre a cama e comecei a

arrumação enquanto tentava ligar para Ellie e avisá-la que voltaria para seu sofá. Tinha voltado para o lugar de partida, o sofá da minha amiga e minha vida em poucas malas. Bufei. *Quando conseguiria ter algo só meu?*

Depois de meia hora tentando falar com Ellie, decidi esperar ela entrar em contato. Deveria estar fazendo prova ou algo importante, e não queria deixá-la preocupada. Três caixas de papelão e uma mala depois, eu estava pronta para a mudança, faltando duas horas do meu prazo final e nenhum sinal da minha amiga. Precisava acionar um plano B, e com tão poucos contatos na cidade, ele se chamava Logan Hunt.

Ele também não me atendeu, e amaldiçoando minha falta de habilidade social e por não ter mais amigos, liguei para Emma, que também não estava disponível. *Por que ninguém atende o celular?* Era a vez da opção número quatro, Diana. Não tinha seu telefone, então liguei diretamente para o trabalho na esperança de que ela atendesse, já que estava muito atrasada e nem mesmo avisei sobre minha “questão” da manhã.

— *Hunt.* — *Que belo momento para Matt atender diretamente,* pensei quando ouvi sua voz do outro lado da linha.

— Matt? Sei que deveria estar no trabalho, mas preciso de ajuda — disse, tomada por uma coragem que não sabia de onde vinha.

— *Sarah, onde você está?* — ele perguntou preocupado. — *Está tarde e*

nenhum sinal seu. Está bem? Está ferida?

— Pode chamar Diana?

— *Sarah, me responda!* — ele exigiu sério.

— Estou na minha casa, ou onde era a minha casa — ri sem graça. —
Preciso de ajuda para tirar minhas coisas.

— *O quê? Sarah, o que está acontecendo?*

— Estou sendo despejada, Matt. Por favor... Pode me ajudar? — Ia chorar a qualquer momento.

— *Tudo bem, estou indo para aí* — ele anunciou. Matt sabia onde eu morava por todas as vezes que me acompanhou para pegar minhas coisas quando passava dias em sua casa.

— Não, só avise para Diana, ou Logan, não sei. Você não precisa vir.

— Nunca deixaria você, baby. Estou a caminho. Vou ajudar você! — ele anunciou ao desligar na minha cara e me deixar inquieta.

Quinze minutos depois, enquanto eu ajeitava as caixas perto da porta do elevador, vi Matt e Logan saindo de um carro estacionado na frente do meu prédio através das janelas. Quando cheguei ao térreo com minhas caixas, Matt veio em minha direção, tirando-as das minhas mãos.

— O que aconteceu?

— Meu senhorio disse que a pessoa com quem divido apartamento não

paga o aluguel há seis meses. Ele me devolveu algum dinheiro e deu algumas horas para tirar as coisas. Virá mudar a fechadura em algumas horas e não tenho para onde ir — contei apática. — Também não tenho carro para pegar minhas próprias coisas. Desculpa tirá-los assim do escritório.

— Sarah, pare. Precisa de ajuda, estou aqui. Ele não pode fazer isso sem avisar, vou falar...

— Tudo bem, Matt. Eu só quero uma carona até a casa de Ellie. Já estava na hora de parar de lutar contra essa idiotice que foi morar aqui — respondi, interrompendo-o e fazendo um gesto cansado com as mãos.

— Baby, vamos. — Ele fez um sinal com a cabeça enquanto Logan pegava o resto das minhas coisas. Eles guardaram minhas caixas e a mala em apenas uma viagem, eu os seguia como uma figura patética, ainda segurando minha bolsa de trabalho e uma mochila com alguns itens importantes.

Podia vê-los conversando entre si em voz muito baixa, mas não tinha interesse em tentar alguma conversa. Eu sabia que estavam com pena de mim e precisava segurar firme.

— Sarah, tenho uma ideia, não sei se vai concordar — Logan disse assim que as coisas foram acomodadas na SUV preta. — Nós mantemos uma espécie de hotel perto da empresa para hospedar os executivos de outros estados e países, um *apart-hotel*. Se você concordar, pode ficar lá até

conseguir um lugar melhor para ir.

— Isso é uma proposta muito legal, Logan, mas tenho minha amiga e...

— E vai ficar no sofá dela? — Matt reclamou sem paciência, suspirando irritado. — Desculpa! Mas é uma casa ótima, vamos vê-la? Você vai adorar.

— Matt, eu... — Não sabia como negar sem deixá-los chateados. Não queria nenhum favor de Matt, mas ao mesmo tempo eu era uma sem-teto com várias coisas na rua. Percebendo que duvidava, Matt exclamou um pouco irritado:

— Sem custo, Sarah! Agarre a oportunidade quando você a tem, droga!

— Menos, Matt — Logan reclamou com o irmão. — Vamos ver e você decide, tudo bem?

Concordei com a cabeça e me sentei no banco de trás do carro, sendo conduzida até o outro lado da cidade, perto da Hunt Enterprise. Eles estacionaram em um prédio com vidros claros na entrada, descendo para o estacionamento do local. Quando saímos do elevador, Logan abriu a porta à esquerda, me deixando chocada com o local. O apartamento era claro, arejado e a cinco minutos da Hunt Enterprise. Era o tipo de acomodação confortável e prática, mobiliado e pronto para morar. Era lindo e o que desejava de um bom apartamento dentro do meu orçamento.

— Ele é maravilhoso, certo? — Logan indagou, vendo a resposta em meus

olhos.

— Sim, mas não posso ficar, é uma oferta ótima, mas o que vocês fariam com os executivos? Isso é muito...

— Nós não oferecíamos se não pudéssemos. Se quiser ficar, é seu pelo tempo que desejar — Matt complementou.

— Sim! — disse sem esconder minha empolgação. — Muito obrigada!

Logan e Matt foram até o carro buscar minhas caixas enquanto eu absorvia aquela casa em detalhes, a cortina, o sofá confortável, a pequena mesa lateral. Era como se meu dia tivesse subido do inferno ao céu em poucas horas graças aos irmãos Hunt. Meu celular escolheu esse momento para tocar, Ellie preocupada com as mensagens deixadas ao longo da manhã. *Parece toda uma vida de distância.* Depois de explicar tudo que aconteceu, minha amiga respirou aliviada. Ela me garantiu que o sofá ainda estava à disposição e que passaria depois do trabalho para me visitar.

Matt e Logan partiram logo em seguida, garantindo que poderia tirar o dia para resolver qualquer pendência sobre o apartamento. Eu ainda estava confusa sobre a oferta, mas agradecida. Queria saber sobre Marisa e como ela reagiu com o despejo, mas se fosse sincera, não queria vê-la nunca mais na minha vida.

Nos dias seguintes e com a ajuda de Ellie, reorganizei a mobília do

apartamento e espalhei alguns dos meus pertences. Minha ideia era conseguir alugar um novo com calma e procurando bons preços, mas com a proximidade do Natal, nada parecia bom o suficiente, além de que preferia resolver as coisas quando voltasse da casa dos meus pais. Com o passar dos dias, acompanhei com apreensão o tempo em Massachusetts. Apesar de ser inverno também na Califórnia, a temperatura estava agradável, quase como outono ameno, enquanto meu antigo estado estava sendo devorado pela neve. Eu ainda tentaria embarcar no quinta-feira de manhã, mas tinha minhas dúvidas se o avião sairia do aeroporto ou se o voo seria cancelado.

Com a mente ocupada com a busca pelo novo apartamento, minha preocupação com o clima e fugir de ficar a sós com Matt no escritório, a quarta-feira chegou. O encontro com Spencer que concordei dias antes, onde tanta coisa mudou em um curto espaço de tempo que já nem mesmo sabia se queria isso ou não. Desde o início do dia, Matt estava agindo esquisito, encarando-me mais do que o necessário. Diana continuava a não falar mais, mas ainda me sentia incomodada com seus olhares como uma bola de ping pong, encarando-nos curiosa a cada tentativa de conversa de Matt.

Assim que saí do trabalho, fui direto para o Alfredo's, onde deveria encontrar Spencer. Quando cheguei ao restaurante, ele já estava sentado em uma das mesas laterais. Meu estômago roncou pela comida italiana e percebi que estava realmente com fome.

— Olá!

— Oi! Você está bonita hoje.

— Obrigada! — eu agradeci, sentando-me à mesa. — Estou morrendo de fome.

— Bem, garota com apetite!

O garçom se aproximou com os menus e minutos depois anotou nosso pedido. Spencer contava sobre sua carreira no direito e como estava estagiando em um escritório importante. Me falou sobre sua família na Carolina do Norte e sobre como foi se mudar para tão longe de casa. O caso é, se o tivesse conhecido há dois meses, ele seria “a pessoa” para mim. Era interessante, legal, mas veio depois de Matt. Matt era o furacão na minha vida que levou tudo, e só conseguia comparar um com o outro. Meu cérebro gritava coisas como “*não é tão bonito quanto Matt*”, “*Matt teria me deixado falar mais*” e “*A essa hora já estaria beijando Matt*”.

O Alfredo’s era perto do escritório, e consequentemente perto da minha nova casa. Depois da comida deliciosa e da conversa amena, convidei Spencer para caminhar comigo de volta para o complexo de apartamentos. Ele era realmente um cara legal, eu que não estava preparada para dar mais um passo.

— Bem, deve ser bom morar tão perto do trabalho — ele disse apontando

para a torre da Hunt.

— Sim, posso acordar e estar lá em dez, quinze minutos. Meu sono está agradecendo muito essa mudança de ares — eu ri.

— Não vai acontecer de novo, não é?

— O quê?

— O beijo. Nos beijamos naquela noite e pensei que poderia acontecer. Tínhamos uma ligação legal naquele dia, mas era a bebida, não é?

— Spencer...

— Não, tudo bem. Precisava conferir se os fogos estão aqui ou não — ele disse com um sorriso cavalheiresco.

— Sinto muito, estou enrolada com uma pessoa. Você é um ótimo cara, mas...

— Tudo bem, prefiro não ouvir essa parte. O discurso de rejeição é bem padrão, já ouvi outras vezes.

— Spencer!

— Vá para casa, Sarah. Foi um ótimo encontro, a comida estava ótima.

— Sim. — Sorri para ele. — Você foi uma ótima companhia também. Adeus!

Entrei na portaria ainda observando Spencer parado na calçada. *Droga,*

Matt, por que me estragou para outras pessoas? Se não fosse por ele, não teria tantas reservas. Spencer parecia um ótimo cara.

— Tendo um mau encontro?

— Logan! — eu exclamei com um susto ao ver que também esperava o elevador. — Vocês têm mais apartamentos aqui?

— Sim. Estava cansado para dirigir até em casa. Saiu hoje? — ele explicou enquanto me guiava para dentro do elevador, marcando o meu andar e o dele.

— Sim, com um amigo.

— Ótimo.

— Ótimo?

— Sim, fará Matt agir.

— Não, Logan, Matt não quer nada comigo.

— É aí que se engana, querida. Ele quer tudo com você, ele só acha que não pode se permitir.

Encarei Logan, estava confusa com suas palavras quando a porta do elevador abriu. *Que tipo de família era aquela?*

Quando saí no meu andar, abri a porta rapidamente e joguei minha bolsa no sofá, dando um suspiro sobre o encontro. Não foi um fracasso, mas também nenhum sucesso retumbante. Se fosse sincera comigo mesma, sabia

que não aconteceria de novo. Decidi aproveitar o resto da noite para arrumar minha mala. “*Que ótimo jeito de começar o feriado, Sarah. Muito animado*”, diria Ellie me vendo agora. Não tinha humor para mais. O encontro com Spencer me fez perceber que nem tão cedo teria uma saída normal com outro homem.

Na manhã de quinta-feira, acordei cedo e fui até o aeroporto tentar embarcar no meu voo das seis da manhã. Lá, acompanhei minha viagem atrasar e atrasar até finalmente ser cancelada por uma tempestade de neve em Massachusetts. Procurei a companhia aérea, que me informou que duvidava que voos saíssem nessa quinta – o feriado – e sugeriu que voltasse para casa. Arrasada, liguei para a minha mãe e contei o que tinha acontecido. Ela foi mais compreensiva do que eu imaginava para uma pessoa que não me via há mais de seis meses. Repassei mentalmente o que deveria fazer, mas desconfiava que teria um feriado como o Natal que planejava: sozinha com uma garrafa de vinho.

Aproveitei o resto da manhã de quinta-feira para arrumar todo o apartamento e adiantar algumas tarefas domésticas. No início da tarde, já não tinha nada para fazer. Se tivesse em casa, teria recebido o cheiro de temperos assim que abrisse a porta e iria para a cozinha com minha mãe, fazendo alguns pratos alemães que não têm nada a ver com o Dia de Ação de Graças. A mãe do meu pai, vovó Mary, detestava tudo, reclamando que minha mãe

estragava os feriados com algo que não era tradicional e não honrava os pais fundadores ou algo assim. Eu passava o dia inteiro abraçada ao meu *maultasche* e rindo das duas. Às vezes a briga chegava ao meu *stollen* ou ao *apfelküchlein*, quando minha mãe surtava com seu sotaque carregado sobre gostar de pratos de datas festivas alemãs.

Era estressante para ela, e por isso sempre entendi a necessidade de viajar no Natal e evitar passar datas tão perto uma da outra com minha vó. Quando ela morreu, mamãe passou a assar torta de abóbora ou fazer um peru em homenagem a ela – e para contentar o resto da família – junto ao nosso menu especial alemão.

Decidida a fazer algo, fui ao mercado comprar ingredientes para fazer o *stollen*, uma espécie de panettone alemão que fazemos no Natal, mas que para mim tinha sabor de Ação de Graças. Apesar de ser uma receita europeia, não levava muitos ingredientes diferentes do que poderia encontrar. Precisava de farinha, sal, frutas secas e alguns outros ingredientes que poderia adaptar. O normal era fazer um dia antes para hidratar as passas, mas teria que trabalhar com o que tinha. Algum tempo depois, e feliz por meu *stollen* no forno, ouvi a campainha.

— Matt? — indaguei confusa ao abrir a porta e encontrá-lo de camisa branca e calça jeans. Eu adorava quando ele se vestia de forma mais relaxada e longe dos ternos que usava na Hunt. *Ele era um homem tão bonito...*

— Achei que iria para a casa de seus pais — ele anunciou.

— Como você sabia?

— Diana me contou.

— Ahhh... O que faz aqui?

— Passei para pegar algumas coisas para Logan e ouvi um barulho vindo daqui. Achei que alguém tinha invadido seu apartamento, sei lá — ele respondeu meio tímido, dando de ombros.

— E tocou a campainha?

— Toquei quando percebi que o andar estava com um cheiro de bolo realmente bom. O que é? — ele falou com um sorriso de canto de boca. Percebi que estávamos ainda no corredor e eu estava completamente suja de farinha. Ele me olhava como se quisesse limpar a sujeira com a língua.

— É... Entra, vamos sair do corredor.

— Obrigado.

— Isso é *stollen*, um pão alemão natalino — expliquei apontando para a cozinha, ainda sem jeito.

— E está em casa por quê?

— Tempestade de neve, não consegui pegar meu voo.

— Ok... — Ele ficou pensativo por cinco segundos. — Quanto tempo falta

para o pão ficar pronto?

— Vinte minutos, talvez?

— Consegue se arrumar até lá?

— Por quê?

— Você vem comigo, vamos passar o dia com a minha família.

— Não, está louco?

— Você está indo para Ellie?

— Não, Ellie viajou.

— Qualquer outro lugar?

— Não.

— Eu espero, você vem comigo — ele sentenciou.

— Quem pensa que é?

— Eu sei que não sou sua pessoa favorita, mas é melhor do que passar o feriado sozinha. Minha família ama você. Prometo não te irritar. Você conheceu minha mãe, ela vai ficar irritada se souber que deixei você passar o Dia de Ação de Graças sozinha.

— É só não contar. — Dei de ombros.

— Ela vai perguntar de você e virá te buscar pela orelha — ele ameaçou com um sorriso tímido.

— Matt...

— Por favor.

Ele tinha razão, não queria ficar sozinha. Mesmo assim... Dane-se.

— Tudo bem. Vou me arrumar.

Eu deveria estar maluca por concordar, mas ao olhar o sorriso satisfeito de Matt, apenas fui para meu quarto procurar uma roupa para passar o feriado com os Hunt.

CAPÍTULO 12

Matt

Depois de uma corrida mais rigorosa que a de costume, tentei descansar na manhã do feriado, mas minha cabeça sempre me levava para Sarah e seu encontro. *E se ela tivesse se divertido? Se quisesse continuar com ele? Se o estivesse deixando subir em seu apartamento?* Não tinha direito nenhum, queria que ela encontrasse alguém e fosse feliz, mas a ideia dela com outro homem me machucava como uma dor física. Perto da hora de ir para a casa da minha mãe, Logan me pediu para passar no apartamento perto da Hunt e pegar um notebook, alegando que já estava com a mamãe e que precisaria

dele. Achei o motivo estranho, mas como sabia que Sarah tinha ido visitar a mãe, não desconfiei de seus motivos. Quando ouvi o movimento e senti o cheiro de pão vindo de sua porta, sabia que o notebook era apenas uma desculpa para encontrá-la.

Não sabia se ela sabia que Logan morava no apartamento abaixo do dela e decidiu passar os dias me torturando sobre cada pequeno hábito ou barulho de Sarah que ele pudesse narrar nos mínimos detalhes. Sentado em sua sala, esperando-a ficar pronta, era como se fosse assaltado por lembranças de coisas bobas, como a forma que ela costumava arrumar os travesseiros. Sentia tanta falta dela. Dos detalhes mais simples, como o jeito que ela se movimentava e como comia, do jeito que se enrolava em mim antes de dormir. Queria tocá-la, mas sabia que não podia. Passei os últimos minutos avisando para Logan sobre Sarah e pedindo para ele contar a todos que não somos mais um casal. Não queria que as coisas ficassem desconfortáveis para ela.

Quando ela apareceu na sala com um vestido verde simples e foi até a cozinha embalar o pão, me perguntei que diabos estava fazendo. *Por que não consigo resistir à presença de Sarah Hamilton?*

— Estou pronta — ela anunciou.

— Claro, vamos.

— Tem certeza de que as coisas não ficarão estranhas?

— Tenho, avisei a eles.

— Avisou que nós já não...

— Sim.

— Obrigada.

— Tudo por você, baby.

Conduzi em silêncio até a casa da minha mãe, percebendo que seríamos os últimos a chegar. Minha mãe preferia que passássemos o dia juntos em vez de um jantar tradicional. “*Três filhos gigantes que precisam se alimentar*”, que aos poucos foram criando outras cadeiras cativas. Emma começou a passar os feriados quando tinha 13 anos e tivemos Lizzie por dois até que ela e Jason romperam.

Assim que estacionei o carro, mamãe abriu a porta, como se estivesse passeando de um lado para o outro esperando a nossa chegada.

— Sarah! — disse mamãe correndo em nossa direção e abraçando minha garota.

— Oi, Ava! Desculpa não avisar que viria.

— Besteira! Sempre faço comida a mais pelo tamanho dos rapazes. Eles comem como três monstros — mamãe falou pegando na mão de Sarah e entrando na casa sem me cumprimentar.

— Ela está puta porque vocês terminaram — meu irmão mais velho anunciou assim que passei pela porta e o encontrei apoiado em um dos lados da entrada, observando a cena entre Sarah e minha mãe.

— Jason, olha sua boca!

— Desculpa, mãe.

— Bem melhor. — Minha mãe sorriu de volta.

— Você tem um terceiro filho para dar “olá”, lembra? O do meio. — Sim, parecia um bebê reclamão, mas adiantou quando ela me abraçou e segundos depois voltou a dar atenção para Sarah.

— O que é isso em suas mãos?

— Isso é um *stollen*. É um pão natalino alemão, mas minha mãe sempre fez no Dia de Ação de Graças. Que bom que trouxe para vocês, porque só sabia fazer a receita maior e passaria a semana comendo.

— Agradeça a Matt que te trouxe até nós — Emma brincou, sorrindo no canto da sala. *Boa, garota! Tentando me ajudar.*

— Já fiz — ela disse com um sorriso. — Posso ajudar em algo?

— Claro, todos ajudamos aqui. Jason fugiu de seu posto, mas ele era o responsável por rechear o peru junto a James. Emma estava na cozinha fazendo a salada e Matt fará a torta, ele é o dono dela há anos.

— Sério? — Sarah me olhou surpresa.

— Sim, todos os meus filhos cozinham bem. Não queria que morressem de fome.

Todos fomos para a cozinha, cada um em seu papel. Terminei de preparar a torta – e não me escapou que era o prato favorito de Sarah – enquanto o resto das pessoas se movimentava em silêncio. A casa do meu pai era enorme e a cozinha tinha tamanho industrial, o que era bom para caber todos nós em um mesmo cômodo. Depois de uma hora, tínhamos comida para um batalhão, minha mãe não estava brincando sobre isso. Pouco a pouco, passamos a colocar a mesa na sala de jantar.

— Sinto falta da salada de batatas de Lizzie — mamãe lamentou sem perceber que Jason entrava na sala de jantar logo atrás. Lizzie era um assunto delicado que mamãe insistia em tocar. Eles se apaixonaram, viveram um grande amor até que um dia ela disse que não era isso que queria e foi embora com outro homem. Isso marcou Jason e o mudou do dia para a noite. Ele nunca falava o nome dela, e uma vez pediu para que nós fizéssemos o mesmo.

— Mãe! — berrou Logan.

— Mas é verdade, a menina sabia cozinhar.

— Pena que também era uma vadia traidora — disse Jason sério enquanto voltava para a cozinha em busca de novos alimentos para colocar na mesa.

Um silêncio caiu no cômodo até o celular de Sarah tocar com a notificação do Skype.

— Preciso atender — ela se desculpou.

— Claro, querida — minha mãe respondeu enquanto ela sorriu para a tela e ouvi vozes do outro lado:

— Oi, querida!

— *Hallo, meine liebe!*

— *Hallo, mama, oi, pai!*

Era quente ouvir Sarah falar em alemão com a mãe, e ela parecia mais animada do que em todo o resto do dia. Realmente deveria estar sentindo falta dos pais.

— Posso mostrar vocês? Minha mãe quer ver — ela perguntou e acenei com a cabeça. *O que eu negaria a ela?*

Sarah virou a tela para todos nós, que estávamos nos organizando à mesa, falando e apontando nossos nomes para sua mãe e pai. A mãe de Sarah disse alguma coisa e ela riu traduzindo.

— Minha mãe disse “olá” e está impressionada como uma pessoa tão pequena pode ter filhos tão grandes. — Mamãe gargalhou sobre isso e agradeceu.

Eu estava hipnotizado pela beleza de sua mãe. Ela parecia uma daquelas

modelos aposentadas que ficam eternamente bonitas. Loira como a filha e de olhos castanhos, era impressionante. Agora entendi a necessidade do pai de Sarah de fazê-la ficar no país, eu faria o mesmo. Quem envelhecesse ao lado de Sarah seria um filho da puta sortudo.

Sorrindo, Sarah se despediu dos pais ainda falando em alemão. O pai dela deveria sofrer entre as duas e essa língua complicada.

— Eles aproveitaram que minha família ainda não chegou para o jantar e fizeram a videochamada. Mamãe estava me dando água na boca falando sobre seu *strudel*.

— Sente falta deles, não é? — perguntou meu pai.

— Sim, mas não consegui chegar até lá pela tempestade de neve. Estou feliz que ainda tenham internet, luz e uma comida quente e gostosa.

— Sua família é grande?

— Tenho um tio e três primos, mas só nos vemos no Dia de Ação de Graças.

— Você os verá outras vezes, meu bem.

— Muito obrigada por me receber. Não estou com minha família, mas estou com outra muito especial.

Sorrindo depois disso, nos sentamos, mamãe fez uma prece e começamos a comer. Eu poderia voltar rolando depois da refeição, mas me encostei em

um dos sofás observando Sarah conversar com Emma. Ela evitou falar comigo toda a tarde.

— Sendo um stalker? — disse Logan sentado ao meu lado.

— Observando minha garota.

— Que não é mais sua — Jason falou, sentando-se no espaço livre.

— Esse sofá não é grande o suficiente para nós três — eu disse, tentando desconversar.

— Calma, irmão.

— Vocês dois vão parar? Ela estava sozinha, minha mãe gosta dela, por que não a trazer?

— Não ia falar sobre isso, ia perguntar quando vai parar com essa babaquice.

— Quê?

— Ah, vamos! Nós sabemos que terminou com ela e qual foi o motivo — Jason explicou. — Você está sendo um idiota.

— Estou pensando em seu futuro — retorqui, mastigando cada palavra.

— Está sendo egoísta, Matt.

— Tem uma oportunidade de ouro. Dói perder o amor da sua vida — Jason respondeu, olhando-me seriamente.

— Quer falar sobre isso, Jason? Mesmo?

— Não, mas é que sei exatamente o quão miserável você vai ficar. Eu a odeio em todos os meus dias e mesmo assim não acordo uma noite sem sonhar com ela ou procurá-la na cama, e isso tem dois anos. Tenho um motivo para estar longe, mas o seu não é forte o suficiente. Não perca isso.

— Muito obrigada por hoje — Sarah agradeceu enquanto abria sua porta. Fiz questão de deixá-la na entrada de seu apartamento. Praticamente a forcei a aceitar minha carona e não descansei até trazê-la até aqui. As palavras brilhavam na minha memória como um aviso do futuro. Jason era um antes e outro depois de Lizzie e tinha medo de me tornar uma casca de quem eu era do mesmo jeito que meu irmão.

— Eu a queria comigo.

— Matt, eu... — ela disse fechando os olhos com força. — Não faça isso, por favor. Não seja bom, não seja doce. Você quebrou meu coração na semana passada.

— Não deveria ter feito isso. Estou com medo e não quero me sentir assim.

— Assim como?

— Como se precisasse de alguém para respirar.

— Matt.

— Baby, eu senti tanto a sua falta — confessei, e sem anunciar avancei sobre seus lábios, juntando sua boca na minha. Eu tinha sede daquele beijo. Arrastando-a para trás, fechei a porta e a trouxe até o sofá da sala, sentando-a em meu colo sem nunca deixar nosso contato romper.

— Não, nós... não — ela reclamou ainda com a boca grudada na minha. Colocando distância entre nós, ela continuou. — Não vamos fazer isso. Eu quero que você vá embora.

— Tudo bem, me desculpe, eu só... — desculpei, afastando-me dela, levantando-me e indo em direção à porta. Algo me dizia que agora seria mais difícil tê-la, mas isso ainda não tinha acabado.

CAPÍTULO 13

Sarah

Me mantive o mais ocupada possível no resto do feriado, evitando a tentação de falar com Matt. Sabia que era um erro acompanhá-lo até sua casa no Dia de Ação de Graças, mas não resisti. Sua família era tão amigável, me recebendo de braços abertos e me tratando com carinho mesmo não estando mais com ele. Sentia saudade da minha mãe, do meu pai e até mesmo dos tios e primos irritantes. A tentação de ter um pouco de alegria em vez de ficar sozinha no meu apartamento foi maior e terminei com os Hunt e suas conversas cheias de energia. Tudo correu bem até o beijo... O beijo. Mesmo

não querendo assumir para mim mesma, queria vê-lo na segunda-feira seguinte, observar seus traços por poucos minutos e absorvê-lo naqueles instantes. Precisava me manter longe de Matt se quisesse superar meus sentimentos.

Quando o dia chegou, encontrei Diana sentada à mesa e nada de Matthew Hunt. Tentei disfarçar, mas meus olhos grudavam no elevador cada vez que a porta se abria.

— Ele não vem hoje. Reunião fora. Talvez no final do dia, mas não tenho certeza — ela disse sem tirar os olhos do computador.

— Como foi o feriado?

— Bom, meu Larry continua sem poder comer coisas pesadas, então tivemos um Dia de Ação de Graças sem tantas coisas esse ano, com peru com pouca gordura e muita salada. E o seu?

— Não consegui embarcar porque Massachusetts estava debaixo de neve. Passei o dia com amigos — falei simplesmente, não querendo revelar mais.

— Uma pena, querida. Mas você verá seus pais em breve. O inverno é complicado.

— Sim... Terão outras oportunidades — confirmei de ombros, me absorvendo em uma tarefa agora que sabia que Matt não estaria ali durante todo o dia.

O resto do dia passou em nossa ocupação habitual, até que ele chegou correndo no fim da tarde, nos pedindo para acompanhá-lo até a sala. Depois de algumas perguntas sobre o dia e demandas sobre sua reunião fora, Matt começou a distribuir ordens.

— Diana, alguns investidores estão na cidade, essa semana será de caos. Jason voltou para passar o feriado e aproveitou para marcar algumas reuniões em Hollywood. Elas saíram melhor do que o esperado e vamos passar os próximos dias fora. Vocês duas precisam manter o forte enquanto isso, pode ser?

— Claro, Matt, o que precisar.

— Na quinta-feira ainda vamos a uma convenção...

— Por quê? Nunca fomos a nenhum desses encontros — Diana o interrompeu.

— Tecnicamente ainda não vamos. Descobrimos uma série de reuniões que nos interessam em uma feira de entretenimento. Logan, Jason e eu decidimos que já estamos maduros o suficiente para esses lugares e precisamos confiar na Hunt Enterprise se queremos ir além. Somos grandes aqui em Los Angeles, temos presença em alguns estados, mas queremos melhorar. É aí que entra a Sarah.

— Eu, por quê?

— Vai me acompanhar, na quinta-feira vamos observar a concorrência e ir a uma reunião no Vale do Silício. Nesse dia me encontre lá embaixo, vou dirigir.

— E eu, Matt? Nenhuma aventura para essa velha? — perguntou Diana.

— Dessa vez preciso de Sarah. Nossa reunião é com Lukas Ledermueller. Ele vai estar presente nessa feira e aposto que teremos muito insumo para entender nossa concorrência. O alemão pediu uma reunião urgente ainda nos próximos dias e decidimos que esse é o momento ideal.

— Quer mesmo internacionalizar a empresa, não é? — ela indagou enquanto eu ainda olhava para ambos como uma partida de tênis. *Sozinha com Matt? Em um carro?*

— O plano é ir lá e descobrir o que poderemos fazer nos próximos anos. Vou fazer algumas coisas, mas vocês duas podem ir embora assim que terminarem essas demandas, ok?

Confirmei com a cabeça, levantando-me enquanto ele se virava para o computador, digitando com fúria como se tivesse algo urgente para resolver. Apesar da minha história com Matt, era uma oportunidade de ouro para aprender sobre o negócio, e estava empolgada sobre essas reuniões no Vale do Silício.

Matt não apareceu nos dias seguintes, mas mandava uma série de e-mails

cheios de demandas, como ele falou, em uma semana agitada, incluindo uma mensagem me dizendo que sairíamos às seis horas da manhã de quinta.

Na manhã do dia marcado, coloquei a minha roupa mais neutra e com cara de executiva de sucesso e esperei por Matt. Seriam entre quatro ou cinco horas dirigindo sozinha com ele até o Vale do Silício. Não era justo o quão bonito ele parecia mesmo estando tão cedo. Sempre me surpreendia. Senti saudade de acordar ao seu lado, a barba por fazer e... *Não vá por esse caminho*, gritei para meu cérebro.

— Bom dia, trouxe café. — Matt me mostrou o porta-copos onde recipientes gigantes repousavam. Peguei o meu e comecei a me deliciar com a cafeína entrando em minhas veias, observando o dia amanhecer em Los Angeles. Seria um longo dia

— Qual é a programação?

— Chegar na hora do almoço, comemos rapidamente, vamos para as palestras e trocamos cartões. Encontramos Lukas às sete horas da noite e voltamos logo depois. Vamos chegar de madrugada. Fique à vontade para chegar só à tarde amanhã, ok?

Soltei o ar que estava segurando com a informação de que voltaríamos no mesmo dia. Tinha medo de Matt e eu em um mesmo hotel, minha resistência ruindo a cada dia. Ainda estava abalada com o beijo do Dia de Ação de

Graças. E por mais que Matt se comportasse com distância, me sentia puxada para ele, como se gravitasse a seu redor. Tinha medo de não resistir a mais um beijo e terminar novamente na cama com meu chefe.

— Bom. O que precisar durante o dia, é só pedir.

— Fique de olhos bem abertos, você é muito perceptiva. Gosto disso.

— Obrigada.

Seguimos a viagem em silêncio com alguma conversa ou outra sem muita importância. Peguei no sono em alguns momentos, notando a diferença de tempo pelo meu relógio de pulso. Ao meio-dia estacionamos no hotel, e pelo lado de fora dava para perceber a agitação das reuniões. Nos cadastramos rapidamente e seguimos para o salão onde a refeição estava sendo servida, com grandes mesas comuns e várias pessoas de terno conversando ao redor.

— Nossa reunião será aqui?

— Não, será no Fontain, outro hotel a alguns quilômetros. Não há nem espaço nesse, parece cheio até mesmo para quem deseja um quarto — ele disse, me guiando para o buffet.

Depois de comer rapidamente, corremos para a primeira palestra sobre mídia, e Matt parecia um aluno interessado. Ele era imparável. Nas horas seguintes, conversamos com metade do salão sobre os negócios da Hunt Enterprise. Ele era bonito, seguro e falava bem, criando um canto da sereia ao

nosso redor. Outra coisa que aprendi sobre ele nesse dia foi que Matt era fluente em espanhol, parecendo sexy como o inferno em cada sílaba que falava.

No final do dia, tínhamos vários novos contatos e inclusive uma reunião marcada com uma empresa do Reino Unido que teria um dos seus gerentes em Las Vegas dali poucos meses. Como os negócios da Hunt eram variados, não entendia por que eles nunca foram a um evento desses, mas Matt dizia que era porque tentavam conquistar a excelência de entrega e não sabiam se atenderiam o volume de negociações desse tipo de feira. Era de se entender, eles tinham negócios com meia Hollywood, alguns broadcasts e empresas de Nova York com tecnologia de transmissão de dados e outros serviços de mídia. Na última hora, percebi que Matt estava certo pela quantidade de cartões de empresas interessadas guardados em minha bolsa.

— Acho que a Hunt é um sucesso — disse mostrando a ele os cartões em minha bolsa.

— Vou conversar com Jason sobre essas feiras, são bem instrutivas. Pode ser o passo à frente que estamos planejando. Tudo pronto para a reunião com Ledermueller?

— Claro, quando quiser! — respondi animada. — Ele quer rever o contrato?

— Não, desconfio que será por outro motivo. Vamos ouvir o que ele tem a dizer. E é por isso que é importante sua presença. Deus sabe que o sotaque daquele homem é difícil.

Nós rimos, as feições de Matt relaxadas apertando meu coração com força. *Por que me apaixonei por ele?* Fugi para o banheiro, onde fiquei alguns segundos esperando meu peito parar de bater com força pela presença do meu chefe. Odiava quando isso acontecia. Seguimos para o outro hotel, para encontrar o empresário alemão. Lukas fechou contrato com a Hunt Enterprise, mas queria falar sobre os negócios futuros.

Nós entramos no hotel, tentando nos guiar, quando uma voz chamou nossa atenção. Ele era baixinho, loiro e de meia-idade. Estendeu sua mão para Matt, para logo em seguida escorregar seu olhar por meu corpo sem esconder o interesse. Eu detestava esse tipo de ação, me sentindo como um pedaço de carne exposta. Matt pareceu perceber e endureceu ao meu lado, apertando com força a mão do alemão.

— Olá, Hunt.

— Olá, senhor Ledermueller.

— Bem, você irá me ajudar? — ele disse para mim em alemão sem nem mesmo me cumprimentar. *Que idiota.*

— Claro — respondi em alemão.

O garçom parou ao nosso lado, anotou os nossos pedidos e logo depois o alemão explicou seus motivos. Comecei a traduzir e fiquei surpresa.

— Sem rodeios, Hunt. Gostaria de comprar sua empresa. Tenho uma oferta que acho boa o suficiente para deixar você e seus irmãos felizes. Tem uma empresa boa, mas posso fazer melhor.

— Hunt Enterprise não está à venda — Matt anunciou, fechando as mãos até seus nós ficarem brancos. Ele as colocou debaixo da mesa, escondendo sua reação. meu olhar foi atraído pelo movimento. Ainda traduzindo e tentando manter neutralidade, estiquei minha mão também e agarrei a dele em um aperto, tentando transmitir calma. Senti ele responder ao toque, abrindo um pouco seus dedos e os encaixando nos meus.

— Pense bem, você não tem os contatos que eu tenho e a Hunt será minha de um jeito ou outro, nem que seja parar tomar seu mercado e fazê-la quebrar — o homem ameaçou. Estava desconfortável com a hostilidade no tom de Lukas e apertei a mão de Matt com ainda mais força, fazendo-o ficar menos rígido enquanto traduzia a ameaça. Nas entrelinhas, sabia que o alemão tinha feito um bom negócio no país, mas ele não tinha como atender sem ter a Hunt em suas mãos. Era um idiota ambicioso que torcia para que esse teatrinho desse certo, pois do contrário estaria em maus lençóis com outros empresários.

— Agradeço a oferta, mas não estamos à venda. Se era só isso, obrigado.

Boa sorte ao tentar entrar no nosso mercado — Matt explicou, soltando nossas mãos e se levantando da mesa. Sem cumprimentar o alemão, ele começou a andar para fora do restaurante, fazendo-me correr até ele para acompanhar seu ritmo.

— Vai se arrepender de não aceitar minha oferta, Hunt. Foi um prazer senhorita Hamilton. Gostaria de me encontrar mais tarde? — Parei no meio do caminho e olhei para o alemão com a boca aberta, impressionada com sua cara de pau. Matt seguiu o caminho, sumindo de minha vista.

— Não irei, e não gostei de seu tom.

— Acho que vai gostar de um tom melhor mais tarde.

— Não seja ofensivo. Eu já disse que não, boa noite — disse caminhando a passos irritados para fora do restaurante. *Como ele se atreve?*

— O que ele te falou? — Matt respirou fundo surgindo atrás de mim e voltou a falar, parecendo ter acompanhado a cena toda à distância. — Sarah, o que ele falou?

— Que queria sair comigo, que se não gostei do tom que ele estava falando, tinha algo melhor guardado para depois.

— Aquele merdinha... — Matt tentou voltar, mas segurei seu braço. Ele me olhou nos olhos ainda chateado. — Ele ofendeu você.

— Ele é um babaca que está nervoso porque fechou um contrato e não vai

conseguir atender. Converse com algum de seus contatos no mercado, porque desconfio que essa pose de hoje de Lukas não passa de desespero.

— Leu isso tudo só dele falar que queria comprar a empresa?

— Existe um outro motivo para ele querer concretizar um negócio nas próximas semanas logo depois de fazer uma série de reuniões no país que não seja que ele prometeu demais e não tem estrutura para cumprir?

— Pode ser... — ele disse pensativo.

Um raio estalou do lado de fora e pulei assustada, segurando o braço de Matt ainda com mais força. Nos aproximamos da janela e vimos a chuva forte caindo do lado de fora.

— Aconselho vocês dois a não saírem — disse o concierge do hotel ao nosso lado. — A cidade está uma confusão, a rodovia foi fechada pelo excesso de água na pista.

— Droga — murmurei ainda agarrada a Matt e pulando a cada novo raio.

— Estamos em um hotel, vamos pegar um quarto — ele disse indo em direção ao balcão de atendimento.

— Vamos pegar dois quartos — eu disse para Matt. — Sem planos aqui, ok?

— Sarah... — Matt respondeu sem paciência. — É claro que serão dois quartos. Não temos como voltar essa noite, não vou dirigir com essa chuva.

— Me desculpe... Só...

— Tudo bem, vamos resolver e ir cada um para seu quarto — ele disse me cortando.

Estava me sentindo meio culpada por ter sugerido que isso seria um plano. Corrigindo, eu gostaria que fosse, ele não foi nada mais do que cavalheiro. Matt pareceu meio zangado depois que sugeri isso e só voltou a falar comigo para murmurar um “boa noite” seco antes de entrar em seu quarto. As acomodações ficavam na frente uma da outra. Era um quarto de tamanho razoável com uma cama de casal grande gritando conforto. Como acordei cedo, já estava com sono, então tomei um banho rápido, me enrolei no roupão e fui dormir.

Algumas horas depois, acordei com o clarão no meu quarto. Odiava trovões. Sendo de Cambridge, era de se esperar que tivesse acostumada com o mal tempo, mas nunca soube lidar com essa fúria da natureza. Suspirando, levantei e fechei as cortinas, tentando esconder a intempérie que acontecia do lado de fora. Com outro barulho, o hotel se apagou e gemi pulando na cama. Em Los Angeles, eu tinha lanternas espalhadas pelo apartamento, duas praticamente na minha mão, do lado da cama. Aqui, tinha apenas o meu celular.

A chuva ainda batia forte na janela e levantei da cama, desistindo de dormir. Olhando para o frigobar com a ajuda da luz do smartphone, procurei

algo para tomar, mas só tinham refrigerantes e bebidas à base de açúcar que iriam me deixar ainda mais ligada. Um barulho alto veio de fora e um clarão iluminou meu quarto mesmo com o blecaute. Sem nem pensar no que estava fazendo, corri para fora como se estivesse sendo perseguida por um assassino em série e bati à porta de Matt do outro lado do corredor.

— Sarah? — Matt falou confuso, abrindo a porta ainda sonolento e usando apenas uma cueca boxer.

— Faltou luz... eu... eu só... — expliquei gaguejando. Outro barulho atravessou a noite e pulei em Matt, abraçando-o forte.

— Vem cá — ele disse, ajeitando-me em seu peito e me abraçando forte. Era a mesma energia do primeiro dia, *merda*. — Tem medo da chuva?

— Os raios me deixam nervosa.

— Tudo bem, meu amor. Hoje você não vai ficar sozinha — ele falou, colocando-me para dentro do quarto e fechando a porta. — Acha que consegue dormir?

— Não sei, eu tentei, mas não consegui.

Matt me largou e foi até o frigobar, voltando com uma bebida em miniatura. Ele colocou o líquido âmbar em um copo e me entregou.

— Isso deve te relaxar.

Tomei a bebida forte em um só gole, esperando vir a calmaria. Matt pegou

minha mão, puxando-me em direção à cama, nos deitando. Sem jeito, tentei ficar separada dele, mas Matt não deixou. Aproximei-me de seu peito, enrolada em seus braços.

— Vá dormir, amor.

Fechei os olhos como ele pediu e senti o relaxamento da bebida e do corpo de Matt. A próxima coisa que notei é que tinha amanhecido. Ao abrir os olhos, vi Matt dormindo virado para mim. Ele era lindo de se observar, e sem conseguir segurar minha vontade, deslizei o dedo sobre seu rosto em uma carícia leve, observando todos os ângulos de sua face. Devagar, ele abriu os olhos e congelei ao observar seu olhar verde-oliva.

— Pode continuar — ele disse com a voz grossa do amanhecer.

— Matt, eu...

— Me desculpa por terminar as coisas daquele jeito, não estava pensando, sou um idiota — ele suspirou virando o rosto para longe de mim, encarando o teto. — Se pudesse voltar atrás, nunca teria feito aquilo.

— Você disse que era algo casual, que eu estava envolvida demais e...

— E eu também estava. Quero ficar com você, quero acordar com você... sempre. É só que eu... eu sou um idiota.

Matt se virou, olhando em meus olhos e se aproximou devagar, dando tempo de me afastar se quisesse. Eu não queria, e o encontrei no meio do

caminho, encurtando o espaço entre nossos lábios. Queria mais dele, abri meus lábios, dando livre acesso à sua língua enquanto dava leves mordidas. Que se danassem minhas preocupações, pois existia algo em Matt que sempre me fazia voltar independente de quão quebrado meu coração estivesse.

— Eu senti tanto a sua falta, Sarah... — Matt gemeu entre nossas bocas enquanto afrouxava o roupão em minha cintura, congelando ao tocar minha pele. — Você está nua?

Eu estava. No dia anterior, lavei minhas roupas íntimas no banheiro do hotel e coloquei para secar. Como não queria dormir com minha calça e camisa social desconfortáveis, deitei com o roupão do banheiro. Na pressa de sair do meu quarto durante a chuva, não reparei nisso.

— Sim.

— Sarah... — Matt gemeu em meu pescoço enquanto o roupão descia de meus ombros, criando uma trilha de beijos da clavícula até perto do seio, onde ele seguiu com seus lábios. Levantei uma das pernas, encaixando-a no quadril de Matt, sentindo sua ereção matinal direto em meu núcleo. *Eu o queria tanto.* Ele me girou em seu corpo, ficando em cima de mim.

Matt desembrulhou o roupão como se fosse um presente de Natal e sorriu ao ver meu corpo nu diante dele. O fogo crescia em meu ventre, deixando-me cada vez mais excitada. Ele se aproximou beijando levemente meus seios e

descendo até minha abertura, onde senti sua língua atingir meu clitóris, dando pequenos choques.

— Eu amo essa sua boceta — ele gemeu ainda lambendo com vigor. Eu o segurava pelos cabelos, apertando em minhas pernas e sentindo o orgasmo subir pela minha coluna. Tirando as costas da cama, gemi alto pelo clímax que ele me deu apenas com sua boca.

Ainda de olhos fechados e respirando pesadamente, ouvi Matt se mover.

— Abra seus olhos, amor.

Ele me encarava frente a frente, segurando um dos lados dos meus quadris. Ele ajeitou-se entre minhas pernas, torturando-me com seu pau em meu clitóris sensível. A tensão sexual no quarto era crescente, com eletricidade surgindo em minhas veias onde Matt me tocou.

— Eu preciso de você dentro de mim — sussurrei e ele não esperou mais, entrando em mim sem mais preliminares. Com a ajuda das minhas pernas, me impulsionei para cima, deixando ir ainda mais profundo. *Era incrível.*

Comecei a apertá-lo com meus músculos internos e senti Matt responder, aumentando o movimento de seu quadril e bombeando com mais vontade dentro de mim. Puxando minhas pernas para cima, ele as prendeu em seu ombro. A cada estocada, ficamos mais frenéticos, o orgasmo se aproximando rapidamente. Matt dava beijos e lambidas em meu pescoço enquanto eu

arranhava suas costas, sabendo que depois deixaria marcas. Com ele empurrando dentro e fora de mim, senti o familiar formigamento que começava a se estender nos meus pés até ir para meu núcleo. Gemi alto, sentindo meu corpo convulsionar de prazer. Matt me seguiu, e dando mais alguns impulsos, gozou caindo sobre mim.

Com o sentimento de paz dele sobre mim, acariciando seus cabelos com delicadeza ao mesmo tempo que sentia tudo o que acontecia dentro de mim após o orgasmo, percebi que queria arriscar novamente mesmo com medo de perder meu coração. Eu o amava demais pra ir embora. Matt levantou sua cabeça e me encarou, nossos olhos presos um no outro, e senti como se tivesse voltado para casa. *Que feitiço esse homem colocou em mim?*

— Eu senti sua falta. — Ele esticou a mão até seu celular na cômoda e discou um número, apertando o viva voz.

— Que diabos, Matt. São sete da manhã! — A voz de Logan encheu o quarto e olhei descrente para Matt, sem entender o que ele estava fazendo.

— Eu sei, mas não podia esperar. Estou com Sarah e quero oficialmente pedi-la para ficar comigo, ser minha namorada, ter um relacionamento. Tudo que eu possa amarrar e colocar seu nome como propriedade.

Um sorriso surgiu em meu rosto. Não podia controlá-lo, principalmente com Matt sorrindo de volta do jeito que estava fazendo agora.

— E por que tem que me ligar toda vez que decide isso? É a segunda vez, merda! E é de madrugada! — Logan resmungou.

— Para você contar que quero me comprometer. É um ótimo dia para os Hunt, não?

— Pelo amor de Deus, Matt. Vá beijar sua garota e me deixe dormir. Quando acordar, conto para a família. Não faça merda dessa vez — Logan ameaçou, desligando em seguida.

— Por que fez isso?

— Porque não quero que duvide nem por um segundo que quero estar com você por todos os dias da minha vida.

— Matt... eu te amo — revelei e ele se aproximou, beijando-me apaixonadamente, deixando claro que também se sentia do mesmo jeito.

CAPÍTULO 14

Matt

Me sentia completo novamente. Sentia falta de dividir minha vida com Sarah, minhas noites, acordar com ela pela manhã. Sonhava com ela e seus sentimentos tão abertos e límpidos através de seus olhos. Sabia que ela era especial e que precisava vencer meus medos se quisesse estar com ela pelos poucos anos que ainda tinha. Ela disse que me amava e não consegui responder, sabendo dentro de mim que correspondia àquele sentimento, mas ainda preso pelas amarras dos meus pensamentos. Sarah sofreria quando eu partisse, e por mais que quisesse evitar, Jason tinha razão, me sentiria

miserável. Se ela sentisse apenas parte do que afluía dentro de mim, não importava se estivéssemos juntos ou separados, ela estaria sempre marcada por este amor.

Depois de avisar para Diana do imprevisto da chuva e avisá-la que não iríamos trabalhar – e receber um risinho como resposta, como se ela soubesse o que acabara de acontecer, pois aquela mulher parecia saber de tudo –, abracei-a até pegar no sono novamente, segurando-a forte contra mim. Era tranquilo. Ficaria ali pelo resto da vida se pudesse.

— Precisamos ir para casa — Sarah anunciou sonolenta algumas horas depois.

— Até chegarmos já é final do dia, vamos passar o dia aqui — murmurei contra sua pele, beijando-a. — Talvez o resto da semana.

— Mas Diana está sozinha trabalhando...

— Ela pode tirar um dia de folga depois.

— Isso não é legal, Matt!

— Tudo bem — eu concordei, percebendo que ela não ia se dar por vencida. — Mas me promete passar a noite na minha casa?

— Matt. — Sarah olhou para o outro lado enquanto lutava com as palavras. *Algo estava errado.*

— O que, baby?

— Na última vez, passei tanto tempo na sua casa que terminou do jeito que terminou. Não podemos ir com mais calma? Hoje sou sua namorada, mas depois... — ela se interrompeu, sua voz sumindo com a confissão.

— Ei, pare com isso. Já disse, achei que não poderia ficar com você e...

— Por quê?

— Porque, desde o câncer, tenho medo de ter relacionamentos.

— De verdade? — Ela me mirou com os olhos abertos, como se não tivesse pensado nisso desde o dia que conversamos a respeito.

— Sim, não quero ver as pessoas sofrerem por mim, tenho medo de magoar ou mesmo de ser deixado sozinho por estar doente.

— Eu nunca faria algo assim com você.

— O medo é irracional, meu amor. Assim que vi você com minha família, eu surtei. Não queria ter terminado, mas achava que era o melhor. Não consigo pensar no porquê, foi como uma reação aquele dia depois do enterro. Você tinha razão... Estava mexido com todos aqueles acontecimentos e meus pensamentos só fizeram a confusão crescer.

— O que te fez mudar de opinião? — ela indagou se afastando de mim, como se quisesse me dar espaço. O que ela não entendia é que não queria me afastar dela.

— Jason me falou sobre Lizzie e como ele ainda sentia falta dela, percebi

que seria isso. Eu nunca deixaria de desejar você, ficaria para sempre querendo saber o que aconteceria se tivesse a coragem de te procurar.

— Ele ainda sofre por ela, não é? Mesmo com toda a história...

— O coração não tem muita explicação, baby — respondi, interrompendo-a. — Ela marcou meu irmão para o bem ou para o mal.

Sarah ficou calada com as minhas palavras, como reflexiva. Entendia que ela precisava daquele espaço por mais que a quisesse grudada a mim. Sarah confessou que me amava, mas tinha medo, e eu entendia. Eu a magoei antes e ela tinha medo de ser ferida novamente. Nós nos arrumamos, cada um em seu quarto, e pegamos a estrada quase uma hora depois. Atravessamos árvores caídas e poças de lama da chuva da noite anterior em direção a LA. Paramos no meio do caminho para comer e algumas horas depois estávamos de volta à Hunt Enterprise por insistência de Sarah. Deixamos todo o material da conferência e os cartões enquanto os olhos vigilantes de Diana nos encaravam de sua mesa.

Ela reagiu surpresa à nossa presença, já que tinha avisado que não iríamos para o escritório, mas não comentou nada a respeito. Sarah pediu para não comentar nada com Diana nem com ninguém, porque era um relacionamento novo e talvez ela fosse julgada. Na primeira vez, nós não tínhamos tantos cuidados, mas de novo, sabia que eram os limites que Sarah precisava para me dar uma nova chance. Eu não concordava, mas respeitava sua opinião, já

que tê-la novamente era uma vitória.

Depois do final do expediente, Sarah passou em seu apartamento e trocou de roupa, pegando alguns de seus itens pessoais. Isso me lembrava o quão vazia a casa ficou depois que ela levou suas coisas. Assim que chegamos ao meu apartamento, agimos como se nada tivesse acontecido. Sarah me ajudou a cozinhar, jantamos e nos sentamos na sala assistindo qualquer coisa na televisão. Não tinha pressa para estar com ela, porque sabia que isso ia ser maior, queria que ela se sentisse confortável primeiro.

Depois de muitos minutos de silêncio, a mão insinuante de Sarah subiu em meu pescoço e ela se girou para mim, anunciando em um murmúrio antes de levantar:

— Estou indo para cama, melhor você estar lá daqui a pouco.

Eu a segui dois segundos depois, observando Sarah tirar sua camisa e virar-se ainda na porta do quarto. *Ela era maravilhosa de olhar.*

— Você parecia não fazer movimento algum — ela disse com a voz sedutora.

— Eu quero provar que vamos ser mais do que uma transa rápida.

— Venha até aqui e me mostre como — Sarah falou com um sorriso safado, vendo-me aproximar e tocar seu seio quase com reverência, como se fosse uma pluma fazendo uma carícia leve.

Sarah gemeu colocando a mão em meu rosto, seu olhar penetrante e tão suave que parecia dizer sem palavras que me amava. Desabotoei sua calça jeans, empurrando-a para baixo e joguei-a para longe. Depois, tirei seu sutiã, deixando-a apenas de calcinha na minha frente.

Puxei Sarah para mim, tirando-a do chão e enroscando suas pernas em minha cintura. Ela beijou meu pescoço, sua língua traçando um caminho suave no ponto sensível atrás da minha orelha, trazendo arrepios em mim.

— Sarah... — eu gemi.

Nos aproximei da cama, depositando-a sobre o colchão enquanto tirava minha camisa. Meu corpo cobriu Sarah ao mesmo tempo que a beijava com avidez, nossas línguas dançando juntas enquanto ela colocava a mão em meu cinto, puxando meu zíper para baixo.

— Pare, amor, senão não vou durar — sussurrei em sua boca. Sarah parecia decidida a me tentar, segurando meu pau com uma mão enquanto puxava sua calcinha para o lado. Quando a cabeça do meu membro tocou em sua entrada, criando uma fricção suave, fechei os olhos sabendo que estava próximo. *Merda, isso era bom...* — Você quer, não quer?

— Muito — ela arfou.

Ainda enrolado em minha calça, empurrei para frente, entrando em sua boceta. *Era o céu.* As unhas de Sarah me arranhavam enquanto impulsionava

meus quadris, tentando chutar minha calça para fora do meu corpo. Girei com Sarah sobre mim, tirando suas costas da cama enquanto meus dedos sondavam seu traseiro em uma carícia suave. Isso fez Sarah gemer ainda mais.

— Eu quero você aí... — ela confessou, suas pupilas dilatadas pelo prazer.

— Me quer no seu rabo, querida?

— Sim, agora! — pediu, sua voz falhando entre as palavras enquanto rebolava em meu pau procurando por alívio.

— Você precisa ser preparada, amor... — eu disse para logo em seguida sentir Sarah me empurrando. Ela se afastou de mim, fazendo-me sair de dentro dela enquanto se ajeitava sobre o colchão.

Lá estava ela, de quatro, sua bunda em minha direção. Puxei o que sobrou da calcinha meio rasgada em seu quadril, aproveitando para arrancar o resto das minhas roupas. Me sentia como um adolescente que não aguentava de tesão e terminava transando vestido. *Sarah fazia isso comigo*. Beijeí sua boceta, brincando com minha língua ao redor de sua entrada. Espalhei sua excitação, levando sua lubrificação até seu traseiro. Ainda não seria suficiente.

Sem deixar de tocar seu corpo, abri a gaveta ao lado da cama, tirando o lubrificante e um plug anal. Tinha comprado para ela antes do nosso primeiro

término e nunca tivemos a oportunidade de usar.

— O que é isso?

— Brinquedos — respondi com humor na voz — do tipo adulto. Comprei isso para você antes...

— Ousado — ela riu.

— Eu podia apenas sonhar — expliquei enquanto lambuzava os dedos no lubrificante e colocava o líquido gelado na bunda de Sarah. Cavando com cuidado, coloquei um dedo dentro dela com a ajuda do produto. — Tudo bem?

— Sim... — ela suspirou. — É diferente.

— Me diga se doer, ok?

Continuei no processo com o plug e ainda a masturbando com a minha boca. Brinquei com seu buraco adicionando mais um dedo enquanto ela mesma acariciava o clitóris. Sarah estava próxima, mas não a deixaria gozar tão fácil, então me afastei dela, recebendo um olhar raivoso que me fez rir. O brinquedo era o próximo passo, então o posicionei, empurrando suavemente. Senti Sarah endurecer em meus braços enquanto o objeto deslizava dentro dela.

— Relaxe...

Depois de terminar, beijei a base de sua coluna, erguendo-me em suas

costas. Deslizei meu pau em sua boceta, enchendo-a completamente. Eu estava duro como pedra e torcia para que Sarah continuasse muito perto de seu orgasmo ou a deixaria pelo meio do caminho. Entrei completamente, sentindo-a estirada pelo plug. Sarah não parava de fazer movimentos internos, puxando-me mais forte. Ela gritava a cada estocada, se desfazendo em meus braços, um crescendo enquanto acelerava os movimentos abaixo de mim. Foi meu sinal, e meio segundo depois acompanhei minha garota, gozando até a última gota.

Ela caiu cansada para frente e saí dela, puxando o plug logo em seguida. Minha respiração ainda estava acelerada quando ela me olhou com um sorriso suave, parecendo fora do ar e arfando de cansaço.

— Tudo bem?

— Eu me senti... cheia — ela disse sem jeito.

— Foi selvagem.

— Por que não me levou?

— Porque meu pau é muito grande — respondi sério e ela riu tão alto que me contagiou. Eu nunca tinha rido com uma mulher nua em meus braços, era estranho e quente, como se completasse algo dentro de mim.

— Você precisa de mais aulas de modéstia — Sarah anunciou.

— Estava pensando em você...

— Obrigada — ela respondeu suave, dando-me um beijo e me ajeitando aninhada em meu corpo. Ela fechou os olhos, abraçando-me e sussurrando um “boa noite” baixinho.

— Boa noite, amor — respondi também fechando os meus olhos e dormindo melhor do que muitos dias depois que ela foi embora.

Estabelecemos uma rotina depois disso. Com os dias passando ao nosso redor, agradecia a Deus por Sarah ter me aceitado de volta. Se não estávamos em minha casa, eu ia até seu apartamento. Não dávamos um passo longe um do outro, o que Logan e Emma rapidamente passaram a chamar de “o casal mais enjoado de todos”. Não ligava, estava feliz.

Enquanto estava vivendo meu sonho com Sarah, Jason conseguiu entrar em contato com a agente de uma das gêmeas na semana seguinte ao Dia de Ação de Graças. Elas estavam gravando em Nova York durante os últimos meses, o que dificultou que a mensagem chegasse até Victória e Blair. Porém com Jason trabalhando de lá, assim que elas souberam da história da nossa paternidade, toparam vê-lo.

— Elas são ridiculamente bonitas, como atrizes de Hollywood ou coisa assim — ele me disse pelo telefone.

— Mas elas são, não?

— É esquisito ter irmãs famosas.

— Como elas receberam a notícia?

— Elas também não sabiam sobre ter irmãos. Na verdade, elas não sabiam o nome do nosso pai. Foram criadas pelo maldito que agora está morto.

— Elas falaram algo?

— Nada. Queriam saber se era um golpe ou algo assim e ficaram mais tranquilas depois que falei sobre a nossa família. Vamos fazer um teste de DNA para deixá-las mais tranquilas. Elas conseguiram documentos com o nome de Ashton depois que começaram a procurar.

— E nada mais?

— Não quis perguntar, mas falei que agora que as achamos, nunca mais vamos deixar que ninguém mais faça mal algum. Blair levou o marido ao encontro.

— Ela é casada?

— Aparentemente. A imprensa não sabe, ele se chama Jack e é ator também. Aquele dos filmes de mercenários de guerra. Não lembro o nome dele, é meio loiro...

— Jack Evans?

— Isso. Ele foi mais rápido e trocou o nome de Blair primeiro. Parece que só teremos uma nova Hunt — Jason riu, e pela primeira vez em muitos dias senti meu irmão mais leve.

Duas semanas depois, nos reunimos na casa de mamãe para conhecer Victoria e Blair Walters. Elas não queriam nada conosco até ver nossas fotos e perceber quão parecidos nós éramos – apesar das diferenças. De acordo com meu irmão mais velho, as gêmeas pareciam versões menores e ruivas dos Hunt. Sentados na mesa estávamos Logan, Emma, Sarah, eu, papai e mamãe, que estava ansiosa por conhecer as meninas e tamborilava os dedos na mesa. Assim que ouvimos a porta se abrir, ficamos todos de pé em uma espécie de comitê de recepção.

Jason não mentiu, elas eram impressionantes. A primeira a entrar era Victória, ao lado de meu irmão. Ela usava um vestido floral e um batom vermelho realçando sua beleza ruiva, a imagem da atriz de cinema glamourosa em férias. Logo atrás estava Blair, mesmo rosto, mas um estilo diferente. Com os cabelos soltos, uma calça jeans e uma camiseta cinza, ela era a imagem da beleza natural sem maquiagem. De mãos dadas a ela estava Jack Evans, muito mais musculoso do que eu esperaria de um astro de filmes. Ele era tão alto quanto Jason, mas com músculos esculpidos saindo de sua camisa.

— Vocês são tão parecidas aos meus meninos! — mamãe exclamou, colocando a mão na boca em movimento de surpresa. Encarando-as bem era possível ver as semelhanças: o desenho dos olhos, nariz e boca eram muito parecidos aos nossos, dando um ar anguloso e exótico. Como mamãe era morena, assim como Ashton era, desconfiava que a mãe das gêmeas deveria ter sido uma mulher muito branca e ruiva, assim como elas.

— Olá a vocês todos! — Blair cumprimentou sem jeito.

— Temos um belo comitê de recepção. É uma família bonita — Victória falou.

— Sim, mas você acostuma. São três morenos gigantes. Eu sou Emma, a amiga do seu irmão Logan aqui — Emma disse batendo no ombro de Logan. — Talvez ele esteja sem fala porque até esses dias ele era o irmão mais novo.

— Vocês são muito bonitas — Logan disse logo depois, ainda um pouco atônito. — É um prazer recebê-las.

— Eu sou Matt, irmão do meio e agora número dois — desejei.

— É tão esquisito ganhar novos membros na família — Blair sorriu. — No ano passado éramos só nós duas contra o mundo e agora aparece vocês, tenho o Jack. É muito para digerir.

— Quero que saibam que serão sempre bem-vindas, ok? Não nos conhecemos muito, mas sei que a mãe de vocês morreu cedo. Eu sou uma

mãe galinha, e saibam que a partir de agora estarão debaixo de minhas asas.

— É verdade. Daqui a pouco ela chamará vocês para o jantar de Natal — James falou.

— É uma ótima ideia. Poderiam vir? Sei que é muito em cima, mas...

— Sim, é uma excelente ideia — Sarah complementou. Apertei sua mão, com carinho por suas palavras de apoio.

— Não sufoquem elas. Vamos jantar em paz e depois decidimos isso — interrompeu Jason. — Eles fizeram uma viagem cansativa, o sonho imediato deles deve ser a cama, não uma ceia de Natal.

— Eu nunca nego comida caseira — disse Jack.

— Viu, Jason! Não seja ranzinza, eles querem! — Logan falou.

— A decisão é de vocês.

O jantar foi caloroso. Blair e Victória pareciam animadas em participar da nossa família. Mamãe não as deixou ir até prometer que passariam o Natal com a gente, mas acreditava que elas já tinham sido convencidas antes mesmo de começarmos a comer.

Depois de muitas horas e com a barriga cheia, saímos de carro em direção à minha casa em Santa Monica jogando conversa fora sobre a noite depois de nos despedir de minha família.

— Seu Natal vai ficar ainda maior esse ano — Sarah comentou assim que

estacionei, caminhando para o quintal. A vista ainda hipnotizava apesar do tempo. Olhar para Sarah também me impressionava. Cada vez mais minha casa mostrava a personalidade dela, principalmente depois que ela começou a enchê-la com pequenos adereços para deixá-la com cara de um “lar”.

— Estamos acostumados a essas adições. Você viu, minha mãe gosta de alimentar um batalhão.

— Deve ser interessante ter uma família grande, nunca experimentei nada disso.

— Tem suas vantagens e desvantagens.

— Quero uma família gigante, ser filha única é muito ruim — ela confessou com um sorriso tímido.

— E quantos filhos quer ter? — perguntei com medo da resposta. *Merda, merda, merda, merda.*

— Um monte! Ter primos não é o mesmo que irmãos, quero essa sensação de pertencer sabe? — Ela olhou para mim e, respirando fundo, disse: — Você terá filhos lindos, sabia?

Uma dor funda invadiu meu peito e percebi que não deveria ter voltado. Qualquer homem honesto teria explicado para ela como seria nossa vida no futuro, mas eu tinha medo de perdê-la, e contei minha história pela metade. Era um babaca que a faria sofrer de novo. Ela merecia muito mais, um jardim

inteiro de filhos que eu nunca vou poder dar a ela. Sorri em resposta apesar do peso no meu coração e a abracei com força, querendo que tudo tivesse sido diferente.

Eu amava Sarah e daria qualquer coisa que pudesse para ela. Filhos e um futuro não eram nada dessas coisas.

CAPÍTULO 15

Sarah

Conforme os dias passavam, nós éramos mais Matt e Sarah de antes do que os dois cautelosos depois do nosso retorno. Ele ainda me olhava de um jeito estranho às vezes, como se tivesse muito em sua cabeça e não quisesse compartilhar. Matthew guardava segredos, e por mais que tentasse conversar com ele, era frustrante como uma parede de concreto. Depois daquela noite, não voltamos a falar de seus medos depois da doença, e temia que seus olhares envolvessem mais ideias confusas de sua cabeça sobre nós dois.

E então, como um interruptor, Matt começou a se afastar. Começou com ele desmarcando encontros, avisando que estava ocupado, sumindo por dias e não atendendo as ligações. Era como um anúncio do que viria a seguir, uma faca gelada que perfurava meu peito. Eu pedi para ele não me machucar, mas Matt fazia o mesmo caminho da primeira vez, me deixando do lado de fora. Meu coração foi se quebrando aos poucos, preparando-se para ser forte e tentando abafar o amor que sentia por ele. *Por que ele era assim?* Em duas semanas fomos do céu ao inferno, como castelos de areia destruídos por um vento fraco.

Ele sumiu por um final de semana inteiro, depois de mal conversar e inventar todo tipo de desculpas para não ficar sozinho comigo. Na segunda pela manhã, Matt enviou um e-mail impessoal avisando que passaria o dia fora em um evento de trabalho. Queria chorar pelo que ele estava fazendo conosco, mas não tinha forças para lutar. Não resisti da primeira vez, mas era impossível manter meu coração ocupado por alguém que não sabia valorizar meu amor. Matt Hunt estava matando meus sentimentos aos poucos, sufocando-o com indiferença. Naquela noite no hotel, quando disse que o amava, achava que ele apenas não conseguia dizer as palavras. Agora achava que o sentimento só não era forte o suficiente para evitar um segundo desastre. Precisava me afastar dele e da tentação de ter apenas suas migalhas, precisava pensar mais em mim e terminar de vez esse ciclo vicioso.

— Ainda está morando na torre aqui ao lado? — Diana perguntou antes de eu sair do trabalho. Minha cabeça a mil pensando o que faria na próxima vez que encontrasse Matt.

— Sim.

— Me faria um favor? Logan disse que a janela do apartamento está aberta. Está preso em uma reunião ou algo assim, estava com a voz diferente. Aquele menino deve ter pegado outro resfriado, não se cuida. Nem ele, nem Matt, nem Jason. Nunca saem para almoçar e... — Diana parou de falar e sorriu, estendendo uma chave. — E estou divagando e você quer ir embora. Bom final de dia, querida! Se puder passar por lá...

Com Logan morando no apartamento embaixo do meu, era comum ver ele ou Emma – e a amizade deles que até hoje não entendia muito bem – pelo prédio. Me arrastando pelo cansaço, subi até apartamento esperando que fosse rápido. Ligaría para Logan, salvaria o dia e poderia passar o resto da noite abraçada a um sorvete e a um filme ruim. Assim que girei a chave, parei ao ouvir um gemido feminino. *Será que Emma estava usando o apartamento? A reunião de Logan teria terminado antes?*

— Emma, é você? Logan? — gritei da sala com vergonha do que poderia ver. Ouvi um farfalhar de roupas de cama e queria sair correndo antes de encarar quem quer que estivesse fazendo sexo no apartamento de Logan.

— Merda! — A voz me fez congelar em meu lugar. Olhei para trás para encontrar Matt despenteado e de cueca me encarando sem emoção. Minha mão caiu sobre minha boca em choque pelo que estava vendo. *Sua distância era traição? Matt tinha cansado do nosso relacionamento?*

— Quem está aí? — Uma segunda voz surgiu, quebrando a trocar de olhar entre Matt e eu. Ele não parecia envergonhado pela cena, e eu não sabia o que pensar.

A mulher morena me olhou parecendo surpreendida, enrolada em um roupão de seda curto como se estivesse escondido suas curvas rapidamente quando entrei no apartamento. Balancei a cabeça mais uma vez, absorvendo a cena à minha frente. Como uma morta viva, virei-me em direção à porta, batendo-a atrás de mim.

— Sarah! — Matt gritou nas minhas costas e virei para encará-lo com dor. *Ele fez de novo.* Matt Hunt quebrou meu coração uma segunda vez. Conseguia ver alguma emoção em seus olhos, quando ele estendeu a mão, segurando meu braço e me fazendo parar.

— Já entendi, Matt. Me deixe ir — sussurrei como resposta, puxando meu braço e cortando nossa conexão.

— Desculpe, Sarah, mas não consegui.

— Por que não me deixou ir da primeira vez? — eu gritei. — Por quê?

— Eu disse, não sou esse tipo de homem. Desculpa por te machucar. Fiquei tentado e...

— Foi ela que te manteve ocupado no final de semana?

— Quer mesmo saber? — Matt questionou colocando a mão na cintura e olhando para o chão, como se não tivesse coragem de me olhar nos olhos. *Muito bem.* Suspirei ao pensar na cena ridícula à minha frente, Matt de cueca no corredor enquanto eu tentava segurar minha vontade de chorar.

— Por que ser tão canalha e não terminar comigo primeiro? Você é um idiota, Matt. Um babaca que eu nunca deveria ter me envolvido — respondi com raiva, caminhando para o elevador. Quando as portas se fecharam, Matt ainda estava ali, parado, os olhos penetrantes, como se o magoasse me machucar. *Idiota.*

Entrei no apartamento como um furacão, pegando as roupas no armário e guardando em uma mala. Dane-se as consequências: não voltaria para meu trabalho e me negava a estar perto de Matthew Hunt novamente. Precisava cortá-lo pela raiz da minha vida. Depois de meia hora, me senti satisfeita com as coisas que consegui organizar, prometendo a mim mesma que daria um jeito de buscar o restante. Não poderia nem mesmo contar com Logan ou Emma, porque o irmão mais novo de Matt sabia sobre a traição, já que deixou o apartamento disponível para ele.

Entrei no Uber a caminho da casa de Ellie, que me recepcionou surpresa quando me encontrou com malas e a maquiagem borrada. Sabia que se me olhasse no espelho veria o estrago da traição escorrendo por minhas bochechas.

— Eu o peguei com outra, Ellie. Ele estava transando com outra enquanto eu estava preocupada com ele. Sou uma idiota... — Comecei a chorar inconsolável, jogando-me em seus braços.

Passei as primeiras vinte e quatro horas perdidas em mim mesma, com Ellie cuidando de mim. Ouvi minha amiga atender meu celular e gritar com alguém, mas não queria saber quem era. Na manhã do segundo dia, a campainha tocou, mas me neguei a sair do sofá, meu rosto virado para o encosto enquanto pacientemente Ellie mandava alguém ir embora depois de poucos minutos. Na quarta-feira à noite, ela decidiu que o melhor jeito de me animar era uma saída entre garotas. Gostava de sair para dançar, mas sempre me estressava com minha melhor amiga em momentos como esses. Ela queria que eu usasse muita maquiagem, saltos altos sem conforto e roupas curtas – o que sempre terminava comigo incomodada e não curtindo tanto a noite.

Secretamente desconfiava que Ellie me tratava como uma boneca que ela maquiava e brincava quando criança. Comigo fora do ar, Ellie foi ainda mais incisiva em me fazer trocar de roupa, me arrumar e me deixar pronta. Estava

linda por fora, mas esmagada por dentro. *Por que dei tanto poder a Matt para fazer isso comigo?*

— Esse vestido preto deve ficar ótimo — ela disse me mostrando a peça de roupa. Era lindo, curto até um pouco acima das coxas e com um decote baixo que me faria não usar sutiã.

— Por favor, deixa eu usar um dos meus saltos? Com esse vestido e um dos seus sapatos, vou cair e mostrar meus peitos para quem quiser ver — brinquei.

— Esse é o espírito, garota — ela riu. — Mas hoje é sobre se sentir segura, vá pegar um dos seus sapatos e me deixe fazer sua maquiagem. Vamos fazer você esquecer seu chefe.

— Ellie...

— Vai flertar e se divertir — ela me interrompeu. — Ele deixou muito claro que não quer nada e é um idiota. Eu não quero que sofra, Sarah. Você não precisa ficar com ninguém hoje, mas quero te mostrar que há mais peixes no rio do que aquele babaca traidor.

— Eu já estou, ele só... só...

— Você não vai chorar agora ou vai estragar a maquiagem, me entendeu? — ela disse, me fazendo suspirar e olhar para o alto, tentando não derramar lágrimas.

Ellie era uma fada madrinha engraçada e expansiva que tentava me tirar desse lugar escuro com Matt. Ele era quente e frio, como se não pudesse decidir o que queria fazer. A merda de um porco traidor. *Não... Os porcos não merecem isso.* Quando o vi com aquela mulher e entendi que ele nunca seria verdadeiramente meu, algo quebrou em mil pedaços em mim e estava sendo difícil colar tudo de volta.

— Poderia ganhar muito dinheiro sendo apenas gostosa, sabia, Sarah? Se eu tivesse esse corpo, deixaria os homens me amarem e pagarem minhas coisas.

— Mentirosa. Duvido que deixaria.

— Tudo bem... Quase pronta — Ellie disse ao mesmo tempo que colocava um salto vermelho gigantesco e vinha em minha direção com sua bolsa. Nós éramos uma dupla bonita, afinal. — Diga *xis*!

— Ellie! — reclamei enquanto ela mexia no celular, postando a foto de nós duas.

— Caso seu macho procure, ele vai saber que não está em casa chorando.

Minha melhor amiga continuou a fazer isso algumas vezes durante a noite, registrando momentos aleatórios como nós duas dançando ou tomando drinks. Decidi que precisava me divertir e alternava entre dançar até sentir dores nas pernas e tentar conversar tomando algumas bebidas.

Várias vezes alguns caras tentaram algo com a gente, mas Ellie usava uma série de desculpas que tinham funcionado até então. Quanto mais tarde e mais bêbadas as pessoas ficassem, seria pior de fugir desse tipo de assédio. Mas era quarta à noite, não tão cheio como nos finais de semana, e não ficaríamos muito mais, porque Ellie precisava estar na faculdade na manhã seguinte.

— Vamos para a pista — Ellie anunciou, apontando para o DJ.

Nós cantamos e pulamos juntos, meus pés doendo pela dança quando nos separamos entre as pessoas. Fechei os olhos, sentindo a música ao meu redor, sentia-me menos oprimida pela dor depois de tantas horas. De repente, percebi braços ao meu redor e ouvi o sussurro:

— O que está tentando fazer?

Abri os olhos com surpresa ao reconhecer a voz, virei sabendo que estava presa em seus braços. Matt estava diferente, alterado, como se tivesse bebido, seus olhos vermelhos e a barba despenteada como nunca vi antes.

— Me solta, Matt, por favor — sussurrei sem saber bem como lidar com esse homem descontrolado à minha frente.

— Vamos, Matt. Solta a menina — ouvi a voz de Logan ao nosso lado, falando mais alto e tentando ser ouvido através da música. Matt o olhou contrariado e se afastou, ainda de pé perto de mim.

— A cavalaria veio inteira, não? — Ellie disse, pegando em minha mão

para me dar algum conforto. Jason também estava com os irmãos enquanto se aproximava e ficava na minha frente.

— Preciso conversar com você — Matt pediu, balançando como se estivesse um pouco fora do ar. Ele parecia tão frágil e alterado, e no meio da minha neblina alcóolica não sabia como reagir a ele. Eu era uma idiota quando as coisas envolviam Matthew Hunt.

— Tudo bem, mas preciso dançar primeiro. Vem! — respondi de supetão enquanto Ellie me olhava chocada.

— Sarah! — ela protestou.

— Vamos, Ellie, sua amiga quer uns segundos — Matt disse de um jeito enrolado.

— Extraordinário, Sarah! — ela falou, ainda surpresa por minha decisão.
— Vou para o bar e esperarei lá. Se você fizer merda mais uma vez, eu juro por Deus que arranco suas bolas com uma faca cega, está me ouvindo bem?

— Ellie... — protestei sabendo que ela estava certa, mas algo me dizia que precisava ouvir Matt, dar um encerramento em toda essa confusão.

— Faça o que quiser, Sarah. Você precisa se livrar dele, e se uma conversa vai fazer isso, estarei aqui para você. Me acompanham bonitões? — ela perguntou, sendo seguida por Jason e Logan, que me deixaram com um Matt confuso.

— Você está tão bonita... — ele suspirou. — Eu preciso...

— Não aqui, não agora — eu o interrompi, colocando meus braços ao seu redor e grudando meu corpo ao dele. — Apenas dance. *Estava definitivamente muito bêbada.*

A música não era romântica, mas sua batida fazia que nós dois nos movimentássemos como um balé bem coreografado. Comecei a sentir seu pau inchar e minha calcinha também estava indo pelo mesmo caminho. Era sempre assim com ele, sempre quente e molhada para Matt, não importasse o quanto eu lutasse contra. Amanhã me arrependeria amargamente do que estava fazendo, mas decidi abraçar a ideia de um encerramento, uma noite nos meus termos.

Com essa decisão em mente, movi meus lábios até o pescoço de Matt e comecei a beijá-lo levemente. Senti sua resposta com o estremecimento do seu corpo.

— Sarah... — ele disse em tom de alerta.

— É o que eu quero.

— Nós precisamos conversar primeiro. Vamos sair daqui.

— Tudo bem.

— Tudo bem? — ele perguntou meio confuso e eu peguei em seu braço, nos levando em direção à saída.

Quando chegamos ao lado de fora, pedi um Uber e mandei uma mensagem para Ellie avisando o que estava fazendo. Joguei o aparelho em minha bolsa sabendo que minha amiga me ligaria e mandaria mensagens tentando me fazer desistir. Estávamos em sua casa em Santa Mônica, nosso santuário de todas as vezes que estivemos juntos. Assim que ele fechou a porta atrás de nós dois, me joguei em seus braços, enrolando minhas pernas em sua cintura e tentando alcançar sua boca.

— Não, Sarah... Eu disse que vamos conversar.

— Eu não quero. Não preciso conversar, já sei em que pé estamos e isso não vai mudar. Quero outra coisa de você — falei finalmente conseguindo chegar à sua boca. Como todos os nossos beijos, aquilo acendeu todas as minhas terminações nervosas, me deixando ligada em Matt.

— Fiquei enlouquecido quando vi você vestida desse jeito nas fotos. Queria estrangular todos os homens que tentaram alguma coisa com você naquela boate. Logan e Jason vieram junto, com medo de que eu fizesse algo.

— Fotos?

— Ellie postou várias de vocês duas e Logan percebeu que ela colocou a localização nas fotos. Ele me disse quando foi me buscar.

— Te buscar?

— Estou meio bêbado, Sarah. Desde hoje à tarde. Bebi e fui para a sua

porta, mas você não estava em casa — ele confessou, ainda abraçado a mim, lambendo o meu corpo como um homem faminto.

— Achei que não se importasse, mas está agindo como se sim — disse ácida.

— Eu me importo, importo para caralho, Sarah.

Coloquei meus pés no chão, afastando-se dele. *O que estava acontecendo?* Ele me traiu porque não conseguia ter um relacionamento monogâmico, como ele se atrevia a dizer que se importava. Era isso. Estava bêbada, irritada e com tesão. Nada nessa noite daria certo.

— Me explique sua lógica de se importar com meus sentimentos e me trair. Vamos, Matt! Diga!

— Não trai você — ele respondeu em um soluço, seus olhos vidrados enquanto estendia os dedos em minha direção ao mesmo tempo que eu dava um passo atrás para não o deixar me tocar. Não podia.

— Eu sei o que vi.

— Você viu o que quis que eu visse. Fui eu que liguei fingindo ser Logan. Contratei uma stripper para fazer aquela cena. Só precisava afastar você tão bem que nunca mais voltaria.

— Quer que acredite nisso, de verdade, Matt? — questionei cruzando meus braços na altura do peito. *Que merda, Matthew Hunt!*

— Ela era morena, Sarah — Matt confessou em um suspiro enquanto me encarava do outro lado da sala. — Precisava desistir de mim de vez. Mas não consigo ficar longe de você, por mais que eu tente...

— E decidi fingir que não estava nem aí? Que estava com outra mulher? Como pôde ser tão idiota? Como pôde fazer isso sabendo que ia me machucar! — eu gritei, minha voz se quebrando pela dor.

— Porque não quero condenar ninguém! Não posso ter uma família, merda! Estou fazendo o melhor para você. Não consegue entender que não podemos ficar juntos? Você vai me odiar! — ele gritou de volta, sem controle para depois abaixar a voz com derrota. — E prefiro que me odeie agora do que depois. Eu te amo e só quero que você seja feliz.

— Como assim, Matt? — *O quê? Ele me ama, não pode ter família?*

— Não posso ter filhos. Depois do tratamento do câncer, fiquei infértil — ele revelou em um fio de voz, encarando-me profundamente. Fiquei em silêncio com a revelação percebendo o raciocínio dele. Ele fez isso conosco por tão pouco?

— O que está dizendo?

— Nunca poderia ter filhos e vi como você ficava animada com a possibilidade de ter filhos. Eu só... fiz o que achei melhor.

— É isso que acha de mim? — gritei novamente, irritada com os

pensamentos de Matt. — Que sou tão superficial ao ponto de não aceitar você com seus problemas e suas qualidades? Você era meu mundo. Queria casar, uma vida inteira com você. E não me importo, com filhos, sem filhos. Podíamos adotar, passar dias com os sobrinhos que ainda vai ter, sei lá! Mas preferiu fazer uma escolha sem me consultar. Me ferir intencionalmente achando que isso seria melhor para o meu futuro.

— E é, não vê? Posso ficar doente de novo. Eu não suporto a ideia de ver você sofrer... — ele sussurrou caminhando até mim e colocando a mão em minha bochecha. Fechei os olhos com força, tentando limpar minha mente e encarar os medos de Matt. Eu o amava tanto, será que ele não conseguia ver?

— Se fosse comigo, o que você faria? — perguntei de repente.

— O quê? — ele indagou chocado, como se nunca tivesse pensado nessa possibilidade.

— Se eu não pudesse ter filhos e se pudesse ter câncer a qualquer momento, o que faria? Que tivesse poucos anos de vida. Respeitaria minha decisão de te afastar?

— Não está sendo justa...

— Não, você que não está! Eu ia querer cada segundo que pudesse ter com você. Podia ser 2 ou 20 anos, mas eu ia querer tudo. A vida pode acontecer a qualquer momento, Matt. Posso morrer atropelada amanhã e essa

discussão toda terá sido uma idiotice.

— Não fala isso, nada vai acontecer com você — ele afirmou, arrastando-me para seus braços e me apertando com força como se quisesse apagar minhas palavras.

— Você não sabe, Matt.

— Claro que eu sei, você vai envelhecer, ter bebês, netos para mimar e eu vou ser uma lembrança...

— Sabe o que, Matt? — Disse cambaleando nos saltos, afastando-me dele. — É o que vou fazer. Vou reerguer minha vida a partir de agora, sair desse nosso ciclo de dor, não aguentaria voltar agora para você desistir de novo no mês que vem por qualquer outro motivo banal.

— Sarah, me perdoa... — ele interrompeu, seus olhos chorosos.

— Está tudo bem, Matt. Eu prometo que vou tentar ser feliz, já prometi isso uma vez. — Aproximei-me, grudando minha testa na dele e aproveitando os minutos finais entre nós dois. — Quero que você saiba que foi meu grande amor, tudo bem? Eu te amo e faria qualquer coisa por você, mas você precisa se entender primeiro, entender o que quer.

— Sarah — ele murmurou enquanto me afastava, saindo da casa ao mesmo tempo que pedia um novo Uber para a casa de Ellie. Torcia para que as lágrimas só chegassem quando estivesse dentro do carro.

CAPÍTULO 16

Matt

Por que diabos fiz isso? Por que fingir uma traição quando tudo que eu queria era ela? Sarah era perigosa para minha paz de espírito, mas machucá-la me doeu como se uma faca tivesse entrado no meu peito. Arrependi-me assim que vi seus olhos com lágrimas enquanto entrava naquele elevador. Tudo que queria era ir atrás e explicá-la que eu era um idiota.

Fui para casa e tudo lá me lembrava Sarah, como se eu nunca mais pudesse fugir do meu amor por ela. Sim... Amor. Estava completamente

apaixonado por ela, mas precisava ser o mais racional possível na nossa relação. Estava cortando pela raiz qualquer sentimento que ela tinha por mim, a fim de protegê-la de um futuro em que Sarah não teria o que ela merecia. Quando me sentei no sofá, percebendo a enormidade dos meus atos, fiz o que todo homem adulto faz para fugir dos problemas: bebi.

Eu não era um bom bêbado. Depois de muitas horas sozinho derramando cada garrafa na minha casa, passei a me arrepender do que fiz, disposto a contar para Sarah sobre o drama que construí contra mim mesmo. Liguei para ela, sabendo que ela não iria me atender. Chamada atrás de chamada, ligação após ligação, recados de voz que ela nunca ouviria porque tinham meu nome. Quando finalmente alguém atendeu, não foi a voz doce de Sarah que me recepcionou, mas sim de Ellie, sua amiga, destilando raiva.

— Pare de perturbar, seu babaca. Você a quebrou e ainda tem a coragem de ligar? Deveria ter tentado falar com ela antes de colocar seu pau em outra mulher, mas isso você não quis, né, seu idiota? Se se aproximar de Sarah novamente, vou enfiar algo tão afiado no seu rabo que não vai andar por uma semana. Não ligue mais! — O barulho da ligação cortada ecoou em meu ouvido, sabendo que ela tinha razão, mas isso não acalmava o turbilhão de pensamentos em minha mente.

Estive assim por todo dia e o seguinte, deitado no chão da minha sala olhando para o teto enquanto assaltava o armário de bebidas. Não conseguia

ir para meu quarto, onde passei tantas noites com ela. Sarah estava em cada pequeno pedaço daquele lugar e precisaria me livrar dele para afastar os fantasmas do pouco tempo que fui feliz com ela. Em algum momento da minha lamúria, fui acordado por um chute de Logan, que entre minhas palavras incoerentes conseguiu me arrastar para o chuveiro.

— Ela acha que eu a traí — choraminguei enquanto a água caía na minha cabeça.

— Diana me disse que liguei para o escritório. Eu liguei, Matt? Fui eu? — meu irmão mais novo indagou com a voz irritada, ainda me segurando debaixo do chuveiro e molhando tudo ao nosso redor, inclusive seu terno.

— Fui eu... Armei essa merda. Ela estava tão mal.

— Quando ficar sóbrio, vai perceber a merda que fez.

— Eu não era homem suficiente para ela. Não posso ter filhos, vou morrer. Ela precisa de coisa melhor — solucei, sentindo a realidade doer nos meus ossos como a água gelada do chuveiro, meu peito apertando como se uma comporta estivesse prestes a se abrir.

— Você está tão fodido, irmão. Não tem ideia.

— Eu... estou com medo... — balbuciei enquanto as lágrimas brotaram livremente do meu rosto sem controle. Assim que comecei, poderia parecer um dique se rompendo. Sentei no chão do box tentando esconder meu rosto,

sentindo meu choro se misturar à água que escorria de meus cabelos.

— Medo de quê? — Logan perguntou, dessa vez mais suave, como se estivesse percebendo o fino gelo em que eu me equilibrava. Ele se abaixou, se apoiando no vidro do box antes de colocar uma mão amigável em meu ombro, como se tentasse chamar minha atenção.

— Não quero que ela fique frustrada... Que daqui alguns anos deixe de me amar porque não pudemos ter filhos. Não quero estragar um sonho dela para depois descobrir que ela poderia ter tido isso tudo com outra pessoa. Sarah merece o mundo, Logan. Ela merece tudo.

— Você perguntou a ela?

— Não, eu... — tentei completar, as palavras sumindo. Sarah era uma vítima das minhas escolhas. Por duas vezes eu a afastei pensando ser o melhor, deixando-a completamente no escuro em meus motivos.

— Não seja essa pessoa, Matt. Não tente esconder seu medo de ser rejeitado por algo que nem aconteceu, por trás de uma decisão “boa para o futuro de Sarah”. Pergunte a ela, a resposta pode te surpreender. E se ela não ligar? Talvez nem mesmo querer filhos, sabe? Vocês têm tantas escolhas. Podem adotar se quiserem... — Ele apertou meus ombros como se quisesse me tranquilizar. — Mas precisa conversar com ela, Matt. Relacionamentos são feitos disso, e o que você está fazendo não é justo.

— Mas e se eu morrer? — perguntei baixo, com medo de expressar essas palavras. — E se o câncer voltar?

— Vai evitar viver pelo medo de que o câncer volte? Isso é irreal, merda! Se curou há dez anos e o prognóstico é ótimo. Você é saudável, faz exercícios, tudo que os médicos amam. Você não deveria se preocupar com algo que é apenas uma possibilidade.

— Não é assim, é mais fácil para mim porque eu já tive. Minha possibilidade é muito maior do que a de muitas pessoas.

— Matt — Logan disse meu nome com forma, como se sua paciência tivesse acabando. — Pare com essa merda, tudo bem? Só está fazendo você, Sarah e todos ao redor ficarmos miseráveis. Você tem tantas possibilidades de ter câncer novamente do que qualquer um da nossa família sobre um acidente fatal.

— Não é a mesma coisa... — murmurei e Logan soltou um suspiro exasperado. *Ele nunca entenderia o que eu estava sentindo.*

— Você é um idiota e nós todos somos por termos deixado você ir tão longe. Se soubéssemos que precisava de ajuda com isso... Nunca percebemos o quão afetado ficou. Isso não é saudável, irmão.

— Me faz um favor? — pedi observando a expressão de pena em Logan. Eu estava destruído, chorando e bêbado no meio do meu chuveiro, nem um

pouco pronto para ter a conversa que meu irmão menor queria. Suspirei desabafando minha preocupação desde o dia anterior. — Pode ir até a casa de Ellie e ver se Sarah está bem? Não precisa falar de mim, mas tenho que saber sobre ela. Me machuca ter feito isso com ela.

— Ah, Matt! — ele respondeu com uma ponta de irritação na voz. — Se você se preocupasse tanto, teria evitado tudo isso, todos esses dramas que estão na sua cabeça. Eu desejo mesmo que você melhore e perceba a idiotice que fez. E que ainda tenha tempo de consertar as coisas. Não sei se consigo ligar com mais um irmão vivendo uma meia-vida.

Escondi meu rosto em minhas mãos sabendo que ele tinha razão. Poucos segundos depois, com a água ainda correndo sobre minha cabeça, ouvi a porta do banheiro sendo batida com força. Bem... Logan era mais uma pessoa do clube que estava irritado comigo. Apesar da dor, sabia que era o melhor para Sarah, para nós dois. Aos tropeções, fui para o quarto de hóspedes, onde cai na cama ao arrancar as roupas molhadas, minha cabeça zunindo pelo excesso de álcool e de pensamentos.

Quando abri os olhos novamente, estava anoitecendo e voltei para o lugar que estava antes de Logan aparecer na minha casa. Uma garrafa de uísque depois, peguei meu carro decidido a ver Sarah. Uma parte racional da minha cabeça dizia que estava fazendo uma merda muito grande dirigindo bêbado, que estava tentando a sorte e minha segurança – e a de outras pessoas – por

sair pelas ruas de Los Angeles embriagado. Sarah odiaria essa pessoa que estava me tornando.

Parei na casa de Ellie, que sabia a localização por todas as caronas depois de sairmos juntos, estacionando de qualquer jeito na frente do prédio. Apertei o painel e esperei, mas nenhuma voz saiu do interfone. *Ela sabia que estava ali e estava me evitando?* Toquei uma, duas, cinco vezes e nada. Como era um homem idiota, comecei a gritar, decidido a ser ouvido. Iria me arrepender quando ficasse sóbrio novamente.

— Sarahhhhhhh!! Saraaaaahhhh!

— Pare de gritar idiota! Vou chamar a polícia! — alguém berrou de volta em uma janela próxima à entrada do prédio.

Fazendo um gesto de desculpas, caminhei para perto do carro pensando no que fazer em seguida. *Por que não podia deixá-la em paz?* Eu fiz aquilo, eu a afastei de um jeito que garantisse que ela nunca mais voltaria para mim. Sentei no meio-fio olhando para meu carro e percebendo que não poderia voltar dirigindo. Estava mal, como em um vórtex de destruição que terminaria por me levar e a outros. Apalpei meu bolso procurando meu telefone e busquei pelo telefone do meu irmão mais velho, torcendo que Jason não tivesse tantos julgamentos quanto Logan.

— *Merda, Matt, são duas da manhã!* — ele declarou com voz de sono do

outro lado da linha.

— Eu preciso de ajuda — anunciei sem jeito, fazendo uma pausa e procurando por palavras para explicar como eu terminei bêbado e fora de casa.

— *O que houve?*

— Não faço a menor ideia de como sair de onde estou e me sinto bêbado demais para tentar — confessei.

— *Como chegou aí?* — ele falou mais sério, como se tivesse despertado com as minhas palavras.

— É a casa de Ellie. Queria falar com Sarah, mas elas não estão aqui.

— *Pode compartilhar sua localização comigo?*

— Acho... acho que sim — respondi em um soluço, ouvindo meu irmão se movimentar no outro lado da minha.

— *Você me deve uma, Matt* — ele sussurrou antes de desligar.

Tentei me levantar, apoiando-me no carro, mas me senti tonto. Voltei para minha posição no meio-fio, abraçando-me pelo frio da madrugada da California e torcendo para que Jason chegasse logo. Depois de tudo, ainda ser assaltado ou qualquer outra merda ia ser a cereja de um bolo de merda que eu mesmo tinha causado. Fechei meus olhos, pensando na indignidade que era dormir no meio da rua, o sono me roubando antes de qualquer outro

pensamento.

Quando duas sombras pararam sobre mim, senti que minha cavalaria havia chegado.

— Na sarjeta, Matt. Que classe — Jason falou ao se abaixar à minha frente.

— Eu estraguei tudo. Eu menti, a mandei embora...

— Já ouvi isso tudo mais cedo e contei para Jason — disse Logan. *Ótimo, lá vamos nós de novo.* — Deveria ter ficado com você, em vez de te deixar bêbado dirigindo por aí. Será uma noite longa.

— Por que trouxe ele? — perguntei para meu irmão mais velho, parecia uma criança emburrada.

— Porque ele sabia onde Ellie morava melhor do que suas mensagens bêbadas. Vamos para casa, é de madrugada. Amanhã, quando estiver melhor, vamos ter uma conversa séria.

— Séria como?

— Como intervenção — Jason respondeu sério. — Você precisa de ajuda profissional. Isso foi longe demais.

— Não preciso...

— Precisa — Jason insistiu. — Mas vamos ter essa conversa quando você conseguir racionalizar o que fez nas últimas horas. Agora me dá as chaves do

seu carro porque Logan vai dirigi-lo para você.

— Ok — respondi encarando meus irmãos e vendo seus olhares de pena. Droga, essa noite poderia ser uma das minhas piores, talvez a pior. Tirei a chave e estendi para Logan, que balançou a cabeça afirmativamente.

— Se te acalma, ela está bem, Matt. Vamos para sua casa e...

— Você sabe onde a Sarah está? — respondi avançando em Logan e agarrando seu colarinho. — Preciso ir até ela.

— Matt... — ele retorquiu tentando me soltar, mas eu fazia força demais para arrancar informações do meu irmão.

— Vamos, Logan. Diga!

— Ela está no Private 6, aquela nova boate. Ellie não para de postar fotos das duas dançando. Agora entendo por quê.

— Vamos até lá!

— Matt, nós vamos para casa! — Jason falou com autoridade, olhando para nós dois. Soltei Logan e me virei para encarar meu irmão mais velho, como se precisasse racionalizar meus motivos para procurar por Sarah.

— Que porra, eu preciso explicar! Preciso falar com ela!

Quando nenhum dos dois me respondeu, arranquei a chave de Logan e me tranquei dentro do carro. Estava tentando dar a partida quando Jason bateu no vidro irritado, me fazendo parar.

— Se é isso que você precisa, vamos todos. Não dá para lidar com a sua bunda bêbada sozinho. Mas saiba, você não me deve uma... Agora é muito mais do que isso — ele respondeu com um olhar zangado, me jogando no banco de passageiros enquanto estendia a chave de seu carro para Logan.

Horas depois, parado na minha sala, sozinho depois da partida de Sarah, estou pior do que quando comecei. *“Eu prometo que eu vou tentar ser feliz, já prometi isso uma vez. Quero que você saiba que foi meu grande amor, tudo bem? Eu te amo e faria qualquer coisa por você, mas você precisa se entender primeiro, entender o que quer.”*

Cada palavra entrava em mim como um punhal, porque sabia que era o jeito de Sarah encerrar as coisas entre nós. Precisava respeitar suas decisões, o ponto final que ela decidiu dar a nós dois mesmo ainda sentindo seu sabor em minha boca. Estava nos deixando à margem das minhas loucuras, levando esse relacionando água abaixo cada vez que surtava. As peças começavam a se encaixar em minha cabeça conforme a neblina alcoólica começava a se dissipar. Todos tinham razão: eu precisava de ajuda, precisava me entender e fazer as pazes com o meu passado, para conseguir ter um futuro. Precisava

ser alguém melhor, para ser o homem que Sarah precisava.

Decidido, voltei para minha cama lutando com os espaços vazios deixados por ela. Tomei um banho, arrumei o lixo dos dias de bebedeira e percebi que precisava de um novo início. Enviei uma mensagem para Ellie pedindo para me falar de Sarah estava bem, apenas um “Sim” ou “Não” e a deixaria em paz. Quando o “Sim” apareceu em minha tela, consegui respirar novamente. Durante a tarde, liguei para Jason, e, depois de ouvir um sermão sobre o meu comportamento, pedi para ir para Nova York no lugar dele ao menos pelas próximas semanas. Queria dar espaço para Sarah e resolver minha vida do outro lado do país.

Meu objetivo, além da distância, era refazer meus exames e conversar sobre minhas possibilidades com os médicos enquanto ia para reuniões de negócios. Apesar dos meus médicos estarem em Los Angeles, a doutora McKenna, que tratou de mim na primeira vez, agora estava em Nova York. Ela tinha uma equipe de especialistas que poderia me dar as respostas que tanto ansiava.

Três dias depois de embarcar e entrar em contato, ela me chamou em seu consultório e pediu uma série de exames. Durante um dia inteiro, fui espetado, analisado e escaneado em aparelhos de última geração, e esperei por quarenta e oito horas pela agonia dos resultados.

— Bem, tenho seus resultados. Nenhum sinal de que o linfoma esteja de

volta — doutora McKenna declarou ao abrir meus exames em seu computador.

— Muito bom, tenho feito exercícios, controlado outros fatores — respondi conformado. Era a resposta que ouvia anualmente quando fazia exames de verificação.

— Isso é bom, senhor Hunt. Conhecer seu corpo é bom e entender os sinais nos ajudam em casos como o seu.

— Minha questão maior é de quanto será minha sobrevida? Quando devo começar a me preocupar de verdade? — perguntei e ela me encarou confusa, como se não esperasse esse tipo de questionamento.

— Medicina não é futurologia. Seu linfoma pode nunca voltar ou voltar no próximo mês. É incontrollável, mas melhora com os cuidados que tem feito.

— É uma espécie de loteria?

— Vamos falar de números, porque acredito que essa é sua preocupação: se curou há mais de dez anos, de acordo com pesquisas, você está entre os 59% que conseguem essa proeza. A margem é grande, mas uma década é uma marca importante nesse tipo de tratamento — ela respondeu de forma técnica, como se procurasse as palavras certas para lidar com um paciente como eu.

— Mas e daqui para frente?

— Você é jovem, se exercita e se alimenta bem. Seu linfoma foi estágio I, respondeu ao tratamento na nossa primeira tentativa e não voltou a aparecer em dez anos. Tem risco baixo, senhor Hunt. Quando chegar aos 60 ou se mudar sua rotina e se tornar um sedentário, essa classificação pode mudar. Em alguns casos como o seu, o linfoma não volta a aparecer, acredite.

— Mas e se voltar? — perguntei e ela sorriu leve, parecendo entender o fundo dos meus medos.

— Você também tem um bom perfil para responder ao tratamento. Olhe, sei que tem receios, mas meu conselho? Não viva ao redor do câncer, ok? Ele fez parte da sua vida, e ainda faz. Você tem as revisões de saúde, mas não deixe ir além disso. Você é saudável hoje. Tente se encarar desse jeito.

As palavras da médica ecoaram na minha cabeça, percebendo a burrada que tinha feito. Deixei ser sugado por um redemoinho de pensamentos destrutivos que me fizeram viver com regras do que podia ou não fazer, de não poder me apaixonar, de não ter uma família... Ainda seria muito tempo até resolver todas as peculiaridades dentro de mim, aceitar que não podia mandar no meu destino e evitar meus sentimentos. Sarah invadiu minha vida e mudou tudo. Talvez nunca a conseguisse de volta, mas poderia ser o homem que ela desejava. Ser aberto e falar sem receio sobre meus medos, sobre todas as coisas que me incomodavam...

Faltava pouco para o Natal, e por isso decidi voltar para Los Angeles. Um

dia antes do meu embarque, comprei um anel de noivado na Tiffany & Co. Sabia dentro de mim que deveria deixar Sarah em paz, mas ao mesmo tempo precisava pedir desculpas, explicar, contar sobre os exames... A quem eu queria enganar? Imploraria se necessário e aceitaria quando ela me mandasse embora. Era o que eu merecia.

Depois de um voo cansativo, coloquei a chave na porta da minha casa e reparei em meu pai sentado no sofá da sala. Ele me encarava como se precisasse entender coisas importantes. Ao que parecia, todos os meus parentes queriam ter conversas importantes depois do meu comportamento errante das últimas semanas.

— Jason avisou que eu estava voltando? — perguntei, deixando a mala no chão e sentando ao lado do meu pai.

— Eu esperava não precisar ter essa conversa com você, mas Logan me contou sobre o que fez. Que diabos, Matt! É por isso que fugiu para Nova York? — ele questionou com a voz emocionada. — Se soubéssemos como você se sentia, nós nunca... Nós...

— Pai, eu...

— Não, me ouve — ele pediu, colocando a mão na minha e me encarando com um olhar suave. — Você viveu os últimos dez anos achando que poderia morrer a qualquer momento? Que não poderia ter uma família, estar com

alguém, só porque colocou na sua cabeça que o câncer iria voltar?

— Ao que parece foi Logan que falou com você — suspirei irritado.

— Você percebe que precisa de ajuda? Que não é normal se sentir desse jeito?

— Fiz terapia na época, lembra? Me mantive saudável, com minhas regras. Nunca nada foi sério com alguém. Toda mulher que passou pela minha vida era casual e eu gostava assim... Então de repente Sarah chegou e comecei a me preocupar com cada uma das coisas que fiquei preso na última década. Cada uma das minhas regras saíram voando pela janela ao lado dela.

— E isso te assustou?

— Como o inferno. Nos últimos dias, pensei sobre tudo isso e sei que preciso melhorar. Tenho vivido dentro de uma casca e agora não sei o que fazer. Afastei a coisa mais preciosa para mim porque eu insisti que não podia ter nada daquilo.

— Nós erramos por não falar a respeito da sua doença, Matt. Você é saudável, corre malditas maratonas! Vai mais ao médico do que qualquer amigo da minha idade e temos mais de trinta anos de diferença. E sobre ter filhos... Grande coisa. Eles podem não ter seus traços, mas eles serão seus...

— Não é o mesmo...

Meu pai me interrompeu com um olhar e me calei, observando a merda

que estava falando. James me criou como filho desde os dois anos de idade e nunca senti que fosse diferente de um pai real.

— É assim que você se sente, filho? — ele sussurrou com a voz dolorida e percebi que o magoei. *Droga*. Meu pai se levantou, andando de um lado para o outro, procurando palavras para seguir.

— Não! Eu tomei uma decisão e preciso...

— Matt, eu conheci sua mãe e me apaixonei — ele revelou, me fazendo calar. Cada vez que ele falava de mamãe, seus traços suavizavam. — Ela era um pacote. Não existia minha Ava sem vocês e nunca a trocaria por vir com três crianças a tiracolo. Nunca pensei em ser pai, mas seis meses depois de conhecê-la, estava trocado fraldas de Logan, dando comida para você e ensinando Jason a escrever.

— Pai... — gemi querendo corrigir minhas palavras, mas ele fez um movimento para me falar.

— Nunca, me entenda bem, nunca foi diferente para mim. Eu nunca senti falta de filhos com o meu sangue, porque cada gesto, cada modo de falar, cada hábito que trouxe da minha família chegou até vocês. E é isso que me importava no final do dia e agora trinta anos depois. Em quase todos os aspectos, e Deus me perdoe por falar isso, são mais meus filhos do que do pai biológico de vocês, e não admito que você, logo você, que teve isso comigo,

desista de uma vida com essa boa garota só porque não pode ter filhos naturais.

— Eu sei e agradeço por isso. — Fiz uma pausa tentando pensar no que faria depois. — Por que nunca nos adotou?

— Porque, por mais que ame vocês três como meus filhos, seu pai tinha o direito de participar da vida de vocês.

— Ele nunca participou.

— Mas precisava deixar essa porta aberta. Ele teve três garotos maravilhosos que mudaram minha vida para melhor. Azar o dele que perdeu isso tudo. — Ele piscou. — E além do mais, vocês podem não ser Larson no nome, mas são no coração. Está tudo aí dentro.

— Eu amo você, pai.

— Eu amo você também, filho. Pode me pagar esse favor nomeando algum neto com o meu nome ou convencendo Jason ou Logan a fazerem isso — ele brincou.

— Tomei algumas decisões em Nova York.

— Como o quê? — ele perguntou, sentando novamente a meu lado.

— Fui ao médico, conversei com uma especialista e ela me disse sobre minhas probabilidades de sobrevida. Percebi que sou um idiota.

— Finalmente!

— Pai! — protestei com uma risada.

— É verdade... — ele suspirou. — Não é possível que não perceba que sou velho. É mais fácil para eu ter um infarto do que seu câncer voltar.

— Quero voltar a fazer terapia, voltar ao grupo de apoio. Primeiro o câncer, depois a perda no banco de sêmen, tudo me fez acreditar que nunca teria um futuro. Estava vivendo no passado, negando-me a ver que ainda existem muitas possibilidades para mim. Já faz dez anos. É hora de começar a viver.

— E sobre Sarah? — ele perguntou e eu sorri em resposta.

— Comprei um anel de noivado — revelei tímido e ele me puxou para um abraço, me apertando contra ele com força.

— Matt, vai atrás da sua garota. Vai viver a droga da sua vida e, se quiser, me dê bons netos para mimá-los.

Balancei a cabeça como resposta, levantando-me do sofá. Era o que eu planejava fazer. Tentar reconquistar minha mulher e prometer que nunca mais seria um idiota.

CAPÍTULO 17

Matt

Assim que meu pai foi embora, levei a mala até meu quarto e saí novamente. Como ele mesmo disse, era hora de ir atrás da minha garota. Liguei para Logan em busca de informações, pois não sabia se Sarah continuava no apartamento da Hunt Enterprise depois do nosso término.

— Logan, sabe se Sarah voltou para o apartamento? — perguntei assim que ele atendeu a ligação.

— Olá para você também, irmãozinho.

— Olá — resmunguei em resposta. — Agora pode me responder? Preciso saber onde ela está.

— Isso vai ser mais complicado... Ela pediu demissão assim que pisou no escritório depois daquela noite. Conversou com Jason, recolheu suas coisas e sumiu.

Como assim Sarah sumiu?

— O quê?

— Ela disse que precisava se afastar e entregou as chaves do apartamento. Tentei descobrir algo com Ellie, mas ela não quis falar nada. É compreensível depois de tudo.

— Merda! — suspirei derrotado e pensando onde diabos Sarah poderia estar. *A casa dos pais.* — Compre passagens para Massachusetts, sei que ela está lá. Vou falar com Ellie, mas a passagem precisa ser para hoje!

— Não sou sua assistente... Peça para Diana!

— Se ela descobrir o motivo da viagem, ela é capaz de chutar minha bunda e fazer uma viagem até Cambridge só com a força do pé dela. Ela e Ellie fariam uma dupla e tanto contra mim.

— Sua lista de favores está ficando cada vez mais longa, Matt. Eu preciso de um sobrinho com meu nome.

— Entre na fila, papai também pediu um desses. Já perdi as contas de

quanto devo a Jason.

— James Logan soa bem.

— E Jason?

— Deixo-o ser o padrinho — meu irmão respondeu com uma risada.

— James Logan só vai existir se me comprar essas passagens! — retruquei puto por não ter perguntado sobre ela antes. Massachusetts era tão mais perto de Nova York.

A próxima parada exigiria ainda mais esforço. Dirigi até a casa de Ellie torcendo pela minha boa sorte. A amiga de Sarah me ameaçou mais de uma vez e poderia apostar que estava longe da lista de pessoas favoritas dela.

— O que foi, Matt? — ela perguntou me olhando de cara feia através da porta semiaberta.

— Preciso saber onde ela está — expliquei tentando ser o mais direto possível.

— Por quê?

— Preciso pedi-la em casamento. — Ellie olhou para baixo pensativa, ainda segurando a porta. Ela me encarou, fazendo um gesto com as mãos para entrar.

— E como pode ser diferente das outras duas vezes? Você a magoa e volta rastejando...

— Tudo bem. A coisa é: eu não esperava conhecer Sarah — interrompi-a, pensando nas palavras que a convencessem dos meus sentimentos. — Estava feliz com a minha vida, não ter ninguém. Não posso ter filhos, Ellie. Me considerava uma bomba relógio e achava que ficar perto de alguém só traria sofrimento. Vi como minha família ficou quando fiquei doente e não queria nada disso para Sarah.

— Doente?

— Câncer.

— Isso explica muita coisa.

— Eu sei.

— Nada bom até agora... — ela respondeu dando de ombros. *Ellie seria uma barra dura de quebrar.*

— Sim, ela é a parte boa. Lutei contra, com todas as minhas formas. E mesmo assim terminei apaixonado. Eu a amo, Ellie. Tentei me separar dela, menti, fingi, fiz um monte de coisa para Sarah se afastar, mas no final do dia, só a quero comigo. Eu a amo tanto que...

— Escuta, Matt — ela me cortou. — Você quebrou o coração dela. Sarah passou os últimos dias chorando, ficando doente, sentindo sua falta. Não posso trair minha amiga e te ajudar.

— Eu a amo, Ellie, e quero passar o resto da minha vida, mesmo que dure

pouco, me desculpando. Não faço sentido sem ela... Você me entende?

— Mais do que imagina.

— Sei que errei, que fui um idiota, que não sou confiável e tudo isso que você sabe de cor. Mas eu a amo, amo tão enlouquecidamente, como se meu coração precisasse dela para bater mais forte. Não sabia que podia ser assim, mas aconteceu, e tenho um anel de noivado no meu bolso para provar que não vou a lugar nenhum.

— Isso não quer dizer muita coisa, Matt.

— Sei que ela está em Massachusetts, me ajude a ir além disso. Se ela não me quiser, foi uma escolha dela. Mas, por favor, me deixe rastejar aos pés da pessoa certa e ter a possibilidade de fazê-la feliz — implorei.

Ellie não disse nada e me encarou por alguns segundos. Ela saiu da sala, deixando-me sozinho e voltou com um pedaço de papel escrito. *Graças a Deus!*

— Esse é o endereço dos pais dela. Sarah está com eles.

— Muito obrigado! — eu disse pegando o papel, tentando abraçar Ellie forte, mesmo sabendo que ela me daria um soco ou algo assim. Virei-me para a porta quando ouvi a amiga de Sarah me chamar com a voz suave e séria, como se tivesse mais anos do que os vinte e poucos que aparentava. Nunca ouvi aquele tom de voz e encarei-a com curiosidade.

— Não desperdice mais tempo ou vai se arrepender. E se você a machucar de novo, vou cortar suas bolas fora e dar para algum cachorro comer.

— Não pretendo, pelo bem de Sarah e das minhas bolas — respondi voltando para o meu carro agarrado ao papel como se ele fosse capaz de salvar minha vida.

Assim que entrei no veículo, vi uma mensagem do meu irmão me informando que tinha conseguido um voo e que precisava correr para o aeroporto. Assim que embarquei, dediquei as seis horas seguintes preso na aeronave para pensar no que falar para Sarah para consegui-la de volta.

Quando o táxi estacionou a frente de uma casa arborizada nos arredores de Harvard, suspirei olhando para a residência de madeira branca de dois andares. Era um Natal branco em vez da leve brisa de Los Angeles. Olhei para meu relógio, nervoso, sabendo que já passava das onze da noite, e caminhei para a porta. Não tinha um plano B caso Sarah não estivesse em casa, e o casaco leve que vestia desde a Califórnia não me protegia do frio de Cambridge. Quando toquei a campainha, ouvi passos em direção à porta enquanto esfregava minhas mãos uma na outra, vendo a fumaça branca sair de minha boca.

— Matt?

Bem à minha frente estava Sarah, seu cabelo loiro caindo ao redor dos

olhos e um pesado casaco em seu corpo. Era tudo o que precisava ver.

— Posso entrar? Está frio aqui fora — pedi. Ela me olhava como se eu fosse uma visita extraterrestre ou algo assim. Passei pela porta sentindo Sarah fechá-la às minhas costas.

— O que... O que faz aqui?

— Não consegui esperar mais um dia para ver você.

— Como assim?

— Sei que fiz de tudo para te afastar e sou um idiota. Fui para o hospital, fiz novos exames para detectar o linfoma...

— Você está doente? — ela sussurrou baixo, encarando-me diretamente pela primeira vez desde que entrei.

— Não, o câncer não voltou.

— Isso é bom, não é?

— É melhor do que bom, porque reparei que estava deixando a felicidade escapar das minhas mãos. Vivi ao redor do câncer nos últimos anos sem me permitir ter nada, então você entrou na minha vida como um furacão e quando vi, eu já te amava.

— Matt... — Ela tinha lágrimas nos olhos, mas ainda se mantinha no outro canto da sala, observando-me com cautela. Aproximei-me dela, parando à sua frente.

— Eu te amo e vou me desculpar para sempre se isso permitir ficar com você. Quero adotar filhos com você. Se não quiser, cachorros, gatos, papagaios, viagens... Quero o que você quiser, contanto que nunca mais saia do meu lado.

— Não está sendo justo, por duas vezes você me deixou e... — ela respondeu com a voz embargada. Seus olhos brilhavam com as lágrimas não derramadas, o que fazia meu peito se apertar.

— Você estava certa sobre ajeitar minha vida. Quero fazer terapia, arranjar um hobby, parar de ficar obcecado pela volta ou não do câncer, mas sei que isso tudo será com passos de bebê. Sem mais mentiras, eu prometo.

— Me prometeu da primeira vez, Matt. Não vê o que faz comigo? Se aproveita dos meus sentimentos...

— Me desculpa, por favor. A última coisa que quero é fazê-la sofrer. Estou aqui, de peito aberto, querendo ficar com você. Não posso prometer que não ficarei inseguro, com medo ou com pensamentos idiotas novamente. Mas posso te prometer sinceridade, conversa. Nada... Não vou esconder nada depois de hoje.

— Matt — ela sussurrou ainda impactada.

— Se você quiser, vou embora agora. Vou deixá-la em paz e morrer com a certeza de que estraguei a coisa mais bonita que já tive na vida. Mas, Sarah...

Se me aceitar de volta, vou poder ser inteiro novamente. Não sei viver sem você, Sarah. Vamos fazer tudo diferente. — Ela colocou seus dedos em meus lábios, calando-me, e com ar solene, disse:

— Eu te amo tanto que meu coração explode cada vez que te vê, mas preciso saber se é de verdade, se não vai ficar com medo de novo. Doeu tanto ver você com ela...

— Me desculpe amor. Achei que sabia tudo, mas era um idiota.

— Não pode saber o que vai me fazer feliz e me angustiar no futuro, Matt. Nós precisamos ser um time para isso funcionar. Quero acordar com você, cozinhar com você, pintar paredes e ver programas idiotas na televisão. Quero tudo isso porque eu te amo. Não me afaste de novo.

Eu senti que era o momento. Tinha pensado em levá-la para jantar, fazer algo bonito, comprar flores, mas no final era sobre nós dois juntos, prontos para enfrentar o que quer que fosse. Caindo de joelhos enquanto tirava a caixa azul do bolso, disse as palavras que selariam meu futuro:

— Sarah, você quer casar comigo?

Ela cobriu o rosto com surpresa antes que as lágrimas começassem a cair ao mesmo tempo que olhava para o anel. Ajoelhando à minha frente, ela murmurou um estrangulado “Sim” antes de levar seus lábios aos meus enquanto me abraçava forte.

— Isso é para mostrar o quão comprometido com esse relacionamento você está? — ela me perguntou.

— Não, isso é porque eu não consigo passar mais nenhum minuto sem você ao meu lado. Para mostrar que estou comprometido, preciso ligar para Logan, é como sempre fazemos.

— Não! — ela gritou alto. — Estou feliz com o anel, nas outras vezes que ligou para seu irmão nada terminou bem.

— Eu concordo em colocar a culpa em Logan.

— Você é culpado das idiotices, não seu irmão — Sarah retrucou. — Mas, para evitar brigas, não conte que ele nos deu má sorte.

Sarah sorriu e eu percebi que finalmente as coisas ficariam bem.

CAPÍTULO 18

Sarah

Ver Matt dormir ainda parecia um sonho para mim. Ele veio até Massachusetts para dizer que me amava e que queria casar comigo. Era tudo que queria e me negava a pensar demais. Tinha medo das consequências, mas uma coisa que meu relacionamento com Matt me ensinou foi viver a vida um dia por vez. Talvez chegasse o momento que conseguiria planejar, ver um futuro com anos à frente... Mas naquele dia queria senti-lo contra mim.

Desde o primeiro dia naquele elevador, ele mexia com a minha cabeça e

meu coração. Eram chances demais para alguém que me fez sofrer, mas ao mesmo tempo, era como se soubesse que só haveria uma pessoa para amar uma vida inteira. Um grande amor que lutaria contra os anos e ficaria para sempre em meu coração. A decisão de dizer “sim” a Matt era sobre dizer “não” ao que poderia ter sido se fosse mais racional sobre o que ele me fez passar. Os dias na casa dos meus pais me fizeram refletir. Matt estava errado, mas ele tinha os motivos tortos por trás de suas decisões. Ele precisava de ajuda para superar seus medos e queria estar ao seu lado nisso.

Nós subimos de mãos dadas para meu quarto de adolescente, me fazendo sentir transgressora por levar um homem até ali. Nenhum rapaz pisou dentro daquelas paredes até então, e o primeiro seria meu noivo. *Noivo. Casamento. Uma vida inteira juntos.* Fizemos amor devagar, saboreando o corpo um do outro e matando a saudade de estar junto. Em algum momento da noite, acordei achando que tudo tinha sido mais um sonho desde que cheguei na casa dos meus pais. Era algo recorrente nos últimos dias: pesadelos de como perdia Matt de diversas formas, me transformando em uma confusão emocional que podia se desmanchar em um sopro.

Meus pais não passavam os feriados em casa, e no momento que apareci na porta, eles estavam decididos a cancelar as férias para ficar ao meu lado. Não sei como consegui convencê-los, mas estava sozinha na imensa casa de Cambridge quando Matt bateu à porta. Eu fugi até Massachusetts depois da

última conversa, querendo fugir de Los Angeles. Na manhã seguinte à ida até a boate, acordei decidida a buscar minhas coisas na empresa, pedir demissão e viajar. As coisas saíram melhor do que o esperado, pois, assim que cheguei, Diana não estava e nem Matt, o que me deu tempo para arrumar tudo e preparar a carta de demissão.

— Indo a algum lugar? — Jason perguntou atrás de mim.

— Minha carta de demissão — disse mostrando o papel. — Não posso ficar mais, só machuca, sabe?

— Matt ficará fora pelos próximos dias, se quiser arrumar as coisas com mais calma, você pode. Eu sinto muito por tudo o que aconteceu com vocês... Ontem foi uma confusão.

— Um dia melhora, Jason?

— O que quer dizer?

— As memórias, a vontade... Ela desaparece com o tempo? — Jason suspirou com as minhas palavras, balançando a cabeça negativamente.

— Você aprende a viver com elas. Tem dias que doem mais do que outros, em alguns até mesmo pode acreditar que não lembra. — A voz de Jason morreu como se ele já não estivesse completamente naquela conversa. Deus, queria tanto não me transformar no fantasma que ele era por Lizzie.

— Muito obrigada por tudo, Jason. Você e sua família me ajudaram em

muitas coisas e serei eternamente grata por isso. Vou esvaziar o apartamento e deixar a chave na recepção ainda hoje, ok?

Liguei para Ellie, que me ajudou com as coisas do apartamento em um processo que durou o resto do dia. No final da tarde, com o trabalho pronto, pedi para minha amiga cuidar das minhas coisas por alguns dias. Precisava ir para casa.

Assim que vi minha mãe, chorei. Simples como podia ser, ela abriu a porta, eu caí em seus braços e coloquei toda a dor para fora. Ela e meu pai me colocaram na cama e fizeram sopa para mim, daquelas que você só recebe quando está doente. Fiquei deitada por dois dias até decidir no terceiro que precisava fazer algo. Queria aproveitar esses dias para resolver se voltaria para Los Angeles, ficaria com meus pais ou se iria para outro lugar. A viagem dos meus pais estava marcada para o início da semana seguinte, onde eles pegariam um voo para a Flórida e de lá seguiriam em um cruzeiro de duas semanas pelo Caribe. Minha mãe queria ficar, mas contando sobre o que realmente aconteceu, disse que seria uma perda de tempo: precisava de tempo para superar, e mesmo os amando muito, preferia que eles se divertissem.

Foi assim que terminei sozinha nessa casa grande no meio da neve. Quando atendi a porta tão rápido, achei que era alguém perdido, mas era Matt dizendo que me amava.

Sem sono, levantei na ponta dos pés para preparar o café. Ainda eram seis da manhã e Matt estava cansado: ele chegou de Nova York para descobrir que voltaria para a costa leste atrás de mim. Ele me contou sobre seus dias durante a madrugada e os voos que pegou para chegar até mim. Quando perguntei por que não esperar para viajar com calma, ele me disse algo que derreteu meu coração: ele não conseguia esperar para estar comigo. Senti meu celular vibrar e vi “Ellie” chamando.

— Me diz que você disse sim — ela perguntou sem me cumprimentar. *Ela sabia! Que droga de amiga.*

— Como sabia que ele ia propor? Ellie, você tem algo a ver com isso?

— Como acha que ele soube onde te procurar?

— Estou impressionada, você o odiava.

— Sim, mas sei que só ele poderia te fazer feliz do jeito certo.

— Muito obrigada, Ellie. Não sei o que seria sem você.

— Eu exijo minha vaga de madrinha.

— Ela sempre foi sua, boba. — Olhando para o céu clarear lá fora, percebi uma coisa. — Ellie, são três da manhã em Los Angeles, por que está acordada?

— Não conseguia dormir sem saber se eu precisava cortar as bolas do Matt ou felicitar pelo casamento — ela confessou e gargalhei alto em resposta a isso.

— Eu te amo, amiga... Sei que ninguém vai substituir Jake, mas um dia vai acontecer.

— Já aconteceu para mim, com Jake — ela disse com a voz triste. — E quero que você seja tão feliz quanto eu fui. Agora vou dormir, te amo, amiga!

— Quem era? — Matt perguntou bocejando. Ele era tão lindo quando acordava. Ele estava enrolado no meu cobertor já que suas roupas não ajudavam com o frio de Cambridge.

— Ellie querendo saber se cortava suas bolas ou não.

— Ela é muito violenta, mas é muito leal, gosto dela — ele anunciou, aproximando-se de mim e me abraçando por trás ao mesmo tempo que beijava meu pescoço. — Vamos voltar para cama, está cedo.

— Perdi o sono com todas as nossas emoções.

— Então preciso te cansar um pouco, não, meu amor?

— Isso é um plano?

— Só mais um dos milhares que vou fazer com você. Eu te amo.

— Eu também te amo, Matt — respondi dando um beijo suave em seus lábios, sabendo que dessa vez nós tínhamos um futuro para lutar. Juntos.

EPÍLOGO

Matt

Três anos depois

Quando fui buscar Sarah em Massachusetts, conseguimos nos esconder da minha família por mais metade do dia até uma chamada de Skype vibrar com insistência no meu celular. Jason, mamãe, papai, Logan e Emma nos encarando até ouvirem que nos casaríamos. Eles comemoraram como se fosse o final do Super Bowl. Nos escondemos pelo resto do feriado e

voltamos para casa somente para descobrir que Ellie e meus irmãos organizaram uma festa de noivado surpresa na virada do ano. Até mesmo Blair e Victória estavam presentes. Nos casamos pouco tempo depois, porque não via sentido em esperar algo que já sabia: Sarah era minha mulher para sempre, assim como eu era seu.

Voltei para meu grupo de apoio. Foi duro me apresentar anos depois para alertar às pessoas que o câncer não pode tomar sua vida: a doença pode ser grande parte do seu cotidiano, mas nunca deixar de fazer coisas por ela. Reconhecer meus medos e entender que eles podem ser internos e não culpa de um linfoma. Tornei-me conselheiro do grupo e Sarah ia às reuniões como apoio sempre que podia. Aprendi a duras penas e com a ajuda do meu terapeuta que, se fosse outra mulher, hoje estaria sozinho e sofrendo pela perda. Sarah foi paciente até quando eu era o mais completo dos idiotas.

Nós entramos na fila de adoção um ano depois que nos casamos e demorou mais um ano até recebermos o telefonema. Sarah diz que aprendeu a ser mãe comigo. Não que ela nunca tenha tido relações com crianças ou nada disso, mas ela diz que descobriu a maternidade assim como eu descobriria a paternidade tendo um filho adotado ou natural, pegando nossa criança no colo pela primeira vez. Conhecer Olívia foi uma experiência de outro mundo. Alguns pais que adotam costumam dizer que criaram laços pouco a pouco, mas eu sabia que ela era minha filha na primeira vez que a vi naquela espécie

de incubadora pós-operatória, cheia de fios saindo pelo seu corpo.

Lembro de olhar para Sarah, nós dois vestidos com roupa de hospital e ouvir sua voz sussurrada através da máscara: “É nossa filha”. Chorei e concordei com a cabeça. Essa seria minha primeira imagem mental de Liv a partir de então: uma visão embaçada de lágrimas de um bebê pequeno e frágil. Chorar tinha sido um hábito depois disso: a primeira vez que a peguei, a primeira vez que ela disse “papai”. Era tudo tão novo e já tinha me resignado a não ter nada disso.

Sarah diz que ela estava destinada a ser nossa, e não duvido nem um pouco disso. Olívia era coreana-americana, filha de uma emigrante que a entregou para adoção. Era mãe solteira, o que as assistentes sociais nos disseram que era uma grande vergonha em sua cultura. Liv nasceu com lábio leporino, uma abertura por má-formação. A mãe viu o bebê, acreditou que era um castigo divino e a encaminhou para o serviço social. É tudo o que sabemos sobre ela. Liv entrou na lista de adoção e três casais não a quiseram. O serviço social conseguiu a cirurgia corretiva para ela, achando que era essa a questão dos pais desistentes.

Nós éramos o quarto casal da lista e topamos antes mesmo de saber que ela seria operada no dia seguinte. Ela entrou no centro cirúrgico sem pai e mãe e saiu com uma família, o que Sarah acredita fielmente que foi uma espécie de parto mental. Dois anos depois, outra menininha entrou em nossas

vidas. Amanda também veio de uma adoção fechada, de uma mãe de 14 anos que não podia mantê-la. Tentamos conseguir o contato da garota, mas o sistema de adoção foi rígido sobre o anonimato: a mãe biológica de nossa bebê assinou um termo em que não gostaria de manter contato nem agora nem no futuro. Esperava que ela se arrependesse e soubesse a mulher incrível que Mandy se tornaria. Sei que no futuro Amanda desejará saber e gostaria de tornar isso o mais fácil que puder.

Éramos uma família, a família que nunca esperei ter e que, graças à minha esposa, consegui. Aquele primeiro dia no elevador mudou nossas vidas para sempre, mas eu sabia que a encontraria dentro da Hunt Enterprise mais cedo ou mais tarde. Agradecia a cada dia por ter invadido minha vida, meus pensamentos e me feito confiar em nós dois. Meu futuro seria vazio sem amá-la, ou pior, amando-a sem tê-la, como planejava fazer. Sarah tinha razão, era um plano estúpido.

EPÍLOGO

Sarah

Cinco anos depois

Se alguém me contasse que Matt seria um pai chorão, eu riria, mas ele era. Ele estava lá para nossas duas meninas o tempo todo e abraçou o dever paterno como se fosse mais um de seus negócios. No primeiro resfriado de Liv, ele queria que um médico morasse com a gente, quando ela começou a andar, transformou nossa casa no reino do emborrachado, quando descobrimos que Amanda era asmática, queria que nos mudássemos para

uma fazenda “cheia de ar livre e nenhuma poluição”.

Aprendemos a lidar com tudo isso, e ainda tínhamos o nosso tempo, apesar da preocupação com as meninas. Eu o amava tanto e profundamente que ficava triste só de pensar que nós estamos juntos porque eu era uma madrugadora que um dia chegou cedo ao trabalho e conheceu o amor da vida dentro de um elevador. Aquele dia nunca aconteceria se tivesse chegado no horário. Matt se negava a acreditar na minha versão e dizia que me encontraria até mesmo se meu escritório fosse debaixo do tapete.

Nós tivemos vários momentos nesses nove anos juntos, mas um dos mais surpreendentes aconteceu há seis meses, quando a empresa que guardava o esperma de Matt nos notificou que, ao contrário do que ele achava, nem todas as amostras foram perdidas no incêndio ao laboratório. Depois de 20 anos, descobriram duas amostras separadas do conjunto principal que tinha sido destruído e entraram em contato. Matt pensou que era um golpe e mandou uma das amostras para análise de DNA. Eram de verdade.

Eu quis fazer isso e Matt concordou. Se ficasse grávida aos 36 anos, teríamos nosso terceiro filho, se não ficasse, tínhamos nossas duas meninas e éramos mais do que felizes com a nossa vida. É assim que, seis meses depois dessa descoberta, eu tinha uma barriga de gravidez de 16 semanas, para alegria de Liv e Mandy, que não paravam de beijá-la e falar com seu irmão. Talvez a única vantagem dessa gravidez é que, ao contrário da recepção das

meninas, não tivemos que correr para as lojas atrás de fraldas e roupas. Era diferente, mas era igual, estaria dando à luz ao meu terceiro filho, mesmo que minhas meninas não tivessem saído de mim.

Liv inclusive tinha perguntado por que esse irmão não viria “pelo correio” como Amanda, e acabamos tendo a temível conversa sobre como os bebês nasciam – o que deixou Matt um pouco desesperado. Eu tinha sido abençoada, realmente abençoada com uma família maravilhosa. Era mais do que poderia esperar.

Cinco meses depois, senti um pouco de empatia por Ava. De um parto difícil por um bebê gigante exalando os genes de seu pai e tios e saído de uma pessoa pequena como eu, chegou ao mundo James Logan Hunt.

EPÍLOGO

Olivia

20 anos depois

Eu já tinha quase três décadas nesse mundo, mas ainda assim me sentia protegida nos braços do meu pai. Ele estava muito emocionado hoje. Na verdade, ele está muito emocionado sempre. Mamãe diz que papai era um homem duro que quebrou o coração dela antes de aceitar que ela era o amor da vida dele. Eu duvido. Acredito fielmente que meu pai escondeu da minha mãe que era uma manteiga derretida e que ele também deve ter sofrido

horrores. Também posso duvidar, porque nunca conseguiria imaginar eles dois separados. Ela começa onde ele termina e vice e versa, como se eles tivessem um mundo particular.

Por esse amor, eles me quiseram, quiseram Mandy e quiseram James, nosso bebê incrivelmente bonito que adoramos implicar e dizer que tem o cérebro congelado – história engraçada, ele é resultado de um congelamento de sêmen do papai há mais de 40 anos. *Não quero pensar no sêmen do papai, argh.*

A coisa sobre papai é que ele ficou apegado a grandes gestos. Mamãe sempre esteve lá para me ver dançar, cantar, pular e todo o tipo de coisa, soltando palavras em alemão – que ela fez questão que todos aprendêssemos – e nos abraçando sempre que precisasse. Papai também, mas ele, digamos, gostava de aparecer. Como quando alugou um haras por um dia quando Amanda disse que gostava de cavalos, como pagou uma palestra para James aos dez anos para explicar o que era inseminação artificial, como pediu comida de um restaurante de Massachusetts quando mamãe estava com saudades de casa e como quando me levou à Coreia.

Essa é a melhor história: tinha nove anos, e apesar de Amanda também ser adotada, ela era incrivelmente parecida com papai, tão morena e de cabelos tão negros quanto. Então era James, que era uma cópia fiel, Mandy e a garota oriental. Reparei nisso um dia quando fomos comer em um restaurante e

alguém no banheiro disse que era bonito aquele casal “adotar a chinesinha”. Chorei, chorei e chorei e me neguei a contar o que estava acontecendo até minha mãe conseguir me arrancar a verdade. Ela me abraçou a noite toda e chamou aquelas pessoas de idiotas.

Mamãe podia ser bem territorial, lembro do dia que ela jogou um pote de tinta em uma mulher em uma recreação pai e filho quando alguém disse que “esses imigrantes estavam sujando a América” enquanto apontavam para mim. Ela só não bateu na pessoa porque meu pai a segurou a tempo. Ela estava com muita raiva, de verdade, o que era outra coisa que meu pai dizia que mamãe era incapaz. Aparentemente, depois de nos ter, Sarah Hunt se tornou uma mãe disposta a comprar qualquer briga com quem tentasse nos ferir, mas antes, era alguém quieta e sem tendências a assassinatos. Também duvidava disso e acho que ela só tinha essa força dentro dela e nunca quis usá-la.

Essas situações aconteceram tantas vezes que começaram a me incomodar. Aí vai o grande gesto do meu pai. Quase dois meses depois do dia que chorei dizendo “*vocês são diferentes de mim, não são meus pais de verdade*”, embarcamos todos para a Coreia do Sul, lugar de origem da minha mãe biológica. Por lá, todos tinham os mesmos traços que os meus, o cabelo liso e pesado, os olhos puxados, tudo, mas era como se eu também não pertencesse àquele país. Aos nove anos, entendi que ia ficar presa nesse limbo de não ser

nem de um lugar nem de outro, mas que pelo menos eu precisava saber quem eu era, de onde vim. Papai me pegou no colo dentro do metrô naquele dia e me disse:

— Viu, eles são parecidos com você. Aqui os diferentes somos nós.

— Mas eles não são vocês — respondi segurando seu rosto. — Mamãe, você, James e Mandy são diferentes, mas eu sinto todos em meu coração. Nós somos família.

— Sim, bebê, nós somos.

— Eu te amo, papai.

— Também amo você, Liv.

Os olhos de papai brilharam naquele dia, mais um exemplo da manteiga derretida paterna que ele se tornou. Quando fiz 18 anos, corri para um estúdio de tatuagem e escrevi isso em meu braço. *“Os que eu sinto no coração”*. Antes de ver o que era, mamãe fez um escândalo sobre como eu poderia me arrepender e ter pensado bem antes de fazer uma tatuagem tão nova, que talvez tio Jason e suas milhares de tatuagens tivessem me influenciado. Mas então ela viu e me abraçou tão ridiculamente forte que poderia ter morrido sufocada. Anos depois, a tatuagem se tornou uma obra coletiva: primeiro foi mamãe, depois papai, Mandy e James.

A emoção do meu pai era diferente. Era meu casamento, depois de meses

de noivado, mas mesmo assim ele queria me dar a oportunidade. Pela manhã, meu pai me olhou sério e anunciou:

— Se quiser pular fora, posso te ajudar. Me avisa que posso resolver tudo... Sabe que não vai ser um escândalo, já tivemos um casamento desfeito no altar nessa família — ele disse nervoso, olhando para os lados. Eu ri e o abracei.

Não é como se ele não quisesse que eu não saísse de casa. Efetivamente papai e mamãe estão sozinhos em casa há mais de dois anos, quando James foi para a faculdade. Um dia, cheguei sem avisar e eles estavam transando como coelhos na cozinha. Desagradável e tão eles dois. Era uma espécie de batismo, sempre algum filho acabava flagrando os dois e terminávamos tendo “a conversa”. Nossa com eles, sobre lugares apropriados e isolamento de som no quarto principal.

A emoção do meu pai cresceu ao longo da cerimônia e da festa e atingiu seu ápice na dança de pai e filha, onde ele tinha lágrimas nos olhos. Ele era o melhor pai que eu gostaria de ter assim, assim como mamãe. Nunca procurei por meus pais biológicos, apesar de ter passado por um momento de revolta na adolescência. Até onde sabia, sempre fui uma Hunt que nasci em outro lugar.

— Quero que seja feliz — ele disse beijando minha testa, nos separando nos últimos acordes da nossa canção.

— Eu já sou. E se tiver metade do que você e mamãe têm, serei sortuda.

— Ele sorriu e olhou além de mim. Virei para ver minha mãe esperando atrás de nós dois.

— Posso roubar seu parceiro de dança? William quer dançar com você.

Sorri para meu marido no meio da multidão, me dando um sorriso torcido tão dele. Mamãe me puxou para um abraço antes de me deixar ir até ele, me atraindo para seus braços protetores.

— Eu amo você, minha pequena.

— Também amo você, mamãe.

Ela sorriu e se aninhou nos braços do meu pai ao mesmo tempo que dava passos decididos para meu marido. Marido... *Teria que me acostumar com aquelas palavras.* Cheguei até William e fiz o mesmo, abraçando-o enquanto uma nova música lenta começava a tocar.

— Momento difícil com seu pai?

— Não, tudo perfeito como sempre tem que ser — respondi dando de ombros, meu olhar sendo atraído para os dois dançando de olhos fechados no meio da pista de dança, tão envolvidos neles mesmos. Desejei ser daquele jeito quando tiver 30 anos de casamento, tão apaixonada como no primeiro dia.

FIM

Deixe seu comentário na página da Amazon, é muito importante e me ajuda a publicar cada vez mais! [Clique aqui para deixar uma avaliação de “Matt - À Primeira Vista”.](#)

Leia “Jack – Amor Inevitável”, o segundo livro da série “Os Irmãos Hunt”.

Jack Evans é um dos atores mais famosos de Hollywood e planeja produzir seu primeiro filme ao lado do melhor amigo. A queridinha das comédias românticas Victoria Walters é a escolhida para ser protagonista de "Dúvida", mas o bad boy desconfia que comportamento da atriz fora das telas possa atrapalhar a gravação.

Mas nem sempre as coisas são o que parecem. Victoria sofre um acidente e não quer perder sua grande chance na carreira. A solução? Convencer sua irmã gêmea a assumir o papel. Blair Walters se distanciou de seu passado em frente às câmeras, mas terá que voltar para ajudar a irmã.

Porém o que seria um plano simples se torna uma incrível tortura quando Blair se apaixona por seu colega de elenco. Antes de descobrir ser uma Hunt,

Blair achou seu grande amor. Conheça a história de Blair e Jack.

CAPÍTULO 1

Blair

— Blair! — Victoria, minha irmã gêmea, gritou mais uma vez, sua voz abafada pela tala da rinoplastia enquanto gemia baixo como se tentasse se ajeitar na cama de sua mansão.

Mal tinha pisado na minha casa quando recebi um telefonema de um número desconhecido. Era Tyra, a assistente de Vic, me avisando sobre o acidente da minha irmã. Não era a primeira vez que ela tentava me contatar. Havia pelo menos três mensagens da assistente na secretária eletrônica

quando cheguei em casa, depois de uma viagem de trabalho desgastante. Passei quarenta dias no deserto de Las Vegas filmando um filme de ação, e, assim como a passagem bíblica, vivendo o inferno nas mãos de um diretor de fotografia.

Ele era temperamental e me odiava porque não fazia parte do seu time fixo: os diretores de fotografia costumavam ter sua própria turma, mas por uma questão de agenda, um de seus assistentes não pôde participar. Jonah Carmichael, meu antigo professor da universidade, me chamou para participar do projeto, e aí começou o drama, porque eu era “nova demais”, “inexperiente demais”, “sem força para encarar a estrutura”. As pessoas pensavam que, como cresci na indústria, conhecia muita gente, mas reputações são criadas através de trabalho duro. Os trabalhos que eu fazia eram fruto da época da faculdade e dos cursos de especialização, um dos 17 filmes que trabalhei na área de câmera e elétrica, nada envolvendo os longas-metragem das gêmeas Walters.

Sobrevivi ao diretor de fotografia e às condições ruins do clima para cair de paraquedas na mansão de Victoria. Assim que Tyra me explicou sobre o acidente, larguei minhas malas e corri para minha gêmea. Ela estava esquiando no Canadá quando bateu em uma árvore depois de perder o equilíbrio. Com um pouco de vergonha, Victoria me confessou que o “erro” foi fruto de distração: minha gêmea era uma exímia esquiadora, fazendo

peregrinações anuais para descer montanhas em alta velocidade, mas decidiu atender a um telefonema.

Qualquer pessoa comum teria deixado o telefone no hotel ou mesmo largado em um dos bolsos do imenso casaco e atendido o celular depois. Vic, não. Em meio a uma decida de 100 km/h, ela recebeu de Morgan, seu empresário, a notícia de que havia sido escalada para o papel de sua vida. Ela teve muita sorte de ter apenas o nariz e o braço quebrados, uma torção no tornozelo e o rosto inchado como se fosse Slot de *Os Goonies*. Acidentes como o dela poderiam ser fatais, e apesar de sentir piedade, não aguentava mais seus resmungos sobre se apresentar a tempo nas leituras e gravação do filme importante – o tal filme que seria “o papel de sua vida”.

— O que é, Vic? — perguntei solidária, colocando o rosto para dentro de seu quarto.

Desde o momento que cheguei em sua mansão, Victoria pediu coisas como “Blair, pegue um copo de água”, “Blair, não consigo me mover, coce minhas costas?”, “Blair, o gesso está coçando, o que eu faço?”. Victoria não era a irmã mimada e insuportável, como muitas pessoas pareciam achar, mas ela constantemente precisava de ajuda. Vic sempre foi a mais forte entre nós duas, mas também a mais dependente. *Minha irmã me enlouqueceria.*

Minha gêmea era metade de mim, mas éramos diferentes na personalidade como água e vinho. Vic aprendeu desde cedo que precisava tomar frente das

coisas se quisesse conquistar algo, e era exatamente o que ela estava tentando fazer: garantir seu sucesso. Eu, por outro lado, apenas desistia e tentava outra coisa. Alguns diriam que é a teoria de irmãos, em que um precisa ser o centro das atenções para o outro conseguir se esconder. Eu era chata, tímida e entediante, a calmaria depois da tempestade. Vic era o furacão que abalava as estruturas e provocava a tal tempestade.

Durante a infância, não perceberam como éramos opostos. Tanto que nossa mãe, uma ex-atriz que nunca decolou com a carreira além de pequenas participações em seriados e filmes, decidiu que nós deveríamos conquistar Hollywood em vez dela. Durante toda a infância, fizemos filmes e depois fomos para televisão com nosso próprio seriado até chegar perto da idade adulta e eu finalmente poder desistir.

Eu odiava tudo aquilo. Amava gravar, toda a produção e criação, mas odiava toda a exposição, a imprensa, as inúmeras horas de maquiagem e estilo para estar sempre perfeita. Detestava ainda mais a pressão, os pais dos atores brigando porque “seu filho tinha um papel menor que o meu” e meu padrasto dizendo que eu não deveria me afetar, continuar a comer ainda menos e ser a criança reluzente que todos os diretores amariam ter em seu elenco.

Com 17 anos, cheguei ao limite, mas Vic quis continuar. Ela cresceu rapidamente, se tornou a “rainha” das comédias românticas e estava prestes a

estrelar seu primeiro papel sério – se descobrisse como contornar um nariz, perna e braço imobilizados com as primeiras leituras tão próximas. Às vezes me pegava pensando “e se”, mas sabia a resposta. Ao contrário da minha irmã, a estrela de cinema, não tinha sido feita para aquele mundo. Sempre existiria uma atriz famosa igual a mim, mas nunca seria eu.

Quer dizer... Era estranho não ver meus traços em seu rosto, a tala e o inchaço escondendo o quão idêntica éramos: os mesmos cabelos ruivos e os olhos verdes como esmeraldas. O exterior finalmente combinando com o interior.

— Venha aqui, por favor! — ela pediu com a voz anasalada enquanto eu dava um sorriso agri-doce para Tyra, sentada ao lado da cama de minha irmã. Balancei a cabeça, tirando-me de meus pensamentos. *O que Vic queria daquela vez?*

— Você demorou — Vic choramingou. Ela estava afundada em sua gigante cama king size, que destacava o quão pequena e frágil estava.

Como tínhamos vidas diferentes, ainda me sentia oprimida pela mansão da minha irmã: meu apartamento inteiro cabia em seu quarto, uma mistura de estilo clássico com a visão de Los Angeles em janelas de vidro do chão ao teto. Os móveis eram todos cheios de detalhes: da cabeceira talhada ao divã branco em um dos cantos. Uma mesa baixa e um tapete tão felpudo que parecia que se andava sobre as nuvens. Apesar de pouco decorado, pequenas

coisas de Vic completavam o ambiente, como vasos com pequenas flores de lavanda ou sua obsessão por bugigangas douradas.

Isso era apenas metade do seu quarto. Em um dos lados existia uma entrada para um banheiro gigante com uma hidromassagem – que parecia uma piscina – e do outro, um closet com tudo que é tipo de roupa. No centro desse ambiente, uma mesa se fazia às vezes de ilha, acumulando perfumes, acessórios e joias – sem bugigangas douradas por aqui, tudo de verdade. Minha irmã tinha um quarto do Pinterest bancado por suas horas de trabalho na indústria cinematográfica.

— Precisava ver minhas coisas, Vic. Eu nem mesmo troquei de roupa desde que soube do acidente. Tinha tantas mensagens para responder que meu celular estava prestes a explodir — suspirei como se estivesse falando com uma criança de cinco anos. — Está tudo bem? Alguma coisa doendo?

— Graças aos remédios, está tudo bem por aqui — ela respondeu com um breve sorriso, sua expressão caindo quando me encarou séria. — Meu nariz vai ficar feio, não vai? Vamos ficar diferentes, isso é tão absurdo! Não quero ser diferente de você!

— Vic, nada vai acontecer. O melhor cirurgião de L.A. te operou, você precisa de tempo. Sei que está entediada, cansada e com dor, mas vai ficar tudo bem, prometo — repliquei, aproximando-me da cama enquanto Victoria me dava um sorriso no meio do inchaço.

— Morgan ligou, Blair. Preciso estar lá na semana que vem. Foi difícil conseguir esse papel, fiz testes, tive que convencer a equipe de que não sou apenas uma atriz adolescente. Quero papéis mais sérios, e agora vou perder essa oportunidade.

— Ele avisou aos produtores? Você sofreu um acidente, Vic. Não é como se estivesse fugindo das gravações para sair e curtir por aí. E não assinou o contrato ainda...

— Eu assinei o contrato, Blair — ela revelou em um fio de voz.

— Como assim? — Observei minha irmã em confusão. — Se você recebeu a notícia pouco antes do acidente, como você...

— No hospital — Vic me interrompeu. — Não sabia que precisava de tanto tempo de recuperação e assinei a papelada. A Star Kingdom é um pesadelo de advogados. Acho que existe inclusive algum parágrafo sobre eu tomar cuidado para não sofrer acidentes...

— Vic! — exclamei irritada com minha irmã.

— Discuti com meu agente sobre isso. Morgan ainda não contou e não temos outra opção... A menos que... — Victoria me encarou como costumava fazer quando éramos adolescentes, seu cérebro parecia formular a solução para algo complicado, trazendo uma solução.

Conhecia Vic como a palma da minha mão e sabia para onde seus

pensamento estavam indo. *Não, absolutamente não.* Ela gostaria de trocar de lugar, eu sabia pelo olhar insistente. Fizemos isso várias vezes quando criança, mas agora era diferente. Poderia ser processada por falsidade ideológica, pelo amor de Deus.

— Não pense nisso, Vic — bufei em resposta, vendo Tyra se levantar da cama, como se quisesse nos dar espaço. Continuei cravando meu olhar em minha irmã por muitos segundos, em silêncio, notando a assistente sair porta afora, deixando-nos sozinhas.

— Por favor, Blair, por favor, por favor, por favor... — minha irmã murmurou, esticando sua mão para mim e entrelaçando nossos dedos. — É o único jeito de dar certo!

— Vic, não atuo há mais de dez anos. E não sou você. Isso é errado.

— Mas isso vai estragar minha carreira, é minha oportunidade de ouro!

— Vic, não posso fazer! — falei mais alto do que gostaria, recebendo um olhar autoritário da minha irmã. Ela sempre foi a “confabuladora” de nós dias. A irmã que “conspirava intelectualmente” enquanto eu seguia seus planos. Essa personalidade intensa de Vic sempre me metia em problemas, mas existia algo nela que acabava me fazendo ajudar suas ideias mirabolantes.

— Blair, são leituras de personagem. Você nem mesmo precisa se

arrumar, pode se vestir do seu jeito — ela respondeu com amabilidade e me fez olhar para mim mesma, sentada em sua cama. *Ouch*.

— Que jeito, Vic?

— Não vamos entrar nisso, Blair. Você tem seu estilo e eu tenho o meu, nunca iria aos lugares usando jeans e camiseta de banda como você — ela disse balançando sua mão livre como se aquela discussão fosse desnecessária. — Acredito que no máximo terá que tirar medidas para o figurino, e nós somos idênticas até mesmo nisso.

— Vic, estou de férias, não vou fazer isso. É errado.

— Você iria gastar as férias comigo, sua irmã doente e insuportável. Por que não na produção? Não é nada que não faria como você mesma, e ainda tem o Jack Evans. Ele está produzindo e é o ator principal... Por favor, por favor!

— Já disse, não. Chega disso. Quer algo para comer? Alguma coisa? — perguntei, levantei-me e cortei nossa ligação tentando mudar de assunto.

— Quero que me ajude. Blair, preciso de ajuda. Trinta dias, B. Odeio ser essa pessoa, mas você me deve isso — Vic anunciou de forma firme, encarando-me profundamente, sua voz saindo baixa como se estivesse com vergonha das palavras que acabara de proferir.

Merda. Sabia que um dia ela exigiria o pagamento. Algo aconteceu

naquele dia, há oito anos. Escondia cada fato daquela noite dentro de mim, evitando pensar na culpa que crescia incontrolável desde então. Nós nunca falamos a respeito em todo esse tempo, mas eu sabia: devia a Victoria e ela poderia pedir qualquer coisa em troca. Minha gêmea finalmente teria sua retribuição.

— E se alguém descobrir? E se eu for presa, Vic? Vamos acabar com a carreira uma da outra — sussurrei a pergunta com preocupação.

— Ninguém vai descobrir, e, se descobrir, eu cuido disso. Amo você, B. Me desculpa por estar fazendo isso — ela respondeu, seus olhos fugindo de mim. Aproximei-me com calma, abaixando-me desajeitadamente e evitando apertar em lugares machucados ao mesmo tempo que a abraçava.

— Você é meu furacão, V. Não gosto do que vou fazer, mas também não gosto de como me acobertou há oito anos...

Victoria levantou o braço bom, colocando seus dedos em meus lábios, fazendo-me calar. Sabia que ela não gostava de falar daquela noite tanto quanto eu. E Vic tinha muito mais motivos.

— Não quero falar sobre isso e me sinto mal por usar isso contra você. Já passou, Blair — ela tentou garantir, a voz falhando ao final, como se quisesse afirmar mais para si mesma do que para mim.

— Tudo bem — suspirei resignada. Um silêncio se instaurou entre nós

enquanto nos encarávamos sérias, sabendo que eu trocaria de lugar com minha irmã gêmea.

— Pegue aí na mesa esses papéis, são o script e as anotações. — Victoria apontou para a superfície perto do divã. — Quero que os leia e vamos trabalhar nisso nos próximos dias, ok?

— Vic... Ninguém pode saber disso, nem Morgan. Se ele souber que “você” está indo aos ensaios, invente algo sobre estar indo de muletas. Não quero ele sabendo disso — pedi e Vic balançou a cabeça afirmativamente.

— Morgan ainda acha que é um erro fazer esse filme, ele diz que vai atrapalhar os meus contratos de publicidade, mas estou pouco me importando. Não vai me acompanhar em tudo. Além do mais, são só leituras — ela bufou. — Estou tecnicamente sozinha nisso.

— De verdade?

— Morgan já lidou com o contrato, então ele só deve aparecer se eu começar a faltar nos ensaios e em outros compromissos. Preciso urgentemente de um novo agente, porque ele não me dá atenção.

— Achei que Morgan era o responsável por sua virada.

— Não me entenda mal, graças a Morgan deixei de ser a menininha para ser uma atriz de comédias românticas, mas parece que ele quer ganhar dinheiro, não pensar na minha carreira, sabe? Só se interessa pelos meus

contratos publicitários, e não pelos trabalhos. Preciso de alguém que se importe com a indústria e não me trate como uma espécie de estrela decadente.

— Tem certeza de que ele não vai incomodar?

— Absoluta. Vá para casa, leia isso e conversamos depois. Nas últimas horas, tenho sido um inferno de pessoa, me desculpe. — Ela sorriu sem jeito.

— Tudo bem, mas não vou aguentar por muito mais tempo, viu? — respondi em um meio-sorriso e ela riu de volta, acenando com a cabeça enquanto eu saía do quarto.

Quando cheguei ao meu apartamento, minha pequena caixa de sapatos comprada com meus esforços e com o que restou do dinheiro da nossa adolescência, comecei a ler o roteiro. Eu deveria tomar um banho, tentar dormir e descansar pelos dias em Las Vegas, mas fui tomada pela história do novo filme de V. Se ela tivesse dito que era uma releitura de “Suspeita” de Hitchcock, talvez tivesse topado mais rápido. Era um longa-metragem incrível, e minha irmã estaria maravilhosa como a rica herdeira seduzida por um príncipe encantado que pode ser um golpista assassino.

Na versão do diretor Liam Hale, Lina continuaria sendo uma mulher rica e desajeitada com relacionamentos, mas Johnnie seria um veterano do Afeganistão, mais sóbrio e menos charmoso. Pelas anotações de V, o diretor

queria que a sombra de violência e trauma fosse a capa de proteção do personagem – um disfarce perfeito para a falta de relações e o medo que Johnnie causaria. Seria genial e estava empolgada para participar do projeto até perceber que, em vez do meu lugar na fotografia, estaria no papel principal por algumas semanas... *Droga*.

Nos dias seguintes, Victoria e eu começamos a trabalhar no roteiro. Tentava separar “Vic, minha irmã acidentada” de “Vic, a atriz que devo substituir”, mas nem sempre conseguia. Passei a semana trabalhando com ela, e com sua ajuda ensaiei as falas do jeito que ela queria, com a intenção e características da minha irmã, quase uma encenação dentro da outra. Era incrível vê-la trabalhar, porque era notável como Victoria gostava daquilo. Ela me ensinou sobre as pessoas que conhecia de outros trabalhos, quem poderia reconhecê-la e quem não e algumas das características deles. Com a ajuda da internet, minha gêmea me mostrou fotos e suas relações entre si.

— Mas e se eu fizer alguma bobagem? — perguntei em um desses dias.

— Você é uma atriz, vão achar que é excêntrica, metida, essas coisas — ela respondeu e deu de ombros, me fazendo rir. Recebi seu cronograma por e-mail e comecei a me preparar mentalmente.

Então chegou a quinta-feira, o dia que deveria começar a ser Victoria Walters.

Que os jogos das gêmeas começassem.

CAPÍTULO 2

Jack

Dou um gole no meu suco observando que são dez horas da manhã. Quem diria que Jack Evans, o ator bad boy, poderia acordar cedo, desfrutar de um bom café e chegar a tempo a casa de Liam para iniciar a produção de “Dúvida”, nosso novo filme. Há dez anos, essa seria a hora que estaria chegando em casa, com um batalhão de pessoas entre meu agente, amigos e segurança tentando me acalmar e me fazer dormir.

Era a porra de um merdinha autodestrutivo. A imprensa tentou glamourizar meu problema, virei o queridinho das pessoas por ser um escroto

e ganhei fama por meus escândalos. Enquanto eu fosse um ator que rendesse dinheiro, a indústria parecia virar o rosto para meus excessos com bebidas e cocaína e fingir que não estava vendo. Eu mesmo precisei me salvar ou terminaria como uma daquelas celebridades que morreram “jovens demais” e que tinham um “problema” incapaz de superar.

— Bom dia, Jack — Marshall, meu agente, cumprimentou, entrando na cozinha da minha casa em Bel Air e me estendendo uma caixa com cheiro bom. — Trouxe donuts, já que oficialmente está livre daquela dieta de merda.

— Você é um santo, Marshall!

Ele era meu agente desde o início da minha carreira. Marshall era grande e negro e passou mais tempo sendo confundido com meu segurança do que meu empresário. Apesar de ser diferente da maioria dos agentes hollywoodianos, era um predador dos negócios. Ele veio do mundo da música e cresceu junto ao movimento do *Gangsta Rap* do Compton, mas decidiu diversificar depois que as coisas ficaram violentas: sua mulher Rochelle estava grávida quando quase o mataram na porta de uma boate. A marca de tiro continuava lá, mas as intrigas ficaram apenas mais refinadas e menos perigosas.

Depois de estrelar o filme universitário de Liam Hale, diretor e meu amigo, caí de paraquedas na gravação de “Intriga à meia-noite”. Era um papel pequeno e quase sem destaque, mas que atraiu atenção. Diana Mendes, a

pessoa responsável pelo casting e que me chamou para um teste ao ver o longa de Liam, tinha razão, alguma coisa atraía quando eu estava na tela. Passei no teste de “Intriga” e o resto, como chamam, era história: 12 filmes, outros tantos trabalhos e quase sempre no elenco principal.

Nesse período, conheci Marshall. Era o agente do protagonista e me colocou para debaixo de suas asas até que comecei a fazer mais dinheiro que seu antigo pupilo, o que o fez decidir cuidar apenas dos meus negócios, para passar mais tempo com Rochelle e os filhos.

— Merda, você estava comendo só frango nos últimos meses, isso deve ter sabor de céu. Engoliria isso em três segundos se fosse comigo.

— Sim — respondi com a boca cheia de rosquinha. *Merda, precisava muito disso.*

— Por que me deixou sozinha na cama? — indagou uma voz feminina estranha atrás de mim. Senhorita que não lembrava o nome entrou na cozinha, caminhou até a mesa à minha frente e se atreveu a pegar minhas rosquinhas. *Que merda?*

Tudo bem, nem tudo mudou em minha vida, mas sou uma pessoa muito mais calma do que era há uma década. Transei ontem à noite, a trouxe para o duplex e achei que, assim que acordasse, ela entenderia que foi apenas uma noite. *Parecia que não.*

— Tem um carro esperando por você — anunciei encostado na ilha da cozinha e dei minha atenção a Marshall e às rosquinhas. Estiquei-me sobre a mesa, puxando a caixa de donuts para fora do alcance dela enquanto observava a mulher de cabelos e olhos escuros abrir e fechar a boca como um peixe, chocada com minha reação. *Estava tranquilo até ela roubar minha comida.*

— Como assim? Pensei... Eu pensei... — ela respondeu, a rosquinha mordida em suas mãos e seus olhos em mim.

— Que eu iria me apaixonar, que teria seu momento Cinderela com um ator famoso e sua vida mudaria? Sinto muito, querida, só achei você gostosa — completei e dei de ombros sabendo que estava sendo um idiota. Às vezes me aproveitava da minha fama de ser um escroto, para ter carta branca para cenas como essa.

— Você é um babaca, vou fazer todas as pessoas saberem disso! — ela berrou e correu para o quarto, onde deveria ter deixado suas coisas na noite anterior.

— Precisa parar de trazer essas mulheres para cá, é sua casa, Jack. Se elas quiserem ser loucas, elas podem, e sua equipe de segurança não vai conseguir impedir — Marshall aconselhou com olhos julgadores. Ele detestava quando eu fazia esse tipo de coisa.

— Elas querem fama, não são assassinas em série. Me usam do mesmo jeito que eu faço com elas. E se ela quer falar sobre minha fama de babaca, precisa entrar na fila. Hollywood inteira sabe disso e continua a me contratar.

— Então você só está sendo cruel, cara.

— Eu não tenho uma esposa bonita como você, Marshall. Preciso arranjar mulheres do jeito que dá.

— E qualquer dia desses vai enfrentar um processo de paternidade, então, em um abrir e fechar de olhos, vai dar metade do seu dinheiro para uma dessas mulheres.

— Tudo bem, tudo bem. Entendo seu ponto, chefe — respondi levantando minha mão em sinal de defesa antes de abocanhar mais um donut.

— Já melhorou muito, rapaz. Aquele período em que quase te abandonei foram os piores, você só precisa se refinar. Mas ela ainda vai dar uma “exclusiva” sobre o tamanho do seu pau ou qualquer coisa. Sabe como isso funciona.

— E vai descobrir que isso acontece uma vez por semana — suspirei de prazer comendo a última das rosquinhas, uma com cobertura de chocolate e recheio de creme, e mudei de assunto: — Esse trabalho com Liam vai ser o ponto de virada da minha carreira. Chega de filmes de ação e *blockbusters*, quero algo mais.

— Meu garoto quer um prêmio? — Marshall respondeu levantando a sobrancelha, como se estivesse duvidando das minhas palavras.

— Sim, e reconhecimento também, mas estou preocupado por Victoria Walters — expliquei apertando os dedos nos olhos. Desde a contratação da mulher, estava estressado sobre ela estragar o projeto inteiro sendo apenas... ela.

Tomei mais um gole de suco enquanto pensava que não a conhecia, mas sabia que ela era minha vizinha nos Hamptons. Eu me apaixonei assim que vi a propriedade de Nova York em uma visita a Liam no ano anterior. As duas casas dividiam a doca localizada na divisa entre elas, o que me deixou um pouco nervoso sobre Victoria confundir as coisas. No intervalo de tempo que minha assistente tentava comprar a casa — e no processo de comprar a de Victoria também, que negou assim que recebeu a proposta —, ela comentou sobre a nova produção e nossos testes para a nova Lina. Precisávamos de uma jovem atriz talentosa, bonita e que não tivesse um rosto marcado de outros projetos. Uma *famme fatale* não combinaria com nosso patinho feio.

Enquanto eu produzia locação, contatos, fundos e direitos, Liam fazia toda a sua parte criativa, incluindo o casting. Foi assim que, um dia, ele chegou para mim e disse:

— Victoria é perfeita. Ela tem a doçura e o olhar malvado necessários.

Eu duvidei, mas não podia me meter no trabalho do meu amigo. Era trabalho dele achar os personagens, então, apesar de mostrar meu descontentamento, concordei.

Desde então, me preocupava a cada dia pela decisão, mesmo Liam garantindo que eu ficaria aliviado depois do início das leituras. Que o teste dela foi uma das coisas mais incríveis que ele tinha visto na indústria. Eu concordei quando assisti, mas ainda parecia hesitar. Sentia em mim que teríamos problemas.

— Ela é bonita, Jack — Marshall disse, me tirando de meus pensamentos sobre Victoria Walters. Ela era realmente linda e parecia saber disso. *Deus me livre de uma diva no set.*

— Quem?

— Estava falando sobre Victoria — disse Marshall me encarando. Ele estava preocupado de eu estava dando um passo maior do que as pernas, mas provaria que podia fazer. Desejava fazer um filme desde que comecei a escola de cinema, aos 18 anos.

— Claro, ela parece funcionar em frente às câmeras, mas só fez filmes ruins até agora. Liam achou o teste muito bom, mas ainda acho que alguma outra atriz faria melhor.

— Vamos, Jack, você mesmo fez uma quantidade de filmes ruins até

poder escolher o que queria fazer de verdade — Marshall me censurou.

— O problema é: qualquer deslize dela e teremos publicidade negativa no projeto.

— Eu vou dar um monte de publicidade negativa! — berrou a ladra de comida, ela saía do quarto completamente vestida, caminhou até a porta principal, batendo-a com força. *Os paparazzis de plantão terão um show nessa manhã.*

— Ela não tem nem ideia — Marshall falou e riu com uma careta.

Senhorita ladra de comida era mais uma na minha lista, e eu sei, isso era cruel. Não fazia ideia do nome dela, só que era uma garçonete de um evento que compareci na noite anterior. Era uma delícia de uniforme justo e flertou comigo desde o primeiro momento. Quando perguntei se queria ir para um lugar mais calmo, ela concordou e a trouxe para casa. Apesar de vir para meu duplex, elas não vão para perto do meu quarto ou escritório. A minha equipe de segurança também sabe de todas delas, com direito a câmeras por quase todas as partes da casa. Ser famoso é quase viver em um reality show que nunca termina.

— Vou correr e depois ir para o Liam, algo planejado?

— Sua agenda está obstruída para o filme, Jack, acho que vamos nos ver pouco na próxima semana. Meu trabalho começa com o nosso planejamento

de divulgação, e, por favor, pare de foder essas mulheres aqui. A imprensa me procura, mas quero ficar tranquilo com Rochelle durante esse tempo que estará com Liam.

— Outras férias em família?

— Trancados, sem sair de casa, nus na piscina enquanto as crianças estão fora...

— Isso é informação demais —interrompi. — Nos falamos se precisar, ok? Adeus, Marshall.

— Vou deixar os novos roteiros no seu escritório — ele explicou da porta, mostrando-me alguns envelopes. — Peço para entregar rosquinhas todas as manhãs?

— Você leu minha mente!

— Faça mais algumas abdominais só para equilibrar.

— Eu ouvi, mamãe!

— E Jack... — ele suspirou. — Você tem carta branca nessa indústria, mas Victoria, não. Você gostaria de ser lembrado dos seus erros o tempo todo como ela?

— Não é isso e você sabe — eu resmunguei de volta.

— Você quase teve uma overdose em uma boate e continua protagonizando filmes. Se fosse uma mulher em Hollywood, sua carreira já

teria sido enterrada há anos. Dê uma chance para a garota — ele aconselhou e se despediu.

Balancei a cabeça, estava pensativo e não queria dar o braço a torcer. Victoria ficou em minha cabeça até mesmo quando comecei minha série de exercícios matinais. Deveria estar animado com o pontapé inicial de “dúvida” depois de lutar com unhas e dentes para a Star Kingdom aceitar o projeto e ter Liam na direção, mas me sentia preocupado. As coisas poderiam escapar facilmente dos meus dedos se algo desse errado com o projeto... E eu me certificaria de que nada nem ninguém o atrapalhasse.

[Continue a Ler “Jack – Amor Inevitável” clicando aqui.](#)

[Clique aqui para ler outros livros da autora](#)

Se inscreva na [minha lista de e-mails](#) e saiba das novidades em primeira mão — [Saiba mais aqui.](#) Me envie mensagem através do Instagram

<https://www.instagram.com/karensantosautora> e Facebook

<https://www.facebook.com/karensantosautora>

Proibida a cópia total. Cópia parcial apenas para resenhas. Todos os direitos reservados. License: All rights reserved. Imagem: Pixabay.